

Lindercy Francisco Tomé de Souza Lins

**UM DIA, MUITAS HISTÓRIAS...
TRAJETÓRIA E CONCEPÇÕES DO PRIMEIRO DE MAIO EM FORTALEZA
DA PRIMEIRA REPÚBLICA AO ESTADO NOVO**

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Curso de Pós-Graduação em
História Social da Universidade
Federal do Ceará, como requisito
parcial para obtenção do grau de
Mestre em História Social, sob
orientação da Professora Dra. **Adelaide
Maria Gonçalves Pereira.**

Fortaleza – CE / 2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

Lindercy Francisco Tomé de Souza Lins

Esta Dissertação foi julgada e aprovada, em sua forma final, pela Orientadora e membros da Banca Examinadora, composta pelos professores:

Professora Dra. Adelaide Maria Gonçalves Pereira – Orientadora
Universidade Federal do Ceará

Professor Dr. Frederico de Castro Neves
Universidade Federal do Ceará

Professor Dr. Jorge Luiz Ferreira
Universidade Federal Fluminense

Professor Dr. Eurípides Antônio Funes
Universidade Federal do Ceará

RESUMO

O Primeiro de Maio, cujas origens remontam às lutas por melhorias, nas condições de trabalho da classe trabalhadora do final do século XIX, se configurou ao longo do tempo, como o principal rito operário, tanto pelo caráter internacionalista, e pelo significado de sua comemoração. No decorrer da história, observa-se constante disputa em torno do mote político-ideológico do Primeiro de Maio, ora se constituindo como “dia do trabalho”, sob forma de homenagem prestada pelo Estado aos “colaboradores do progresso”, sobretudo durante o varguismo (1930-1945), ou como “dia do trabalhador”, ou seja, data destinada à reflexão dos trabalhadores sobre sua condição, cujo intuito era de se sociabilizar, ou lutar contra o capital, ao rememorar os Mártires de Chicago. Esta pesquisa teve como finalidade analisar a trajetória das comemorações de Primeiro de Maio em Fortaleza, durante o período que se inicia na Primeira República ao fim do Estado Novo. Dentre os objetivos, tentou-se apontar as principais apropriações e significados de que o rito operário se caracterizou ao longo do período, notadamente as disputas em torno de seus significados pelos trabalhadores, Estado e Igreja Católica.

ABSTRACT

The First May Day, which origins are related to the fights for better working conditions of the laboring class at the end of the 19th century, showed up throughout time as the main laboring rite because of its internationalist character as well as for the meaning of its commemoration. Through History a constant dispute along May Day's politic and ideological motto is observed: sometimes it constitutes itself as a "Day of Work", under form of paying homage to "colaboradores do progresso" by State, mainly during the "varguismo" (1930-1945); other times as a "Day of Laboring Class", that is, a date destined to the reflection of the workers on its condition, which intention was to socialize themselves; or even to fight against capital, when recollect the "Chicago Martyrs". This research aimed to analyze the trajectory of May Day's commemorations in Fortaleza, State of Ceará, Brazil, during the period between "First Republic" and "Estado Novo". Amongst the objectives of this research, one of them was to point out which had been the main appropriations and meanings of this laboring rite presented among the disputes of its meanings for the workers, State and Catholic Church.

Ao meu pai Francisco José Lopes
Lins (em memória) e minha Mãe
Hosana. Obrigado por sempre estar
ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico pelo apoio à pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História Social da UFC, notadamente, aos lotados na linha temática “Trabalho e Migrações”: Edilene Toledo, Eurípides Funes, Frederico de Castro Neves e Luigi Biondi, que ajudaram na formulação teórico-metodológica da pesquisa.

Ao professor Dr. Jorge Luiz Ferreira, pela gentileza em participar da banca.

À minha orientadora, professora Adelaide Gonçalves, intelectual e militante socialista que, apesar das suas diversas atividades, teve a paciência e rigor necessários à orientação desta pesquisa.

Aos servidores, mormente, Dona Regina e Sílvia, sempre dispostas a ajudarem os mestrands desinformados, como o que escreve.

Aos colegas e amigos de Mestrado da turma 2004, que estiveram mais próximos durante o primeiro ano de curso: Carla Silvino, Carlos Eduardo Egberto Melo, Kamilo Karol, Isaac, Tácito Rolim, Terezinha Dantas, Túlio Muniz, Yuri Holanda e Wagner Castro, nos bons momentos de descontração nas aulas, e na contribuição ajuda na reelaboração do projeto.

Ao camaradas do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário - IMO, sobretudo, na pessoa da Professora Susana Jimenez, que me orientou durante a graduação, sendo fundamental na minha formação intelectual e fraterna.

Aos funcionários da Biblioteca Pública Menezes Pimentel, da Biblioteca do Seminário da Prainha e dos diversos sindicatos que pesquisei, pela paciência e presteza no atendimento aos pesquisadores que precisam passar horas nos arquivos empoeirados.

À minha mãe Hosana, que me sustentou nos momentos mais difíceis, proporcionando lições de vida e força necessários ao meu empreendimento acadêmico, mormente a minha vida.

SUMÁRIO

Lista de abreviaturas e siglas	09
Lista de Imagens	10
Introdução	11

Primeiro Capítulo

Primeiro de Maio: Trajetórias de um Dia.	23
1.1 A luta pela redução da jornada de trabalho	23
1.2 As origens do Primeiro de Maio	27
1.3 O “Massacre de Chicago”	29
1.4 Os Mártires de Chicago na iconografia operária	32
1.5 A <i>Tradição Inventada</i> do Primeiro de Maio	36
1.6 O Primeiro de Maio no Brasil no início da Primeira República	45

Segundo Capítulo

O Primeiro de Maio no Brasil nas décadas iniciais do Século XX	52
2.1 A Imprensa e o Primeiro de Maio operário	52
2.2 Anarquistas e Socialistas	59
2.3 “Dia do Trabalho”, um feriado	66
2.4 Significados do Primeiro de Maio	71
2.4.1 Dos “Mártires de Chicago” aos “Mártires Cearenses”	78
2.4.2 O Primeiro de Maio e a cultura operária.	83
2.5 “ <i>Patrões e Operários do mundo inteiro, uni-vos</i> ”: O Primeiro de Maio e a Igreja Católica	88
2.6 “À Escola!” O Primeiro de Maio e a Instrução Operária	95
2.7 O Primeiro de Maio como anúncio da boa nova e as raízes camponesas.	98

Terceiro Capítulo

O Primeiro de Maio como Festa Oficial	104
3.1 As Comemorações de Primeiro de Maio no Estado Novo.	114
3.2. A memória do Primeiro de Maio nos Monumentos.	131
3.3 As Estratégias Varguistas na Ressignificação do Primeiro de Maio.	145
Considerações finais	148
Arquivos e bibliotecas	151
Fontes	152
Bibliografia	157

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIT - Associação Internacional dos trabalhadores
AFL - American Federation of Labor (Federação Americana do Trabalho)
ANL – Aliança Nacional Libertadora
BOC – Bloco Operário e Camponês
CGTB – Confederação Geral dos Trabalhadores do Brasil.
COC - Círculos Operários Católicos
COB - Confederação Operária Brasileira
CUT – Central Única dos Trabalhadores
CLT - Consolidação das Leis do Trabalho
CS – Convergência Socialista
DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda
DNP - Departamento Nacional de Propaganda
DRT – Delegacia Regional do Trabalho
FORJ - Federação Operária do Rio de Janeiro
FORGS - Federação Operária do Rio Grande do Sul
IAPI - Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários
IC – Internacional comunista (Terceira Internacional)
IWW - Industrial Workers of the World
LEC – Liga Eleitoral Católica
LCT - Legião Cearense do Trabalho
LSN - Lei de Segurança Nacional
PT – Partido dos Trabalhadores
PDT – Partido Democrático Trabalhista
PSB – Partido Socialista Brasileiro
PCB – Partido Comunista do Brasil.
PSD – Partido Social Democrático
UMC - União das Mulheres Cearenses (Introdução)
UMC – União dos Moços Católicos

LISTA DE MAPAS E IMAGENS

MAPAS

Mapa aéreo de Fortaleza dos principais locais de comemoração do Primeiro de Maio _____ 43

IMAGENS

Figuras dos Mártires de Chicago _____ 32

Fotografia dos Mártires de Chicago _____ 33

Capa do jornal *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, 01/05/1913 ____ 35

Coluna do Cristo Redentor _____ 94

Parte da primeira pagina do Jornal Unitário, 01/05/1938 _____ 113

Busto do Ministro Valdemar Falcão _____ 133

Página 8 do Jornal *Unitário*, 02/05/1941 _____ 135

Parte central do monumento à Getúlio Vargas _____ 136

Visão da parte traseira do monumento à Getúlio Vargas _____ 137

Placa “dignificação do trabalho” _____ 139

Placa “organização e trabalho” _____ 140

Placa “confraternização de classes” _____ 141

Placa “assistência ao trabalhador” _____ 142

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa objetivava recuperar possíveis “quadros da memória” da celebração de Primeiro de Maio em Fortaleza no período da “abertura política”, a partir de 1979, momento de ascenso dos movimentos sociais, até o último ano do Governo Collor de Mello, em 1992. Pretendia-se também analisar as visões e os significados atribuídos ao Primeiro de Maio por determinados contingentes da classe trabalhadora da capital cearense.

A temática justificava-se pela minha ação como militante socialista no movimento estudantil universitário, e participação das greves do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Construção Civil de Fortaleza; no grupo de pesquisas Trabalho, Educação e Luta de Classes, do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário, da Universidade Estadual do Ceará.

A partir da face acadêmico-política percebe-se o esvaziamento das comemorações de Primeiro de Maio ao longo dos anos, burocraticamente repetida como mera formalidade, pelas Centrais Sindicais. Entender o que ocorria com o Primeiro de Maio foi a problematização inicial da pesquisa.

Duas opiniões sobre mudanças no rito de Primeiro de Maio: Raquel de Queiroz, ao escrever crônica a respeito do Primeiro de Maio de sua época, rememora de modo nostálgico e algo irônico, ao comparar o rito do Dia do Trabalhador do seu tempo com o Primeiro de Maio na atualidade:

Os Primeiros de Maio estão se tornando muito burocráticos. Nem parece o tempo em que fazíamos manifestações na rua, fugíamos da polícia e, se aliás o fôssemos em cana, havia sempre um papai, um titio, um padrinho amigo do delegado para soltar a gente. Se um líder político de esquerda, dos velhos tempos, tivesse adormecido por alguns anos, ao acordar, nos nossos dias, pensaria que mudara de planeta¹.

1 QUEIROZ, Raquel de. O Primeiro de Maio. In: Jornal O Povo, Fortaleza, 01/051999, p. 8.

Com a mesma sabedoria, em outros termos, Seu Nilo, operário, preocupa-se com os destinos dos trabalhadores, representados pelas comemorações de Primeiro de Maio:

Mas depois dessas épocas, dessas luta, rapaz tem sido um fracasso, agora nesses últimos anos acabou-se foi tudo, viu. Ninguém tá mais fazendo nada, nada e não tem como fazer, porque se você convidar num vai ninguém, aí, prá adquirir isso é muito difícil. Prá arrumar essa credibilidade é duro. Mas vai-se nessa luta.²

As memórias de Seu Nilo e Raquel de Queiroz têm em comum a reflexão da relevância do Primeiro de Maio como termômetro do ascenso/refluxo do movimento operário, de tal monta que os dois se inquietavam com a desmobilização dos movimentos sociais em relação aos ritos, como os do Primeiro de Maio.

Justificando as falas de Seu Nilo e Raquel de Queiroz, faço breve histórico da trajetória recente do Primeiro de Maio no Brasil, nos últimos quarenta anos. Pode-se dizer que, nos anos do Golpe Civil-Militar de 1964, principalmente de 1968 a 1978, momento do recrudescimento da ditadura, observou-se o desejo das elites em mascarar, e por que não dizer, anular os sentidos da comemoração do Primeiro de Maio, já que, na década de 1970, resumiam-se em palestras com o Delegado Regional do Trabalho e torneios de futebol entre categorias de trabalhadores, promovidos por instituições patronais ou pelo Estado.

Ocorria um dia de apologia ao trabalho, e ao crescimento econômico do país, fato que, inclusive, continua até hoje a denotar o Primeiro de Maio, na visão dos empresários que, durante anos, utilizaram propagandas, no Primeiro de Maio, solicitando a celeridade do crescimento econômico do país, com a justificativa de que pudessem oferecer empregos aos trabalhadores, já que, na sua visão, o Primeiro de Maio é o “Dia do Trabalho” e não do Trabalhador. Michelle Perrot complementa a afirmação, ao dizer que: *o discurso dominante continua a ser o do emprego, não o da produção: cada vez que um fabricante solicita autorização para fundar uma empresa é a esse argumento – dar*

2 Entrevista do sr. Nilo Cordeiro da Silva, concedida à Carlos Augusto Santos, em Camocim-Ceará, em 16/03/1997. Apud. SANTOS, Carlos Augusto. *Cidade Vermelha – a militância comunista em Camocim – CE 1927-1950*. Dissertação. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000 p.123

*trabalho aos pobres, utilizar os braços ociosos – que ele recorre*³. Tão somente uma alusão ao trabalhador, sem considerá-lo como ser político, mas sim como integrante do universo da produção de riqueza, como colaborador do país⁴. Afinal, a consolidação do regime militar, no início da década, se fazia sobre a pulverização e o silêncio dos movimentos sociais,⁵ e por essa razão, o Primeiro de Maio caracterizava-se por uma simples festa do trabalhador, sob a tutela das agências do Estado; Delegacia Regional do Trabalho, Polícia e Forças Armadas.

Na década de 1970, os movimentos sociais, organizados fora da esfera sindical, começam a agir em oposição ao governo. Exemplo cabal foram os movimentos contra a carestia, a atuação da esquerda católica, e as primeiras greves no ABC paulista. Éder Sader situa, no contexto do período, os exemplos de mobilização e organização indicando a vontade de mudança do quadro sociopolítico brasileiro da época:

(...)as votações recolhidas pelo MDB nas eleições a partir de 1974, a extensão e as características de movimentos populares nos bairros da periferia da Grande São Paulo, a formação do chamado “Movimento do Custo de Vida”, o crescimento de correntes sindicais contestadoras da estrutura ministerial tutelar, o aparecimento das comunidades de base a partir de 1978, a formação do Partido dos Trabalhadores seriam manifestações de um comportamento coletivo de contestação da ordem vigente⁶

O regime militar já não conseguia reprimir com o êxito de outrora o crescimento dos movimentos sociais. Chegava a hora da abertura. A partir desses novos atores sociais, o Primeiro de Maio ganhou outra conotação:

(...) em 1980, em São Bernardo, assiste-se à “festa” que atesta uma nova identidade operária emergente no país, capaz de articular hegemonicamente outros setores da sociedade. (...) a partir daí, verifica-se uma constante preocupação de resgatar esta tradição do Primeiro de Maio, reatualizando a data em função das novas

3 PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 20.

4 Observa -se fenômeno semelhante nos anos do Estado Novo, onde havia uma série de órgãos de controle dos trabalhadores, tratando-os como engrenagens do sistema produtivo brasileiro. Ver em: DUARTE, Adriano. *Cidadania e exclusão*. Florianópolis: Ed.UFSC, 1999.

5 SADER, Éder. *Quando os novos personagens entram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo 1970-1980*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p.32.

6 SADER, Éder. Op. Cit p.30

temáticas colocadas pelo presente, sem perder esta ligação simbólica com um passado cada vez revisitado⁷

No Ceará, observa-se que o Primeiro de Maio pós-A.I.5 desenvolveu-se em meio a grandes dificuldades, em locais fechados, com poucos recursos materiais, desmobilização sindical e em plena ilegalidade. Em 1979, ano em que os trabalhadores fortalezenses puderam celebrar o Primeiro de Maio sem o controle do Estado, tiveram que se reunir no Teatro José de Alencar, à maneira de sessão solene, em virtude das proibições de manifestações públicas em locais abertos, marcando, assim, o (re)início das comemorações populares do Primeiro de Maio até o início dos anos de 1980.

O Brasil do início dos anos oitenta caracterizava-se como país em processo lento de abertura política, com a liberdade de opinião e de imprensa sob restrição, pois o direito de manifestação era cerceado na prática, inviabilizando os atos públicos e demais demonstrações de protesto popular. Desse modo, os atos de Primeiro de Maio foram autorizados, com ressalvas, desde o começo dos anos oitenta, e até final de 1983, as manifestações eram controladas pelo poder público, por instrumento autoritário legal, a Lei de Segurança Nacional – LSN.

Permitiam-se apenas, com aviso prévio de 72 horas, atos próximos às igrejas, talvez com o intuito de denotar cunho de passividade e ecumenismo às manifestações, ou em pequenas praças com pouca movimentação, afastadas do Centro de Fortaleza, ou próximas aos órgãos de repressão: Praça da Bandeira; Praça da Sé e Praça Argentina Castelo Branco.

Em 1983, por exemplo, as manifestações de Primeiro de Maio foram transferidas da Praça José de Alencar para a Praça da Sé, devido a portaria da Secretaria de Segurança Pública, proibindo qualquer manifestação, nas praças José de Alencar e do Ferreira, além de discriminar os lugares permitidos para concentrações⁸.

No Ceará, a partir de 1984, com a liberação dos atos de Primeiro de Maio, em diversos locais de Fortaleza, a CUT, recém formada, de inspiração no

7 GARCIA, Marco Aurélio. Tradição, memória e história dos trabalhadores. In. *O direito à memória – Patrimônio Histórico e Cidadania*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura da cidade de São Paulo – DPH, 1992, p.173.

8 Jornal Diário do Nordeste, Fortaleza, 1/5/1983, p. 8

chamado “Novo Sindicalismo”⁹, tornou-se o grande ator político da época, passando a organizar as manifestações. Deste modo, a CUT capitaneia os atos, entretanto isso não significa que outros movimentos sociais não participassem da comemoração. Partidos políticos e entidades como: PT, PDT; PSB; União das Mulheres Cearenses; e Jornada de Luta Contra a Fome estavam presentes nas manifestações de Primeiro de Maio.

Com o afrouxamento gradual do regime, as demonstrações sindicais se davam em praças de grande movimentação, notadamente, do Ferreira (1984) e José de Alencar (1985). A CUT, com certo peso no movimento sindical cearense, apesar de não possuir grande aparato logístico, organiza os atos de Primeiro de Maio em torno das questões político-econômicas da época.

Com severos ataques à política do governo Sarney, a fala do vice presidente da CUT-CE, Francisco Pereira, ao jornal Diário do Nordeste em matéria intitulada: “1º de maio é dia de luta e luto para nós”¹⁰, indica o sentido da data: *“1º de maio significa um dia de luta e de luto e não um dia de festa como deseja a burguesia. Estamos lutando contra a opressão desse governo que nos reprime”*.

A partir de 1986, as duas centrais sindicais disputam o eixo político do Primeiro de Maio, denotando visões distintas, às vezes conflituosas, de concepção do rito. Após o período de mobilizações, na chamada “abertura política”, houve nítida desmobilização da classe, com a difusão da política neoliberal, com os direitos dos trabalhadores ameaçados a cada dia, esperava-se reação de igual proporção do movimento operário contra os ataques governamentais, mas o que se vê é a maior parte dos movimentos sociais sofrer severa ofensiva por parte das esferas governamental e patronal, na década de 1990 e nos anos subseqüentes, não conseguindo escapar dos limites da luta defensiva. Tempo em que os sujeitos coletivos têm real dificuldade de articulação e expressão, como analisa Jean Boutier:

9 Com o fim do período de ditadura militar no Brasil, surgiu a teoria que apregoava o nascimento de um novo tipo de sindicato, não o sindicato pelego de anos atrás, mas sim, um sindicalismo que fosse combativo e defendesse o direito da classe trabalhadora. Ver em: BOITO JR, Armando. *Política Neoliberal e sindicalismo no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1999.

10 Jornal Diário do Nordeste, Fortaleza, 2/5/1988, p. 8

Vivemos um período em que vemos desaparecer sob nossos olhos tradições plurisseculares: aldeias desertadas, complexos mineiros, siderúrgicos ou têxteis desativados nos lembram cotidianamente o fim de antigos modos de vida (...) assistimos a uma crise generalizada de transmissão cultural: que se tornaram as crenças e convicções no interior das igrejas que se esvaziaram, nos partidos políticos ou sindicatos? **As grandes formas coletivas que asseguravam o país a transmissão de valores às jovens gerações parecerem ter-se apagado. O tempo das procissões cristãs triunfais agora ficou distante, e os desfiles do Primeiro de Maio são cada vez mais magros.** Um certo fio de tradição viva foi sem dúvida alguma cortado, e os aprendizados passam agora por outras vias¹¹ (grifos meus)

A questão original da pesquisa gira em torno das razões do esvaziamento do Primeiro de Maio operário. Assim dediquei parte dos estudos, na graduação, aos atos de Primeiro de Maio, organizados pela CUT Ceará, e, dada a pertinência de alargamento da pesquisa, no Mestrado em História, a trajetória do Primeiro de Maio passa a ser problematizada, levando em conta outra periodização, e observando a tradição dos trabalhadores, no interior, de diferentes conjunturas e diversas concepções.

Parte da análise está ligada às formas pelas quais os trabalhadores construíram os ritos de Primeiro de Maio fora da ordem, abordando vivências sociohistóricas de atores sociais, organizados ou não em entidades, com os respectivos projetos em disputa, não só pelo eixo programático, mas também pelos significados, até por ser equívoco trabalhar com a hipótese de homogeneidade de concepções do Primeiro de Maio.

No contato inicial com a pesquisa, fez-se o levantamento historiográfico e documental do Primeiro de Maio para perceber a trajetória do rito, no Ceará. Analisar como as entidades sindicais se reportavam ao Primeiro de Maio, sem contudo, conhecer a sua história e significância aos trabalhadores cearenses, prejudicaria o estudo. Foi preciso trazer à tona o histórico do Primeiro de Maio no Ceará.

Procurei trabalhos sobre o Primeiro de Maio no Ceará, não havendo pesquisas pertinentes, a não ser minha monografia de graduação, que trata da

11 BOUTIER, Jean. e JULIA, Dominique. (org.) *Passados Recompuestos*. Campos e canteiros da História. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ e FGV, 1998, p. 52.

celebração do Rito pela CUT-CE na década de 1980 à de 1992, e trabalhos em História Social que tangenciavam o Primeiro de Maio¹².

Pela inexistência de estudos sobre o tema, resolvi reconstruir a história possível do Primeiro de Maio, substancialmente, desde os primórdios da celebração do rito pelos trabalhadores, em Fortaleza, ainda no século XIX, às quatro primeiras décadas do século XX. Contudo é mister justificar o trabalho, não apenas pela primazia da temática, mas também no sentido de reconhecimento do direito ao passado¹³ das classes trabalhadoras cearenses.

Estudar a classe operária do final do século XIX e parte do século XX não significa, ver apenas o sindicato e, conseqüentemente, seus líderes, pois:

a questão da história do movimento operário jamais foi até hoje - seriamente colocada. O que geralmente se apresenta como tal não é mais do que uma descrição de seqüência de fatos, ou, no melhor dos casos, a análise desse ou daquele grande "evento"¹⁴

Por exemplo, ao se imaginar que somente o Centro Artístico Cearense ou o Sindicato dos Gráficos, por mais indispensável a participação dessas entidades, organizaram, planejaram e direcionaram atos de Primeiro de Maio, em Fortaleza, é, no mínimo, deixar de analisar o *campo de possibilidades* no aspecto da análise do processo como um todo, como também aos projetos (derrotados ou vitoriosos) que contribuíram ao acontecimento. Deste modo;

a construção de um outro horizonte historiográfico se apóia na possibilidade de recriar a memória dos que perderam não só o poder, mas também a visibilidade de suas ações, resistências e projetos (...) fazer com que experiências silenciadas, suprimidas ou privatizadas da população se reencontrem com a dimensão histórica¹⁵

12 Como é o caso dos trabalhos de Adelaide Gonçalves, Jovelina Santos, Carlos Augusto Santos, Enilce Lima Souza e Ildefonso Rodrigues Lima Neto.

13 PAOLI, Maria Célia. Memória, História e Cidadania: o direito ao passado. In: *O direito à memória – patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura da Cidade de São Paulo – DPH, 1992, p. 27

14 CASTORIADIS, Cornelius. *A Experiência do Movimento Operário*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.16.

15 PAOLI, Maria Célia. Op cit. p. 27.

Que significados a data representava? Até que ponto o Primeiro de Maio foi responsável por novo *fazer-se*, ou melhor, por (re)*fazer-se* da classe trabalhadora? São algumas indagações da pesquisa.

O estudo do passado, como afirma Hannah Arendt, não pode desconsiderar o particular em detrimento de modelos pré-determinados, isto é, a conceitos fechados, em que:

Quase não havia padrão em que os eventos do passado não se encaixassem tão precisa e coerentemente como no seu próprio..... (...) temos visto os historiadores imporem ao labirinto de fatos passados praticamente qualquer padrão que lhes apraza, disso resultando que a ruína do fatual e do particular através da validade aparentemente maior de “sentidos” gerais chegou mesmo a solapar a estrutura fatual básica de todo processo histórico, isto é, a cronologia¹⁶.

O mais sensato é conhecer o que se passou com a investigação dos vestígios do passado, e, a partir da análise, criar ou aplicar teorias e conceitos, que só valem dentro do campo de possibilidades, além disso, não passam de formas ilustrativas e incompletas de leituras da realidade que, por si mesma, é mais rica do que a teoria que a explica, seguindo Raymond Williams, “*Conceitos devem ser tratados como problemas*”¹⁷.

É por essa lógica histórica que perpassa nossa investigação que, apesar de incompleta, seletiva e provisória, não é inverídica. E. P. Thompson, ao pensar nessa “lógica”, expõe com maestria o processo de investigação do historiador:

um método lógico de investigação adequado a materiais históricos, destinado, na medida do possível, a testar hipóteses quanto à estrutura, causação etc..., e a eliminar procedimentos autoconfirmadores (“instâncias”, “ilustrações”). O discurso histórico disciplinado da prova consiste num diálogo entre conceito e evidência, um diálogo conduzido por hipóteses sucessivas, de um lado, e a pesquisa empírica, do outro.¹⁸

16 ARENDT, Hannah. O Conceito de História – Antigo e Moderno. In: *Entre o Passado e o Futuro*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 116.

17 WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 17.

18 THOMPSON, Edward Palmer. *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros*. uma crítica ao pensamento de Althusser. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981 p. 49.

Pela pesquisa empírica, foi possível estabelecer o diálogo entre conjecturas e empirismo, resultando em hipóteses, que devem ser mais expectativas do que modelos. As indagações giram em torno, por exemplo, da importância do Primeiro de Maio como rito construído da classe e pela classe trabalhadora cearense.

A delimitação temporal da pesquisa não pretende ver o Primeiro de Maio apenas como evento em série, ao longo dos anos, pois:

não se trata da observação de fatos isolados em série, mas de conjuntos de fatos com suas regularidades próprias; da repetição de certos tipos de acontecimento; da congruência de certos tipos de comportamento em diferentes contextos – em suma, das evidências de formações sociais sistemáticas e de uma lógica comum ao processo¹⁹

Pretendo, a partir de Thompson, ver uma lógica e regularidade no Primeiro de Maio, tentando identificar identidades e congruências, ao longo dos anos. Buscando, outrossim, compreender como os trabalhadores construíram um Primeiro de Maio fora da ordem hegemônica²⁰.

Crises econômicas, a vida difícil da classe trabalhadora, revoltas, golpes militares, guerras mundiais não podem apenas ilustrar uma pesquisa, mas sim ser utilizados para contextualização das comemorações de Primeiro de Maio, pois esses acontecimentos interferiam na vida das pessoas comuns.

Todos os fenômenos sociopolíticos da conjuntura nacional e regional direcionaram a realização política do Primeiro de Maio. Então, de que forma os trabalhadores utilizaram o espaço para expressão de posições e enfrentamentos?

Esta dissertação está assim estruturada: no primeiro capítulo, narrativa da história do Primeiro de Maio, contextualizando o momento do capitalismo, no século XIX, e a luta operária organizada em torno das concepções políticas do marxismo e anarquismo, objetivada na redução da jornada de trabalho.

19 THOMPSON, Edward Palmer. *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser* op. cit p. 56-58.

20 Por hegemonia, adoto a reflexão de Raymond Williams: A hegemonia é então não apenas o nível articulado superior da “ideologia”, nem são as suas formas de controle apenas as vistas habitualmente como “manipulação” ou “doutrinação”. É todo um conjunto de práticas e expectativas, sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. WILLIAMS, Raymond. Op. Cit. p. 113.

Entre as lutas dessa bandeira, destacam-se os protestos de Chicago e os fatos marcantes da vida da classe trabalhadora, definidores, de forma conjuntural, das comemorações de Primeiro de Maio. Informa-se também como a tradição de Primeiro de Maio foi incorporada pelas entidades de classe, ao longo do século XIX, e o impacto das proposições internacionais no movimento operário brasileiro. Mostro também os principais locais utilizados pelas entidades operárias fortalezenses, nas manifestações do Primeiro de Maio, mediante leituras historiográficas e sociológicas a respeito do tema, intercaladas com fontes iconográficas e hemerográficas de pesquisa.

No segundo capítulo, destaco o Primeiro de Maio, nas duas primeiras décadas do século XX, no Brasil e Ceará, não deixando de me reportar, outrossim, às experiências internacionais dos trabalhadores, sobretudo franceses e portugueses, analisando as diferentes concepções do rito operário: festa, luto/luta, protesto, cultos agrários e religiosidade. Analiso as ressignificações e apropriações do Primeiro de Maio, pelas entidades sindicais, Igreja Católica e pelo Estado, sobretudo, com a criação do feriado, ainda nos anos 1920. Utilizo, como fontes, jornais da grande imprensa e das organizações operárias.

No terceiro, discuto o Primeiro de Maio ressignificado pelo varguismo, em nome do projeto de Estado Corporativista, tentando reconstruir a memória do Primeiro de Maio, em benefício da doutrina governamental de Getúlio Vargas, arregimentando o movimento operário em direção ao Estado Novo. Contudo não deixo de mencionar as estratégias do movimento operário, cujo objetivo era disputar a memória do Primeiro de Maio, mesmo em desvantagem em relação às perseguições políticas do varguismo.

Particularmente importantes foram os novos *lugares de memória* recriados a partir do varguismo, cuja pesquisa procura estudar, a partir dos monumentos oficiais, a ideologia do Estado Novo, expressa em agradecimentos aos políticos pelas conquistas trabalhistas. As fontes trabalhadas são os monumentos de Getúlio Vargas e Waldemar Falcão, imagens de jornais operários, além da busca, nos jornais da grande imprensa, dos discursos e propagandas oficiais.

As fontes utilizadas são documentos hemerográficos, em larga medida, jornais da grande imprensa, tentando ouvir a voz dos vencidos pelas palavras dos outros, já que existem inúmeros periódicos da grande imprensa, ao passo que os jornais operários são menos numerosos. Robert Darnton redefine a importância dos matutinos:

(...) o jornal não é mais hoje o que era antes. Isso não significa, no entanto, que não seja importante, mas o é de um modo diferente (...) ocorre, pois, que por um processo indireto os jornais lidos por poucas pessoas podem exercer ainda influência considerável²¹.

Jornais de circulação diária procuram retratar o cotidiano, a cultura e os acontecimentos da cidade, e, por fazerem um trabalho de memória, pode-se perceber, tomando o devido cuidado, a falsa “neutralidade” desses órgãos. Como as notícias retratam aspectos da realidade, pode-se ter amplitude maior sobre o acontecimento do Primeiro de Maio, ao analisar maior quantidade de periódicos. Algumas perguntas, formuladas à leitura de um jornal, podem ser respondidas pela análise de outro matutino. Embora isso não signifique que a verdade esteja expressa nos jornais, não invalida a tentativa de buscar a aproximação da veracidade, pois, como assevera Darnton: “dizer que nós não podemos ter um conhecimento direto do passado não significa dizer que qualquer versão do passado seja válida ou que uma versão não possa ser melhor do que outra”.²² A análise dos jornais cearenses forneceu subsídios para o entendimento de nuances dos Primeiros de Maio, ao longo da delimitação temporal como, por exemplo, análise dos conflitos entre as entidades sindicais, através de declarações e entrevistas concedidas aos jornais, em respeito ao Primeiro de Maio. Quais os grupos que participaram da organização?; quem eram os organizadores?; e ainda, como essas pessoas utilizavam-se dos jornais para propagandear suas propostas? Pesquisei, outrossim, jornais da imprensa operária, documentos oficiais, comunicados e discursos de Getúlio Vargas. A iconografia foi pouco explorada, entretanto o estudo das imagens dos monumentos foram de vital importância para a

21 PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia (org.). *As Muitas Faces da História - Nove Entrevistas*. São Paulo: Unesp, 2000, p. 262.

22 PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. op. cit. p. 240.

interpretação dos mesmos, felizmente tais objetos encontravam-se em bom estado de conservação, não sendo necessária a utilização de fotografias da época.

O historiador depara problemas em relação as fontes, pois nem todas estão em sequência satisfatória. Para preencher a lacuna e não deixar o conhecimento histórico fragmentado, ao se falar do Primeiro de Maio no Ceará, faço sempre paralelos com as comemorações, no Brasil e outros países, a fim de que se possam avaliar os movimentos, no Brasil e no Ceará, como integrantes de tradição operária internacional, não sendo, portanto, isolados, na tentativa de ver rupturas e continuidades do Primeiro de Maio, ao longo dos tempos.

PRIMEIRO DE MAIO: TRAJETÓRIAS DE UM DIA.

PRIMEIRO DE MAIO Chico Buarque

Hoje a cidade está parada
E ele apressa a caminhada
Pra acordar a namorada logo ali
E vai sorrindo, vai aflito
Pra mostrar, cheio de si
Que hoje ele é senhor das suas mãos
E das ferramentas

Quando a sirene não apita
Ela acorda mais bonita
Sua pele é sua chita, seu fustão
E, bem ou mal, é seu veludo
É o tafetá que Deus lhe deu
E é bendito o fruto do suor
Do trabalho que é só seu

Hoje eles hão de consagrar
O dia inteiro pra se amar tanto
Ele, o artesão
Faz dentro dela a sua oficina
E ela, a tecelã
Vai fiar nas malhas do seu ventre
O homem de amanhã

1.1 A luta pela redução da jornada de trabalho

Ao se falar de Primeiro de Maio, vem, como referência, a luta por direitos no mundo do trabalho, a disputa da classe explorada por parcela da riqueza da sociedade, isto é, pela melhoria da situação econômico-social, sobretudo, o embate pela redução da jornada de labuta e por melhores condições de vida material.

A questão do tempo, disciplinada para satisfazer às necessidades industriais, observada em Thompson, tinha como objetivo nivelar os trabalhadores, sobretudo oriundos do campo, que detinham noção de tempo diferente, ligada à natureza, religiosidade ou atividades domésticas²³. Era

23 THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em Comum*. estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 269.

necessário, portanto, por meio de vários instrumentos, como o rigor do puritanismo inglês, os sinos que ajudam no controle do tempo, a escola, além da internalização do tempo por parte dos trabalhadores, exemplificado pelo relógio na fábrica, transformar o tempo para criar condições de sistematizar a exploração dos operários:

O tempo está começando a se transformar em dinheiro, o dinheiro do empregador. Assim que se contrata mão-de-obra real, é visível a transformação da orientação pelas tarefas no trabalho de horário marcado (...) O tempo é agora moeda: ninguém passa o tempo, e sim o gasta²⁴.

Se o patrão recorria ao tempo para explorar a mão-de-obra, os trabalhadores iam também se utilizar do tempo, ou melhor, do controle deste, para negociar as relações de trabalho, o que não significa, entretanto, plena aceitação do tempo industrial na vida cotidiana, mas uma forma de barganhar direitos. Se tempo é dinheiro, como queriam os empregadores, que seja então! Era necessário reivindicar melhor distribuição do tempo, para propiciar ao operário, eficiente aproveitamento do dia, sobretudo o destinado à família, à escolarização e ao lazer.

A diminuição do tempo de trabalho representava, simbólica e objetivamente, a amenização da exploração. Jose Luis del Roio comenta as primeiras revoltas de trabalhadores pela redução da jornada:

Uma das mais significativas envolve os trabalhadores têxteis da Florença, Itália, em 1378, quando liderados por um deles, Michele Di Lando, chegam a dominar a cidade por dois meses. Entre as reivindicações está a redução do horário de trabalho. (...) Ainda na Itália, na cidade de Lucca, os aprendizes que trabalhavam como artesãos fazem uma manifestação pedindo a fixação de um salário mínimo e menor tempo de labuta. Era o dia Primeiro de Maio de 1531²⁵.

A luta pela redução da jornada de trabalho foi iniciada ainda antes da revolução industrial. É inegável que, com a industrialização e as modificações no mundo do trabalho, as revoltas aumentavam em escala considerável.

24 THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em Comum*. op.cit. p. 272.

25 ROIO, Jose Luis Del. *1º de Maio, Cem anos de Luta*. São Paulo: Ed Global, 1986. p. 15.

O trabalho insalubre, nas primeiras indústrias, praticamente escravizava os operários, pois labutavam durante horas a fio, mal tendo tempo para descanso regular, enquanto o salário, de tão baixo, não atendia as necessidades básicas de sobrevivência. Não havia outra alternativa a não ser a luta, desenvolvida de várias formas, como o protesto, o crime, a sabotagem ou conspiração.

No Brasil, fim do século XIX e início do século XX, a situação se assemelha, em parte, à européia. Aqui, com a incipiente industrialização, conviviam, na mesma linha de produção, grupos de ex-escravos, imigrantes e trabalhadores oriundos do campo²⁶, que se defrontavam cada vez mais com as insalubres condições de trabalho. June Hahner assim descreve a vida dos operários brasileiros:

No início do século XX, os trabalhadores pobres trabalhavam longa e pesadamente por retornos insignificantes e aparentemente em variedades infinitas de emprego. Eles enfrentavam não apenas moradias superlotadas e insalubres, mas também insegurança no trabalho, pagamento e condições de trabalho miseráveis, doenças e alimentação deficiente em nutrição – problemas ignorados pelos governos brasileiros (...)²⁷

Era comum nas indústrias grande contingente de famílias trabalhando para sustento da difícil vida da época, ao mesmo tempo, florescia o germe da resistência diante da opressão ao trabalhador. Os trabalhadores identificam-se uns aos outros e ao inimigo comum, a classe operária vai se formando, E sua respectiva formação, segundo Cláudio Batalha consiste num: “(...) *processo mais ou menos demorado, cujos resultados podem ser verificados na medida em que concepções, ações e instituições coletivas, de classe, tornam-se uma realidade*”.²⁸

Assim, a classe se formava e os embates operários avançavam, nas palavras de Thompson, pela experiência de luta que “adquire feições classistas, na vida social e na consciência, no consenso, na resistência²⁹” de

26 BATALHA, Cláudio. Formação da Classe Operária e Projetos de Identidade Coletiva. In: *O Brasil Republicano. O tempo do liberalismo excluyente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. vol.1. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2003. p 163.

27 HAHNER, June. *Pobreza e Política: os pobres urbanos no Brasil – 1870/ 1920*. Tradução Cecy Ramires Maduro. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1993. p 199.

28 BATALHA, Cláudio. Op. Cit. p.164

29 THOMPSON, Edward Palmer . As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos. Campinas:

pequenas sublevações organizadas, ora isolados, ora de grande massa, com ou sem interesse à luta política pela tomada do poder institucional. Por mais difusos que aparentassem, foram movimentos que expressavam uma consciência política, como o Tradeunionismo, Ludismo e Cartismo, na Europa, e organizações associativas de socorro mútuo no Brasil, de suma importância na formação da classe.

O marco político dos trabalhadores, na luta pela redução da jornada de trabalho, foi, em 1864, a criação da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), a Primeira Internacional, passo inicial à organização dos trabalhadores em escala mundial, pois foi afirmada pela primeira vez a necessidade dos trabalhadores tomarem o poder.

Anos depois, em 1866, em Genebra, discute-se a redução da jornada de trabalho para oito horas. Del Roio cita a resolução proposta pelo representante de Karl Marx e aprovada no Congresso:

- (1) O Congresso considera a redução da jornada das horas de trabalho como o primeiro passo para a emancipação do trabalhador.
- (2) Como princípio, o trabalho de 8 horas deve ser considerado o suficiente.
- (3) Não à labuta noturna, salvo nos casos específicos por lei³⁰.

Em 1867, num encontro da organização, fica decidido que “todas as sociedades operárias, devam lutar, durante o ano de 1868 pela diminuição da jornada de trabalho”. Naquele mesmo ano, em Baltimore, EUA, o Congresso Operário adotou uma resolução para a luta de oito horas diárias. Na Austrália, os pedreiros conseguiram a redução da jornada de trabalho no mesmo ano. Em meio a protestos, o Senado estadunidense aprovou a Lei Ingersoll, em 1868, que determinava oito horas de labuta, porém essa lei não saiu do papel, impulsionando as lutas, favorecendo, assim, o poder de organização e mobilização da classe trabalhadora dos Estados Unidos da América.

Na medida em que a classe operária se organizava, em partidos, associações beneficentes e sindicatos, obtinham conquistas em longos confrontos travados contra os patrões e o Estado burguês, pode-se ver o contexto em que o Primeiro de Maio surge e o significado da data na mente do

Ed. UNICAMP, 2001. Op cit. p. 260.

30 ROIO, José Luis. Op cit. p. 48.

operário: dia de consciência e luta, forjado a sangue e suor de mártires anônimos, representados pelos líderes de Chicago, que deram suas vidas a fim de que os companheiros obtivessem melhorias nas condições de vida e trabalho.

1.2 As origens do Primeiro de Maio

“As almas, como os corpos, podem morrer de fome. Queremos pão, mas também queremos rosas” ³¹

As origens do Primeiro de Maio remontam aos protestos em favor da redução da jornada de trabalho, nos Estados Unidos em 1886. O movimento, entretanto, já ocorrera anos antes, isto é, desde meados do século XIX, os operários estadunidenses ensaiaram protestos em favor da melhoria das condições de vida.

Enquanto os burgueses estadunidenses da indústria de aço, eletricidade, petróleo, telégrafos, grandes bancos e casas comerciais, chamados de “Robber Barons”³² (Barões Ladrões), enriqueciam às custas da Guerra de Secessão e da exploração dos trabalhadores, na maioria homens brancos pobres, negros e uma leva de imigrantes de várias nacionalidades, sobretudo de alemães, irlandeses, italianos, poloneses e ingleses³³, atônitos com o processo acelerado de fabricação das riquezas, exigiam, dia após dia, a reformulação das relações capital-trabalho, no sentido de propiciar condições mínimas de labuta e de vida³⁴.

31 Frase escrita numa faixa, durante a greve das operárias têxteis de Lawrence, Massachusetts, EUA, em 1912. ROIO, José Luis. Op. cit. p. 11.

32 ZINN, Howard. *A People's History of The United States 1492- Present*, Nova Iorque: Harper Collins Publishers, 2003, p. 254-262.

33 PERICÁS, Luiz Bernardo. Considerações sobre o movimento Operário dos Estados Unidos (1870-1914) In *Revista Entre Passado & Futuro* n° 3 - Revista de História Contemporânea do GT História e Economia Mundial Contemporâneas. São Paulo: Xamã VM Editora e Gráfica Ltda., 2002 p. 20.

34 Jorge Ferreira, ao abordar o movimento operário norte-americano, analisa que a ideologia produtivista, fortemente empregada no seio da sociedade e o puritanismo liberal, expressado pela idéia do “evangelho da riqueza”, praticamente inviabilizava à luta por alguma legislação trabalhista. “*A intervenção estatal, dizia-se, poderia desestabilizar a liberdade dos indivíduos e desestimulá-los a ascenderem por si mesmos*”. FERREIRA, Jorge. *O Movimento Operário Norte-Americano*. Coleção Princípios. São Paulo: Ática, 1995. p 29.

As palavras de ordem, nas manifestações dos trabalhadores, giravam em torno da jornada de trabalho máxima de oito horas (dividido o dia em oito horas de trabalho, oito horas de sono e oito horas de lazer e estudo). A escolha de oito horas pode ser representada, segundo Perrot: “exprimindo ao mesmo tempo uma representação quase estrutural do mundo e o projeto de uma sociedade harmoniosa, equilibrada: por vir”.³⁵ O movimento operário abraçou a causa das oito horas a ser defendida em todos os países.

Com respeito à razão pela escolha da data de Primeiro de Maio, nos EUA, foi, possivelmente, por estar ligada ao fato de que esse dia era conhecido por *Moving Day*, data em que se celebrava a renovação dos contratos de trabalho e de aluguéis. O mês de maio era também, segundo Catroga, “o período do ano em que se deflagravam mais greves, por causa do crescimento dos dias e do conseqüente aumento das horas de trabalho, tanto nos campos como nas fábricas.”³⁶

O Primeiro de Maio exprimia muitas outras reivindicações, e guardou, dependendo do país, especificidades, que só podem ser compreendidas mediante estudos localizados. Foram bandeiras de lutas: eliminação do trabalho infantil; abertura política maior e proteção à classe trabalhadora, bem como “*o sufrágio universal e direto e a proteção aos operários foram incorporados à tradição original do Primeiro de Maio*”.³⁷

Os trabalhadores lutavam politicamente com mais vigor, e os patrões respondiam com acentuada violência a qualquer tentativa de manifestação da classe oprimida. Era evidente que haviam embates, oriundos de várias partes da Europa e América, tendo como um dos momentos mais impactantes as greves dos operários dos Estados Unidos, onde ocorreu o “Massacre de Chicago”, questão conjuntural deflagradora dos atos do Primeiro de Maio em escala internacional.

35 PERROT, Michelle. Primeiro de Maio na França 1890: nascimento de um rito operário In: *Os Excluídos da História*. São Paulo: Paz e Terra, 1992, p. 134.

36 CATROGRA, Fernando. *O Céu da Memória*: cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal (1756-1911). Coimbra: Ed. Minerva, 1999, p. 215.

37 HOBBSBAWM, Eric. *Pessoas Extraordinárias*: Resistência, Rebelião e Jazz. São Paulo: Paz e Terra, 1998 p.183.

1.3 O “Massacre de Chicago”

A luta pela redução da jornada de trabalho ganhou importante deliberação. A maior entidade sindical estadunidense, AFL (Federação Americana do Trabalho), mesmo não pertencendo à tradição dos socialistas e anarquistas³⁸, em novembro de 1884, conseguiu unificar o movimento operário, ao promover um Congresso, em Chicago, para discutir a questão das oito horas, e, como deliberação, se define que, a partir de Primeiro de Maio de 1886, os trabalhadores considerem a jornada em oito horas, independentemente da vontade dos patrões. Não aceita esta determinação pelos detentores dos meios de produção, seria declarada a greve nas indústrias que não respeitassem a medida.

A AFL definiu o prazo de um ano e meio por considerar tempo necessário para a preparação dos trabalhadores para mobilização, e dos patrões, para reestruturação das fábricas para a nova jornada de trabalho.³⁹ Um ano e meio de preparação, cerca de trezentos de cinquenta mil trabalhadores estadunidenses foram para as ruas, em Primeiro de Maio de 1886,⁴⁰ com a seguinte palavra de ordem:⁴¹

A partir de hoje nenhum operário deve trabalhar mais de 8 horas por dia.
8 horas de trabalho!
8 horas de repouso!
8 horas de educação!

³⁸ Desde sua formação, a AFL resumia suas ações a uma disputa por barganhar direitos, dentro dos limites impostos pelo capital. Na manifestação da Praça Haymarket, em Chicago, uma bomba matou e feriu policiais (ver adiante neste trabalho). Injustamente, os Cavaleiros do Trabalho foram ligados ao incidente na mente do público. Este sindicato perdeu filiados e acabou na depressão de 1890. Em meio ao vácuo deixado pela crise dos Cavaleiros do Trabalho, a AFL se fortaleceu e tornou-se o sindicato mais poderoso dos Estados Unidos. Segundo o fundador da referida associação, Samuel Gompers, os Cavaleiros pereceram por usarem ingenuamente sua *ideologia* (radical) e se envolverem em política. A AFL “Defendia o “sindicalismo puro e simples”, entendendo com isso o atingimento (sic) de metas como salários mais altos, horas mais curtas e proteção sindical, incluindo, se possível, a oficina ou fábrica sindicalizada (que só empregava membros do sindicato). E mais adiante: A AFL se mantinha distante dos movimentos socialistas, e das organizações radicais como as Molly Maguires e a International Workers of the World (IWW). SELLERS, Charles. Uma reavaliação da história dos EUA. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor. 1990. p. 251- 254.

³⁹ ROIO, José Luis del. Op cit p. 64.

⁴⁰ ZINN, Howard. Op cit p. 270

⁴¹ ROIO, José Luis del. op cit p. 57

Seguindo o apelo mobilizador das lideranças sindicais, os operários não esperavam a tragédia que marcou a data. Em Primeiro de Maio de 1886:

Milhares de trabalhadores de todos os pontos dos Estados Unidos abandonam o trabalho para proclamarem a jornada de oito horas. Em Chicago, muitos dos 80.000 grevistas confluem para o comício na Avenida Michigan, promovido pela União Operária⁴²

A greve continuou em vários locais, sobretudo em Chicago, cidade mais industrializada dos EUA, registrando que “toda estrada de ferro em Chicago esteve inoperante, e a maioria das indústrias de Chicago foram paralisadas”.⁴³ A repressão acentua-se na medida em que os protestos também se agudizavam. Em três de Maio houve confrontos entre os sindicalistas e os “scabs” (espécies de fura-greves). A polícia abriu fogo contra a multidão, matando quatro grevistas e ferindo muitos outros. As lideranças dos protestos, sobretudo os dirigentes da International Working People’s Association, os anarquistas Albert Parsons e August Spies, marcaram um comício para o dia seguinte (quatro de maio) para deliberar a reação dos trabalhadores ante a repressão.

Em quatro de maio de 1886, no calor das novas manifestações, na Praça Haymarket, por volta das dez e meia da noite, um destacamento policial posicionou-se para dispersar o comício. Estavam apenas não mais do que duzentos operários. Em torno da intervenção policial, ocorreu uma explosão no meio da multidão, ocasionando a morte de sete policiais, além de dezenas de feridos, o que serviu como justificativa para a repressão brutal que seguiu provocando dezenas de mortes e prisão de militantes operários, entre eles, os líderes do movimento, na maioria tipógrafos alemães emigrados de tendência anarquista, como Albert Parsons, dirigente do periódico *Alarm* e fundador da Central Union; August Spies, dirigente do periódico *Arbeiter Zeitung*; Michel Schuwab, que dirigiu outro jornal operário *Verboten*; Sam Fielden; Oscar Neeb; Adolph Fischer; Louis Lingg e Georg Engel. O episódio ficou conhecido como “Massacre de Chicago”.

42 BRANDÃO, José. *Chicago 1886 – Lisboa 1986: 100 anos por 1 dia*. Lisboa: Inquérito, 1987 p 18

43 Tradução livre de ZINN, Howard. Op cit p. 270. Citação original “every railroad in Chicago stopped running, and most of the industries in Chicago were paralyzed”.

Em vinte um de junho do mesmo ano, deu-se o julgamento forjado dos grevistas, já que não havia provas da participação dos líderes no incidente, tampouco sabia-se a autoria da explosão. A sentença para a maioria deles foi a morte por enforcamento ou prisão perpétua. Os líderes foram executados, mas a chama da esperança não se apagara. As últimas palavras de Albert Parsons foram:

Crede senhores, que quando nossos cadáveres hajam sido arrojados ao monturo, tudo será acabado? Crede que a guerra social se acabará estrangulando-nos barbaramente? Não! Sobre vosso veredicto cairá o do povo americano e do mundo inteiro para demonstrar vossa injustiça e as injustiças sociais que nos levam ao cadafalso; cairá o veredicto popular para dizer que a guerra social não terminou por tão pouca coisa⁴⁴

Apesar da celeridade da Justiça, na tentativa de que a punição rigorosa pusesse fim às revoltas, as vozes dos trabalhadores ressoavam não apenas pelas oito horas de trabalho, mas também contra a sentença judicial. Eclodiam, de vários países, enxurrada de moções de repúdio ao ato vil da Justiça. Tardamente, em meio aos protestos que persistiam, o governador do Estado de Illinois, John Peter Altgeld, fez o Tribunal de Justiça reconsiderar o julgamento dos anarquistas, ao afirmar não haver provas que os incriminassem. No entanto, era tarde, pois dos oito condenados ao enforcamento ou prisão perpétua, apenas três puderam usufruir a liberdade.

Os Mártires de Chicago tornaram-se símbolos da luta pelos direitos dos trabalhadores, abraçados pelo movimento operário mundial, impulsionando o desejo libertário da classe. Embora reprimidos, os trabalhadores conseguiram as oito horas de labuta em diversos estados norte-americanos. Mesmo com a vitória parcial, era necessário conquistar a redução em todo território estadunidense, bem como incentivar, aos outros operários, da importância a luta pela melhoria das condições de trabalho.

44 CARDOSO, Alcina & ARAÚJO, Sílvia. *1º de Maio. Cem Anos de Solidariedade e Luta*. Curitiba: Ed Beija Flor, 1986. p. 17.

1.4 Os Mártires de Chicago na iconografia operária.

Breve comentário, para ilustração, a respeito da força simbólica da representação dos Mártires, nas imagens dos estandartes, convocatórias, jornais e demais documentos operários, ao lado das bandeiras vermelhas ou negras (representando os socialistas e anarquistas, respectivamente) e do mote das “oito horas”. Há ilustrações dos líderes mortos de Chicago acompanhados de alegorias da liberdade, representados pelos lemas e ícones da Revolução Francesa, ou Comuna de Paris. Exemplos da iconografia dos Mártires no Primeiro de Maio, pelas seguintes imagens.



Acima, as figuras 1 e 2, à esquerda, ilustração utilizada pela imprensa anarquista em vários países, em solidariedade à luta operária (reproduzida de Ognì Anno un Maggio Nuovo). À direita, a ilustração de Walter Crane alusiva

aos Mártires de Chicago (Columbia University Library). Interessante perceber a imagem feminina como alegorias da liberdade.



Na ilustração, a alegoria de uma tocha, simbolizando a liberdade e fotos dos acusados pelos distúrbios da Praça Haymarket. A Imagem de August Spies no centro, cercada pelas fotos dos outros líderes, em sentido anti-horário, de cima para baixo, as fotos de: A. R. Parsons, Samuel Fielden, Oscar Neebe, George Engel, Adolph Fischer, Louis Lingg, and Michael Schwab..

Jornais operários brasileiros, freqüentemente se utilizavam da iconografia em edições especiais de Primeiro de Maio. Cláudio Batalha refere que:

os símbolos do 1º de Maio provinham do movimento operário. Desse modo no Rio de Janeiro, como em outros lugares, a alegoria feminina da liberdade, o barrete frígio, o globo terrestre, o nascer do sol, as duas mãos em cumprimento, figuravam tanto nos estandartes de associações operárias como nas páginas da imprensa operária dedicadas ao 1º de Maio, ao lado da bandeira vermelha dos socialistas e da bandeira negra dos anarquistas⁴⁵.

A capa do jornal da Confederação Operária Brasileira (COB), *Voz do Trabalhador*, em edição de Primeiro de Maio de 1913, mostra o Sol nascendo com a insígnia “liberdade” raiando, o operário, de costas, sem a camisa e os grilhões que o prendiam, portando um martelo, contemplando o horizonte da liberdade, pisando caveiras, representando o capitalismo, militarismo, aristocracia e burguesia, que estaria a morrer em virtude da força do proletariado. Há ainda o poema de Max dos Vasconcelos, que tenta explicar o sonho operário, abaixo da gravura:

Dia Grande e cruel à Memória Operária,
hinos brancos de paz, hinos rubros de guerra,
a bandeira do Amor que se Fez incendiária...

Data fatal que em si ao mesmo tempo encerra
a promessa do Bem ao coração da Pátria,
e juramentos de Ódio aos senhores da Terra!

**Olhar perdido além, num horizonte vago,
Num sonho em que se vê o Mundo Comunista,
ou se lembram talvez dos mortos de Chicago!
Grande marco miliario à suprema conquista
do País Ideal onde se esplaina o Lago
Verde-azul da Concórdia a consolar a vista...**

**Calendário! O Sol que te ilumina seja
o último a iluminar as grades da Prisão
os muros do Quartel e as fachadas da Igreja;**

**E amanhã, ao brotar do grande Astro o clarão,
que aos seus raios triunfaís o Homem por fim se veja
Sobre a Terra, a cantar, liberto do patrão! (grifos meus)⁴⁶**

45 BATALHA, Cláudio. Cultura associativa no Rio de Janeiro. In: *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.p 107.

46Jornal A Voz do Trabalhador, Rio de Janeiro, 1/5/1913 p.1. Coleção Fac Símilar (1908-1915).



Pelo poema, pode-se interpretar a ilustração da “Voz do Trabalhador” como o amanhecer do Primeiro de Maio como anúncio da liberdade, em que os grilhões burgueses são rompidos com a força do operário que declara guerra aos senhores, em nome da liberdade que raia como um Sol iluminando

as mentes sãs de boa fé. Adiante, serão abordadas as diversas formas de concepção e abordagens do rito operário.

1.5 A Tradição Inventada do Primeiro de Maio

A todos
que saíram às ruas,
de corpo máquina cansado,
a todos
que imploram feriado
às costas que a terra extenua -
Primeiro de Maio!
Meu mundo, em primaveras,
derrete a neve com sol gaio.
Sou operário -
Este é o meu Maio!
Sou camponês -
Este é o meu mês.
Sou Ferro -
Eis o Maio que eu quero!
Sou Terra -
O Maio é a minha era!

“Meu Maio”, de Vladimir Maiakóvski, 1923⁴⁷

O poema de Maiakóvski evidencia a força do Primeiro de Maio para a classe trabalhadora, pois, após os eventos de Chicago, eclodiu um movimento internacional de afirmação da luta operária, estabelecendo o dia Primeiro de Maio como marco para o processo de conquista das oito horas de trabalho.

Em 1888, a AFL, ao fazer balanço dos últimos anos, decidiu realizar nova greve geral, em Primeiro de Maio de 1890, a fim de que a jornada de 8 horas se estendesse aos outros estados Norte-Americanos. Em quatorze de julho de 1889, em meio às comemorações do Centenário da Revolução Francesa, na Exposição Mundial de Paris, o movimento operário, apesar das lembranças do Massacre na Comuna de Paris (1871), organizou o Congresso Marxista de Paris, inaugurando a Segunda Internacional⁴⁸.

Dentre as deliberações, declarou-se o Primeiro de Maio como dia internacional de luta dos trabalhadores pela jornada de oito horas diárias, além

47 “Meu Maio”, de Vladimir Maiakóvski, 1923. Tradução Bóris Schnaiderman. In: *1890 – 1990. Cem Vezes Primeiro de Maio*. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, Secretaria Municipal da Cultura, Prefeitura Municipal de São Paulo, 1990.

48 KHRAMTSOV, A. *Tradições do Primeiro de Maio*, Moscou: Ed Progresso, 1986, p. 5

de aglutinar propostas como o sufrágio universal e direto, criação de leis protetoras aos trabalhadores. Dentre as medidas indicadas, destacava-se o Primeiro de Maio como data deflagradora das lutas:

Será organizada uma grande manifestação internacional com data fixa, de maneira que em todos os países e cidades, ao mesmo tempo, os trabalhadores imponham aos poderes públicos a redução legal da jornada de trabalho a oito horas e a aplicação das outras resoluções do Congresso Internacional de Paris⁴⁹.
Considerando que uma manifestação similar já havia sido marcada para o 1º de maio de 1890, pela AFL, no congresso de dezembro de 1888, o qual se desenrolou a Saint Louis, tal data é adotada para a manifestação internacional⁵⁰.

Apesar de o movimento anarquista francês ter pensado em eleger um dia de protestos, por volta de 1883 e 1884.⁵¹ O estabelecimento congressual da data do Primeiro de Maio como dia da mobilização operária internacional, em 1890, surpreendeu pela imensa adesão dos trabalhadores, pois em parte considerável da Europa, com exceção da Inglaterra, que adiou as comemorações para o domingo, dia quatro de maio, (muito embora alguns operários desobedecessem às disposições do comitê organizador inglês, e se reunissem, em Primeiro de Maio, em solidariedade ao operariado mundial), muitos trabalhadores foram às ruas, no primeiro dia do quinto mês. Em Primeiro de Maio de 1890, saía uma edição do Manifesto Comunista em alemão, com prefácio de Engels:

Proletários de todos os países, uni-vos! Hoje, dia em que escrevo essas linhas, o proletariado europeu e americano passa revista as suas forças de combate mobilizadas, pela primeira vez, mobilizadas num único exército, sob uma única bandeira e para um objetivo imediato: a um dia normal de trabalho de oito horas a estabelecer por lei. O espetáculo desse dia abrirá os olhos aos capitalistas e aos senhores de terra de todos os países para o facto de que hoje os proletários de todos os países estão realmente unidos⁵².

49 ROIO, José Luis del. op. cit.p. 82.

50 BRANDÃO, José. op. Cit p 42

51 CATROGA, Fernando. Op cit p 214

52 MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. Moscou: Ed. Progresso, 1987 p 25.

A data marcou tanto o ideário do operário, que começou a ser repetida, ano após ano, em grande parte das regiões européias. Em 1891, o segundo congresso da Segunda Internacional, em Bruxelas, aprovou a resolução que determinava:

tornar permanente o 1º de maio como festa dos trabalhadores de todos os países, durante o qual o proletariado deve manifestar os objetivos comuns de suas reivindicações, bem como a sua solidariedade⁵³.

Isto é, no Primeiro de Maio, os trabalhadores saíam das fábricas para relembrar o luto pelos mártires e, ao mesmo tempo, protestar por melhores condições de vida e também, pelo menos, poder desfrutar de um dia livre para o lazer com suas famílias.

Os operários radicalizaram e as direções seguiram a categoria, propondo sempre marcar a data do Primeiro de Maio como dia de luta. Deste modo foi, de início, deliberação das direções às bases, depois, exigência das bases às direções.

As entidades operárias perceberam a força que o Primeiro Maio exercia no seio da classe trabalhadora. Em deliberação, o Secretariado Nacional do Trabalho de Paris fez distribuir uma convocatória, sob forma de manifesto, para a celebração de 1892, conforme o jornal *O Operário*, de Fortaleza:

O Correio da Europa de 20 do mez passado dá o seguinte respeito das manifestações operarias no dia 1º de Maio:

“Segundo dizem de Pariz o secretariado nacional do trabalho resolveu fazer distribuir pelos comités e associações socialistas um manifesto, cujos periodos mais importantes são os seguintes:

“O dia 1º de Maio tornou-se um dia de manifestação no mundo inteiro. Não obstante as fronteiras todos os trabalhadores de cada paiz devem afirmar publicamente os laços de solidariedade que os unem.

Uma reivindicação é hoje universal – limite da duração do trabalho. Há outras reivindicações que não são communs e que apenas dizem respeito a cada paiz em especial.

(...) Em Chicago organiza-se para o 1º de Maio uma manifestação em que tomarão parte 20.000 operários. A comissão central obreira publicará um manifesto em inglez e alemão. O manifesto será dirigido

53 ROIO, José Luis del. Op cit p. 89.

segundo as ideias anarquistas, reclamará o dia de 8 horas de trabalho, e protestará contra a opressão dos operários pela polícia. Termina pelas seguintes palavras: - OPERÁRIOS, LEVANTAI-VOS EM MASSA!"⁵⁴

As entidades operárias traçaram um plano de celebração que determinasse algumas questões universais para o movimento operário, como forma de união internacional, a exemplo da questão das oito horas de trabalho, entretanto o Secretariado Nacional do Trabalho entendia que, apesar de o Primeiro de Maio ser comemorado, na maioria dos países, era necessário assegurar a autonomia das organizações operárias, delegando-lhes o poder de aplicar as reivindicações operárias particulares a cada país. O Primeiro de Maio vai-se transformando em rito, configurando-se, como assevera Michelle Perrot, num:

(...) ato político deliberado, essa manifestação ilustra o lado voluntário da construção de uma classe – a classe operária – , à qual os socialistas tentam dar uma unidade política e cultural através daquela pedagogia da festa (...)⁵⁵

O Primeiro de Maio carregava uma simbologia de resistência à ordem, de desobediência ao sistema, pois, no Primeiro de Maio, os trabalhadores não produziam a riqueza para o burguês, numa alusão à transformação da sociedade, na esperança de que todos os dias do ano seriam como o Primeiro de Maio, um dia em que o operário deixaria de ser explorado e poderia realmente exercer a autonomia da produção, gozando do direito à vida, à liberdade, à igualdade e à fraternidade, lemas da Revolução Francesa, que ressoavam na consciência dos anônimos explorados. Em construção, os diversos significados do Primeiro de Maio. Fernando Catroga orienta a pensar o Primeiro de Maio como:

Uma comemoração, mas também como uma jornada de luta de cunho internacionalista e de nobilitação do trabalho; e que, ao mesmo tempo, procurava distinguir-se das festas cívicas organizadas pelas burguesias no poder, com o intuito de integrar em novos consensos nacionais as contradições entre os grupos e as classes.⁵⁶

54 Jornal O Operário, Fortaleza, 15/05/1892.

55 PERROT, Michelle. Op. Cit.p.127

56 CATROGA, Fernando. Op cit. p. 209.

Sendo assim, o Primeiro de Maio, além de compreender o calendário cívico das classes trabalhadoras, disputando, com Quatorze de Julho francês, ou com Sete de Setembro no Brasil, por exemplo, a preferência dos trabalhadores. O Primeiro de Maio inaugurara, em virtude da simbologia da data, o colorário de mobilizações sociais, no sentido da luta pela melhoria das condições de trabalho. Catroga informa que a data fora escolhida, com toda ritualística, para combater a burguesia. Com isso, se afirma que o Primeiro dia de Maio é a data mais significativa para a classe pobre, por seu aspecto universal. Nesse sentido, Hobsbawm complementa:

O Primeiro de Maio partilhava com os feriados cristãos a aspiração à universalidade ou, em termos do movimento operário, ao internacionalismo. Essa universalidade impressionava profundamente os participantes e tornava maior o atrativo da data⁵⁷.

Com essa simbologia, o Primeiro de Maio amedrontava a classe burguesa. A estratégia dos detentores do capital e dos governos se constitui na direção de despolitizar a data, tornando-a simples dia de lazer, desvirtuando-o das características originais de luto e luta. O dia, normalmente, foi marcado pelas manifestações contra as políticas governamentais nas ruas das principais cidades do país, notadamente pela reivindicação salarial, dentre outras exigências da classe operária.

O Primeiro de Maio, ao ser pensado como “tradição inventada⁵⁸”, pode ser entendido na dimensão de rito colaborador da formação/ (re) formação de classe. Os rituais:

(...) representavam essencialmente auto-afirmação e definições próprias de uma nova classe através da organização de classe; e, no meio dela, de um grande quadro de militantes saídos daquela classe ou identificados com ela, afirmando sua própria capacidade de organizar, de fazer política, tão bem como a velha elite, de

57 HOBBSAWM, Eric. Pessoas Extraordinárias. Resistência, Rebelião e Jazz. São Paulo: Paz e Terra, 1998 p.179

58 Para Hobsbawm, a tradição inventada, é entendida como: “*um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Alias, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado*”. HOBBSAWM, Eric. & RANGER, Terence (org). *A Invenção das Tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997. p 7.

demonstrar sua própria ascensão através da ascensão de sua classe.⁵⁹

O Primeiro de Maio, ao ser tratado como evento repetido anualmente, transforma-se em instituição operária, pois foi formado (significado) e transmite valores e símbolos para e pelos trabalhadores. Sendo assim, pressuponho responsável, de algum modo, pela formação da classe trabalhadora. E também, de forma dialética, como reflexo dessa (re)formação de classe, até porque:

Um evento não é somente um acontecimento no mundo; é a relação entre um acontecimento e um dado sistema simbólico. E apesar de um evento enquanto acontecimento ter propriedades “objetivas” próprias e razões procedentes de outros mundos (sistemas), não são essas propriedades, enquanto tais, que lhe dão efeito, mas a sua significância, da forma que é projetada a partir de algum esquema cultural⁶⁰

Objetivamente o rito do Primeiro de Maio remontou como projeto inicial a luta pelas oito horas diárias, guardando como simbologia os “Mártires de Chicago”, contudo não é apenas por esse mote das “oito horas diárias/luto dos trabalhadores” que se tornou a data simbólica do operariado, foi também a significância de que a data se fez na mentalidade dos trabalhadores, em ligar questões emergenciais com estratégias históricas de poder, reunindo diversos sentidos na mesma comemoração: o luto e a luta, a festa e o protesto, a missa e o desfile, a greve e o baile, características que aparentam contradições mas, entendidas como formas de construção da identidade do rito, na verdade, complementam o sentido da comemoração de Maio. O historiador Carlos Fonseca mostra a relevância do Primeiro de Maio em Portugal, pois o rito dos trabalhadores;

apesar do exposto, e das inúmeras vicissitudes por que teria de passar, nenhuma outra efeméride conseguiu enraizar-se tão profundamente no operariado português, nenhuma outra data resistiu como o Primeiro de Maio, ao desgaste dos anos e à adversidade.⁶¹

59 HOBBSAWM, Eric. *Mundos do Trabalho*, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1987. p. 115

60 SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. p. 191

61 FONSECA, Carlos da. *O 1º de Maio em Portugal 1890-1990: crônica de um século*. Lisboa: Edições Antígona, 1990. p 9.

A data, cada vez mais lembrada pelos operários, ganha diversos significados, na opinião de Michelle Perrot:

Em primeiro lugar, a vontade de mostrar a força do proletariado pela simultaneidade da demonstração (“data fixa... ao mesmo tempo, ...no mesmo dia marcado”), reveladora de um certo sentido de encenação e de uso da mídia típico de uma psicologia das multidões em pleno desenvolvimento. Trata-se de dar à classe operária consciência de si mesma através da realização de gestos idênticos num amplo espaço e de impressionar a opinião pública com tal espetáculo.⁶²

Deste modo, o Primeiro de Maio, na realização das manifestações de forma simultânea, confere sentido internacionalista de classe, como incentivador e revigorador das rebeliões, já que o “exército proletário” desfilava nas ruas no mesmo dia, com gestos idênticos, na utilização de bandeiras de luta unificadas (a exemplo das oito horas de trabalho), na ocupação dos espaços de poder burgueses. Tudo isso pode ser entendido como forma pedagógica de construção de identidades comuns à classe, no sentido de demonstração de força e vigor ante a organização burguesa, era, de todo modo, encenar uma possível vitória nas relações de classe.

Além do mais, Perrot diz que o “interlocutor designado pelos trabalhadores são os” poderes públicos“, isto é, o Estado e suas diversas instâncias”, e a terceira característica dos atos de Primeiro de Maio foi aproveitar o ensejo e fazer referências às lutas dos trabalhadores estadunidenses, e escolher a mesma data, anteriormente definida pelo movimento operário dos EUA, no ano de 1888, era a união internacional dos trabalhadores que prevalecia, reivindicando:

O estado designado como interlocutor, não só para a assistência, mas para a reforma, e os desfiles operários ordenados em função dos lugares do poder, constituem certamente a principal novidade, que indicam a dimensão política do Primeiro de Maio, em princípio mais manifestação do que festa, mais meio de pressão do que modo de expressão.⁶³

No caso cearense, quando o Primeiro de Maio, antes restrito às sessões solenes, parte para a celebração pública, fez-se a tentativa da

⁶² PERROT, Michelle. Op Cit p. 130

⁶³ PERROT, Michelle. Op Cit p. 130-133

utilização de locais de tradicional aglomeração de pessoas, como as Praças do Ferreira, Visconde de Pelotas e José de Alencar, localizadas no Centro de Fortaleza, que ao longo dos anos, foram marcados pelos grandes protestos e eventos na cidade, equipamentos urbanos consagrados na cultura da cidade como “espaços do povo”, pois conquista de lugares públicos pela classe operaria foi um árduo percurso de seu movimento. O mapa aéreo seguinte mostra as localizações dos comícios de Primeiro de Maio, em Fortaleza, durante o período estudado.

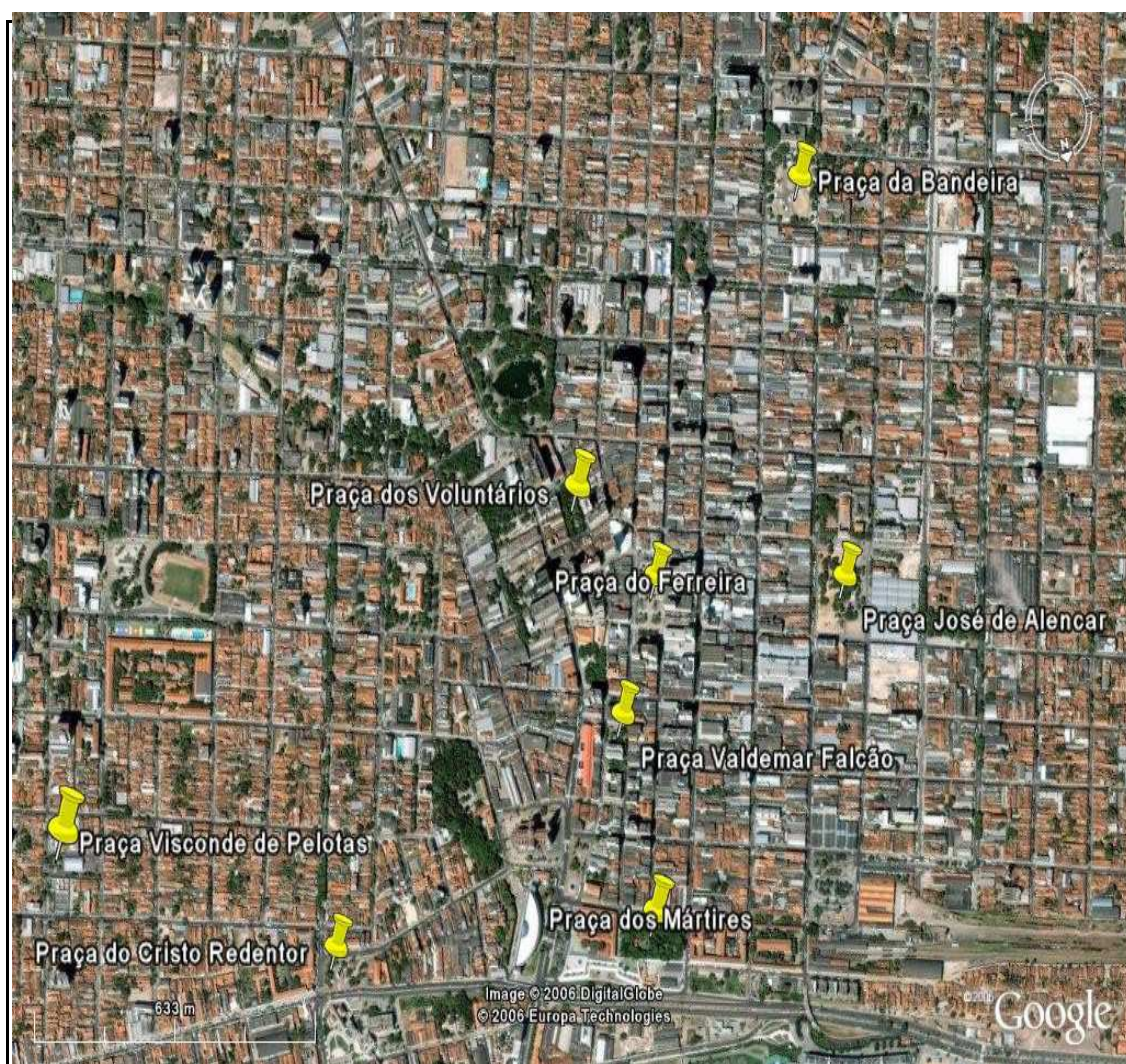


Ilustração 4: Mapa aéreo do centro histórico de Fortaleza. *Google Earth*, editado por Lindercy Lins.

As Praças do Ferreira e José de Alencar eram preferidas pelos trabalhadores, por serem centrais e próximas às linhas de bonde. A Praça de

Pelotas, um pouco mais afastada do “coração da cidade”, foi utilizada, sobretudo, pelo Sindicato dos Gráficos, Pedreiros e Carpinteiros em alguns anos, como em 1930.

A Praça do Cristo Redentor assim como o Colégio Imaculada Conceição serviram de locais para as comemorações católicas da União dos Moços Católicos (UMC), Círculos Operários Católicos (COC) e Legião Cearense do Trabalho (LCT). As Praças Valdemar Falcão (Capistrano de Abreu), da Bandeira e Getúlio Vargas (Voluntários) vão se inserir no Primeiro de Maio, em Fortaleza, por força do poder constituído, que centraliza os comícios para esses locais, durante o varguismo.

O que há de comum em todos os locais é a familiaridade com que os trabalhadores se reportam a eles, onde encontravam ambiente cotidiano de compras, encontros e, até mesmo, de lazer, além de ser local de poder do Estado. São lugares que as elites freqüentavam, espaços de visibilidade de uma classe em formação, de força e organização. O Centro de Fortaleza aglomerava os mais variados tipos de pessoas, bairro com que o trabalhador se identificava, pois são:

(...) lugares simbólicos, promovidos a símbolos por um processo de memorização consciente e militante, tornados simbólicos pela vontade de vencer o esquecimento no qual mergulha não só a vida cotidiana operária, mas também a luta dos dominados.⁶⁴

A busca de espaços de manifestação, de poder e ao mesmo tempo, de negociação com o Estado, marcaram a trajetória do Primeiro de Maio, como dia com diversos significados: festa, luto/luta e disputas político-institucionais.

O Primeiro de Maio foi planejado com resultado animador para o movimento operário, significando dia que marca o calendário de universalização da classe, pois “sua universalidade não deriva apenas do caráter internacional da data, mas por romper as fronteiras da associação e do ofício para compreender o conjunto da classe operária”⁶⁵.

64 RÈBÉRIOUX, Madeleine. Lugares de memória operária. In: *O Direito à Memória – Patrimônio Histórico e Cidadania*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura da cidade de São Paulo – DPH, 1992. p. 53.

65 BATALHA, Cláudio. Cultura associativa no Rio de Janeiro. In: *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Ed. Unicamp, 2004. p. 105

1.6 O Primeiro de Maio no Brasil no início da Primeira República.

Apesar de o regime monárquico depender de instrumento retrógrado de exploração da mão-de-obra, o trabalho escravo, havia o projeto de modernização capitalista, desenvolvido desde 1860, disposto a colocar o Brasil em igualdade com o mundo moderno europeu e norte-americano, trazendo invenções que causavam espanto e maravilha à população: telefone, telégrafo, fotografia e ferrovias, que ligavam parte das fazendas de café de São Paulo aos portos escoadores da produção cafeeira⁶⁶. As agitações políticas modernizadoras eram o pano de fundo do Brasil da virada do século XIX para o século XX.

A modernização econômica ganhava contornos mais profundos com a Proclamação da República, em 1889, que coincide, internacionalmente, com o Congresso da II Internacional dos trabalhadores. Com o fim da escravidão e a conseqüente utilização de mão-de-obra assalariada, o capital, que antes adquiria escravos, passou a ser empregado nas atividades manufatureiras, formando, aos poucos, parques industriais, sobretudo, na capital, Rio de Janeiro e em São Paulo, atraindo imigrantes estrangeiros e trabalhadores de outras regiões do país aos pólos de desenvolvimento.

Em face disso, as comemorações de Primeiro de Maio foram revestidas pelo contexto da nova forma de governo. No Brasil, entretanto a idéia da e instauração de república pouco teve de transformação social, já que a proclamação do regime republicano é interpretada na historiografia como golpe militar, pelo qual a população se viu *bestializada*⁶⁷ com a aquartelada do exército que resultou na nova forma de governo, cuja promessa de modernidade e liberdade ficou apenas no discurso dos republicanos. O novo regime político não mudou radicalmente a sociedade brasileira, excluindo boa parte da população, mormente, os mais pobres da participação política,

66 NEVES, Margarida. Os Cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o século XX. In *O Brasil Republicano 1: o tempo do liberalismo excludente da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 25

67 Ver em: CARVALHO, José Murilo. *Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

redistribuindo o poder entre grupos de militares, industriais e proprietários rurais, sobretudo, cafeicultores:

Dessa forma, verifica-se que, ao instituir o regime representativo democrático, as leis da República abrem juridicamente a participação no processo político, ao mesmo tempo em que cerceiam, na prática, seu funcionamento⁶⁸

O movimento dos trabalhadores, desiludido com a República, reagiu, segundo Cláudio Batalha, de três formas: os reformistas, positivistas e cooperativistas defendiam a obtenção de direitos sociais, sem, contudo, questionar a lógica do sistema político vigente. A segunda onda de reações solicitava direitos políticos e sociais, pela mudança, via eleitoral, proposta defendida pelos socialistas e reformistas mais politizados; e a terceira resposta, de negação da institucionalidade, “*depositando na ação direta a forma de pressão necessária para a obtenção de conquistas, defendida por sindicalistas revolucionários e anarquistas*”⁶⁹. Nesse contexto, vão se inserir as comemorações de Primeiro de Maio no Brasil, guardando diferentes significados a partir da ideologia de cada vertente operária que comemora, de acordo com sua concepção política.

Segundo Sílvia Petersen⁷⁰, não há registros de comemorações abertas de Primeiro de Maio em 1890. No entanto, Ângela de Castro Gomes registrou menção à data do trabalhador pelos socialistas em 1890, como lançamento do programa do grupo político do tipógrafo França e Silva⁷¹. Inclusive, no fim do século XIX, não há constância de comemorações de Primeiro de Maio, no decorrer dos anos, em virtude, segundo Bernardo Kocher, “do clima militarista instaurado após a Revolta da Armada (no Rio de Janeiro), e da Revolução Federalista (no Rio Grande do Sul), abafou os primeiros passos do 1º de Maio

68 RESENDE, Maria Efigênia. O Processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico. In: *O Brasil Republicano 1: o tempo do liberalismo excluyente da proclamação da República à Revolução de 1930*. op. cit. p. 102.

69 BATALHA, Cláudio. Cultura associativa no Rio de Janeiro. In: *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. op cit. p.175.

70 PETERSEN, Sílvia. Proletários subversivos. In: *Revista Nossa História*, Rio de Janeiro: Vera Cruz, Maio de 2004.

71 GOMES, Ângela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p 50

no Rio de Janeiro”.⁷² As comemorações de Primeiro de Maio no Brasil, em fins do século XIX, restringiam-se a discretas sessões solenes, pela própria condição desfavorável às manifestações, em virtude da instabilidade do regime republicano brasileiro.

Para o Brasil do século XIX⁷³, estudo de Sílvia Petersen aborda o início das comemorações do Primeiro de Maio. Para ela, a questão está articulada aos processos simultâneos de urbanização e industrialização, “em fins do século XIX, um emergente processo de industrialização passou a atrair trabalhadores para os centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande”. Ao lado das variáveis, Petersen destaca a presença imigrante e os contatos que se estabelecem com os trabalhadores nacionais, na difusão do pensamento socialista e do anarquismo:

a imigração, que favoreceu contatos entre trabalhadores brasileiros e estrangeiros, foi uma via de entrada importante – mas não exclusiva – para as idéias socialistas e anarquistas que já animavam os trabalhadores europeus e logo teriam aqui seus intérpretes⁷⁴

Edilene Toledo, ao analisar o sindicalismo revolucionário no Brasil, discute a importância do elemento imigrante na composição da classe trabalhadora brasileira, operários vindos da Europa, sobretudo da Itália, sendo: *“alguns deles militantes importantes que tinham sido expulsos ou tinham fugido de seu país de origem e que estavam dispostos a continuar seus esforços para o fortalecimento da luta operária nos locais aonde se transferiam”*.⁷⁵

Os operários estrangeiros, mesmo diante de uma realidade distinta, registraram contribuição na organização dos trabalhadores brasileiros. De fato,

72 KOCHER, Bernanrdo. *Luto-luta: O Primeiro de Maio no Rio de Janeiro (1890 – 1940)*, Dissertação. Niterói: UFF, 1987. p 63

73 Edgar Rodrigues publicou várias obras de resgate da memória operária, sobretudo do movimento operário anarquista, destacando-se: *Socialismo e Sindicalismo no Brasil (1969)*, *Nacionalismo e Cultura Social (1972)* e *Novos Rumos (1972)*, *Alvorada Operária (1979)* e *Anarquistas: Trabalhadores Italianos no Brasil (1989)*.

Segundo o autor: a primeira tentativa para comemorar o Primeiro de Maio no Brasil, ocorreu a 15 de abril de 1894, durante reunião realizada (...) onde anarquistas e socialistas italianos, radicados em São Paulo, foram presos após denúncia à polícia feita pelo consulado italiano. RODRIGUES, Edgar. *Alvorada Operária: Os congressos operários no Brasil*. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1979. p 102.

74 PETERSEN, Sílvia. Op. Cit p. 60

75 TOLEDO, Edilene. *Travessias Revolucionárias: idéias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890 -1945)*. Campinas: Ed Unicamp, 2004. p. 28.

a circularidade das idéias, vindas de várias experiências militantes de outras partes do mundo, enriqueceram, na forma e no conteúdo, os atos de Primeiro de Maio no Brasil, pois o ideário internacionalista incentivou as celebrações do rito, mundialmente, e no Brasil.

No início da Primeira República, as ideologias progressistas expressavam-se nos projetos da intelectualidade socialista, bem como propiciaram a união dos militantes em entidades partidárias, “Centros Socialistas” e sindicatos, na tentativa de construir coletivos de trabalhadores na defesa da classe, o que explica, em parte, o fato de que, em alguns locais, o Primeiro de Maio é dirigido e planejado pelos homens de letras da época.

Os primeiros registros de comemorações de Primeiro de Maio, nos noticiosos brasileiros, são datados de 1891, evento realizado pelo Centro do Partido Operário de São Paulo, presumidamente socialista. No ano seguinte, a imprensa divulgou mais notícias sobre os atos de Primeiro de Maio. Nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, foram registradas manifestações políticas.

No Ceará, Adelaide Gonçalves informa que os registros da imprensa operária, alusivos ao Primeiro de Maio, datam de 1891. O jornal operário *O Combate*, do Partido Operário do Ceará, noticia, dentre outros assuntos do universo operário, as comemorações do Primeiro de Maio. Outro exemplo é a publicação, em 1904, do jornal *Primeiro de Maio*, pelo Centro Artístico Cearense⁷⁶. Além da cerimônia de posse da nova diretoria do Centro Artístico, a ser realizada nesse mesmo dia, reverberando, assim, o brado proclamado em outras cidades brasileiras.

Identifiquei comemorações de Primeiro de Maio de entidades de trabalhadores em Fortaleza, como⁷⁷ o Centro Typografico Cearense (1915), União dos Carpinteiros (1915), Sindicatos dos Pedreiros (1915), Sociedade Beneficente do Pessoal da Estrada de Ferro Baturité (1919), Sociedade Artística Beneficente (1922), Sociedade Beneficente Deus e Mar (1923),

76 GONÇALVES, Adelaide. Imprensa dos trabalhadores no Ceará: Histórias e Memórias. In: *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000. p. 275- 283.

77 A pesquisa não teve como objetivo um mapeamento da cronologia acerca das comemorações de Primeiro de Maio, entretanto, citamos as associações e sindicatos operários que apareceram em nossas fontes, entre parênteses, há o ano em que localizamos pela primeira vez, a participação de cada uma delas nos jornais.

Alliança Artística e Proletária de Quixadá (1923), Sociedade Artística Beneficente Amor e Caridade (1923), União Beneficente dos Trabalhadores Ambulantes (1924), Centro Beneficente dos Cigarreiros (1925), Associação dos Chauffers (1926), Sociedade Beneficente 24 de Junho (1928), Sindicato dos Gráficos (1930), Sindicato dos Pequenos Funcionários Públicos (1933), Liga dos Repórteres do Ceará (1933), Sociedade Beneficente Primeiro de Maio, ligada à LCT (1932), Frente Anti-Fascista (1934), dentre outras que organizavam sessões solenes em comemoração ao Primeiro de Maio.

No Ceará, o jornal *O Operário*, de 1892, noticiou as comemorações do Primeiro de Maio daquele ano. O assunto principal foi a realização do Congresso Operário, na Europa, cujas discussões versavam em torno do aumento de salário e redução das horas de trabalho:

Hoje é o dia marcado para se reunir na Europa o Congresso Operário que tem de deliberar sobre o augmento de salario e redução das horas de trabalho.

Todos os paizes da Europa serão representados no Congresso por um delegado revestido de poderes para decidir a sorte de seus irmãos oprimidos pela avalanche dos especuladores e sugadores do suor do povo.

É pois, hoje um grande dia, dia de festa para nós, que deste canto da América Livre enviamos através do Oceano os nossos applausos aos filhos do povo que procuram, por meio de comícios populares modelar a cólera dos hyenas sequiosos de ouro(...) ⁷⁸.

Cláudio Batalha avalia como surpreendente o fato de o Primeiro de Maio ser difundido no Brasil da época:

a difusão e a consolidação da tradição do 1º de maio no Brasil, entre fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX, são bastante surpreendentes, se levarmos em conta a ausência de vínculos mais estreitos entre os socialistas e a Internacional Operária (a II Internacional) (...) ⁷⁹

Se para o sindicato fluminense ou paulista, que, por razões óbvias, detinha contato maior com as notícias do exterior, é de destaque o esforço da entidade cearense em se alinhar às discussões do movimento operário

⁷⁸ Jornal *O Operário*, Fortaleza, 1/5/1892. p1

⁷⁹ BATALHA, Cláudio. Cultura associativa no Rio de Janeiro. In: *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. op cit. p. 106

internacional ao saudar, com “*aplausos, os filhos do povo*” que se reuniam no congresso europeu por melhores condições de trabalho.

O internacionalismo da classe, como demarca o Primeiro de Maio, em dia em que todos, no mundo inteiro, deviam mobilizar-se, foi expresso na notícia de *O Operário*, de importância ao movimento dos trabalhadores por acompanharem as mobilizações pelo mundo, exemplo às demais entidades, como também inspirador de ações espelhadas nos companheiros do resto do mundo, assim, constituindo-se e internacionalizando-se a classe.

A grande imprensa, que noticiara as comemorações dos trabalhadores com certa simpatia e curiosidade, passou a demonstrar preocupação com o movimento, a partir de 1893, quando as dimensões do Primeiro de Maio ultrapassam as sessões solenes e chegam às ruas. Em São Paulo, a Liga Socialista promoveu passeata, ao som de banda de música, acompanhada de bandeira vermelha, “*operários de todas as nacionalidades*” saudaram o Primeiro de Maio, percorrendo as ruas da capital “*numa ordem e harmonia invejáveis*”⁸⁰.

Nesse mesmo dia, contudo, houve uma série de atentados, atribuídos aos anarquistas, com bombas de dinamite em residências de autoridades. Embora o atentado não deixasse vítimas, a imprensa cobrou, por parte do governo, medidas repressivas às atitudes dos operários, como a deportação dos imigrantes rebeldes, prisão de infratores e “procurando nivelar, a poder de dinamite, as classes da sociedade”⁸¹. O jornal pretendia então acabar com a “primeira manifestação material do anarquismo em São Paulo”⁸².

Há mudança, por parte da imprensa, no trato do Primeiro de Maio. Petersen assevera que, se, em 1891, a imprensa noticiava a festa do trabalho, três anos mais tarde, a tônica era de preocupação com a ordem pública, porque as lideranças operárias começavam a assumir a responsabilidade dos atos de Primeiro de Maio.

80 PETERSEN, Sílvia. 2004 Op cit p. 62

81 Jornal O Estado de São Paulo, São Paulo, 03/05/1893. Apud PETERSEN, Sílvia. “Proletários subversivos”, in: Revista Nossa História. Op. cit. p.62.

82 Jornal O Estado de São Paulo, São Paulo, 03/05/1893. Apud MOURA, Esmeralda, Um Sólido Anzol de Aço. Estado e Ação Operária na República Velha. In: *Revista Adusp*, n°10, junho de 1997.

O Jornal do *Commercio de São Paulo* noticiou prisões de operários italianos, reunidos no Centro Socialista, acusados de anarquismo. Por esse fato, a imprensa demonstrou apreensão quanto à comemoração do Primeiro de Maio. Medidas foram tomadas para coibir as manifestações públicas, como prisões, proibição de passeatas e deportações das lideranças estrangeiras.

Sílvia Petersen dimensiona as transformações operadas no Primeiro de Maio, as comemorações organizadas passaram de lideranças formadas por intelectuais em 1891, para operários em 1894. O símbolo do dia transversa de festa à luta. Mesmo em meio ao conturbado processo de estabilização da República no Brasil, onde se confrontavam propostas políticas e econômicas para definir e construir o novo tipo de governo no Brasil, cuja discussão girava em torno da centralização/federalização; projetos modernizadores das elites industriais e de setores do Exército, de um lado, e idéias agroexportadoras do outro, negavam a participação popular no regime republicano. Por conta da luta, os “anônimos” trabalhadores, com a intenção de participarem das discussões políticas, comemoram o Primeiro de Maio como forma de protesto por melhores condições de trabalho. A classe, sob repressão do Estado, ensaia sua reivindicação através dos atos de Primeiro de Maio, a experiência de levar às ruas os estandartes operários começava a delinear a luta operária.

O século XX iniciava com questões oriundas do século passado ainda por resolver, sobretudo, no que tange às condições de vida da classe trabalhadora. Os grupos operários, reunidos entre anarquistas e comunistas, entram em palco a fim de participar das mudanças sociais, em que se percebe, no Primeiro de Maio desse século, o processo de ocupação dos espaços públicos e maior organização das cerimônias do rito operário, como também a radicalidade empregada em defesa da classe.

O PRIMEIRO DE MAIO NO BRASIL NAS DÉCADAS INICIAIS DO SÉCULO XX

Na guerra o forte escraviza o fraco. E na paz o rico escraviza o pobre. Trabalhamos para eles que enchem os seus cofres de ouro. Nossos salários são tão miseráveis que morremos, e os rostos dos que amamos tornam-se duros e maus. Arrastamos correntes mesmo que ninguém as veja. E somos escravos embora os homens nos chamem livres.

(Oscar Wilde) frase retirada do panfleto da CUT/CGT de Primeiro de Maio de 1992.

2.1 A Imprensa e o Primeiro de Maio operário.

Os jornais são as fontes principais desta pesquisa, contudo há que se fazer discussão acerca da relação entre os operários e a imprensa, isto é, problematização da relevância dos veículos de comunicação impressos na luta operária e forma de utilização pelas organizações operárias como instrumento de luta política.

Os dirigentes das associações dos trabalhadores viam-se num dilema: como se apropriar da imprensa burguesa, visto que os jornais operários tinham circulação restrita, a fim de que se propagassem os ideais operários, e de que forma poderiam enfrentar a indiferença com que os grandes jornais tratavam as comemorações de Primeiro de Maio. As reclamações dos trabalhadores eram corriqueiras contra a falta de divulgação das sessões solenes, reproduzidas no *Diário do Ceará*: “Na União Beneficente dos Trabalhadores Ambulantes de Fortaleza, em sua “modesta sessão”, falaram diversos oradores, “um destes verberou a atitude de indiferença da imprensa citadina para com o magno dia”⁸³.

Não somente a indiferença, mas também os preconceitos com que alguns jornalistas descreviam o operário, denunciado pelo orador oficial Manuel dos Santos, em sessão solene do Centro Artístico Cearense: “em seguida,

83 Jornal Diário do Ceará, Fortaleza, 3/05/1924 p.1

criticou a imprensa que mui insidiosamente proclamava não ser operário aquelle que vestia palitô, afirmando, convictamente, que o que ella queria, era o operario inconsciente, para governá-lo à vontade”⁸⁴

No discurso veiculado na grande imprensa, é notória a visão particularizada das comemorações de Primeiro de Maio, anunciando apenas as sessões solenes de algumas entidades, deixando de divulgar ações de grupos operários mais combativos, como o do Partido Socialista Cearense, Federação dos Trabalhadores do Ceará e da União Geral dos Trabalhadores, no final dos anos vinte. Isso representava uma orientação editorial para não divulgar qualquer ato contra a ordem, pois a leitura dos jornais poderia estimular e propagandear a luta dos libertários contra o regime burguês. A ausência da cobertura da grande imprensa, em algumas solenidades, é também uma forma de apagamento da memória militante do Primeiro de Maio.

Gonçalves registra ainda uma série de confrontos entre órgãos de imprensa de orientação católica, *Correio do Ceará* e *O Nordeste* e jornais da imprensa operária, como o jornal *Voz do Gráfico*⁸⁵, representando o sindicato da categoria. A ação de alguns jornais era de desqualificar os operários e suas entidades. Desafio a ser enfrentado era vencer a barreira da imprensa, sendo mais uma luta encampada pelas associações operárias por espaços de divulgação do Primeiro de Maio. Raquel de Queiroz, ao escrever crônica sobre sua época de militante comunista, disse que uma das ações de Primeiro de Maio, além dos pronunciamentos em praça pública, era infiltrar notícias na imprensa:

os que tentariam infiltrar, na “imprensa burguesa” artigos, notas, entrelinhas. Quando se conseguia uma manchete, era a glória”. (...) para nós o jornal era o mais importante objetivo do momento. Pelos nossos vibrantes apelos, pelas nossas objurgatórias contra os poderosos, os quais, em certos casos, podiam dar em cadeia⁸⁶ (...)

A estratégia de fazer com que a imprensa desse publicidade à data consistia em formular convites aos jornais e em desfiles, “saudar a imprensa,” nos cortejos que passavam em frente às sedes dos jornais, pois: “a presença

84 Jornal O Nordeste, Fortaleza, 02/05/1928 p 5.

85 GONÇALVES, Adelaide & BRUNO, Allysson. (orgs). *O Trabalhador gráfico* Edição fac-similar, Fortaleza, ED. UFC, 2002.p 26.

86 QUEIROZ, Raquel de. Primeiro de Maio. In: Jornal O Povo, Fortaleza, 01/05/1992, p.8B

nessas ocasiões de representantes de outras associações, dos jornais e eventualmente de autoridades era também elemento de legitimação e demonstração de prestígio tanto da sociedade aniversariante como de seus dirigentes⁸⁷.

Quanto à Associação dos Chauffeurs de Fortaleza, o convite, publicado no *Diário do Ceará*, de 29 de abril de 1926, é exemplo da demonstração pública do Primeiro de Maio em que se realiza ritual associativo:

Associação dos Chauffeurs, às 14 horas, na sede do Centro Artístico Cearense, inaugurará na sessão o seu estandarte, após o que será feito brilhante *côrso* de automóveis pela cidade, tendo sido posto um auto à disposição da imprensa.⁸⁸

A inauguração do estandarte de Associação busca dar a conhecer, à cidade, a dimensão pública do rito, no caso, com “*brilhante corso de automóveis*”, que legitima a causa dos trabalhadores, visto que “*parece não haver dúvida de que o processo de conquista dos espaços públicos e ao ar livre por esse tipo de acontecimento foi um longo capítulo no processo de luta de classe e de posição de força do movimento operário*”.⁸⁹

Além do curso de automóveis ocupar o espaço público, que em Primeiro de Maio, simbolicamente, pertence aos trabalhadores, há um segundo elemento no desfile dos chauffers: um carro é posto à disposição da imprensa, como desdobramento do efeito de propaganda e também pelo prestígio e legitimação do ato pelo registro jornalístico.

A tática de ceder lugar de destaque à imprensa tem a finalidade de conseguir a simpatia dos jornais para as causas trabalhistas, e é, ao mesmo tempo, uma estratégia política que, além de tentar neutralizar as ações hostis por parte do Estado, “*tendia a ver com desconfiança qualquer forma de organização dos trabalhadores*”⁹⁰.

Em uma sociedade em que predomina a palavra escrita, a imprensa tem seu destaque por parte do movimento operário. Diante disso, Francisco

87 BATALHA, Cláudio. Cultura associativa no Rio de Janeiro. In: *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.p. 104

88 Jornal *Diário do Ceará*, Fortaleza, 29/04/1926 p.2.

89 HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão!*: memória operária, cultura e literatura no Brasil, São Paulo, Ed UNESP, 2002 p. 53

90 BATALHA, Cláudio. Op cit p 111.

Foot Hardman, ao analisar o conto “Primeiro de Maio”, de Mário de Andrade, reproduz a impressão do personagem, o operário 35, ao ler o jornal:

Assim, o ato de ler e refletir sobre o jornal abre, no conto, o mundo das sensações interiores de 35. Mas o que é o jornal, nesse caso, senão o “retrato do mundo?” A sociedade, o governo, a classe operária, inclusive, chegam até a “consciência” de 35 mediados pelo jornal: o 35 sabia, mais da leitura dos jornais que da experiência, que o proletariado era uma classe oprimida. “o mesmo jornal que lhe provocava raiva ou piedade trazia também um certo “conhecimento do mundo”⁹¹.

O jornal, como instrumento de mediação da realidade para 35, reflete o pensamento da classe trabalhadora. Era importante que a sociedade em geral soubesse das dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores, como também ajudava na disseminação da consciência do proletário, marcando ponto de contato entre as diversas realidades conhecidas pela leitura dos periódicos, já que o 35 “*sabia, mais da leitura dos jornais que da experiência, que o proletariado era uma classe oprimida*”. Sendo, assim, relevante para as entidades sindicais a divulgação de suas idéias e ações.

Muitas associações comemoravam aniversário ou elegiam nova diretoria na data do Primeiro de Maio, como o Centro Artístico Cearense. Na leitura de jornais da época, observa-se a divulgação de convites para a sessão solene do Centro Artístico, como o divulgado pelo jornal *O Povo*:

Recebemos o seguinte convite:

O conselho administrativo do “Centro Artístico Cearense” tem a subida honra de convidar V.Exc e Exma. Família para abrilhantarem com sua presença a sessão comemorativa da data do trabalho livre, e posse do novo conselho administrativo a qual se realizará na sede social às 19 1/2 horas do dia 1º de maio. Contudo, pois, com a sua gentil aquiescência ao presente convite com a mais alta estima e subido apreço, summamente agradece o conselho administrativo⁹².

Na pesquisa em torno das demonstrações do Primeiro de Maio, localizei, em vários discursos proferidos por oradores, convidados das associações operárias, a valorização do trabalho como o cerne de sua elaboração:

91 HARDMAN, Francisco Foot. Op. cit p 154

92 Jornal O Povo, Fortaleza, 30/04/30 p.4

ao programarem com antecedência os festejos do dia do trabalho, as associações operárias colocavam em prática, técnicas de arregimentação que ainda são pertinentes. As notícias sobre a programação eram enviadas aos jornais da cidade para que os trabalhadores e os simpatizantes com a causa operária pudessem participar⁹³.

As sessões solenes eram divulgadas nos jornais da grande imprensa, com direito a convites aos jornalistas, cuja propaganda girava em torno do palestrante da sessão solene e de eventuais bailes realizados pelas associações, o que pode apontar o desejo dos líderes sindicais de ampliarem o alcance do discurso, como uma forma de propagandear a causa operária:

Não era incomum, independentemente da coloração ideológica das sociedades operárias, que conferencistas fossem convidados por ocasião das celebrações nas sedes das associações; entretanto, quando esse convite era endereçado a políticos profissionais ou autoridades, isso evidentemente denotava certas escolhas políticas⁹⁴

As cerimônias, com participação de representantes do poder e da imprensa, ajudavam na divulgação das atividades do Primeiro de Maio por parte das entidades, além disso era uma estratégia do movimento operário, pois ao convidar representantes do Estado, buscava *“comprometer moralmente as autoridades republicanas com as reivindicações dos trabalhadores”*.⁹⁵

O Centro Artístico Cearense divulgou conferência do “intelectual Antônio Theodorico da Costa”, prestigiada por representantes do Governo do Estado, Município, Secretário do Interior e da Igreja Católica. O discurso de Theodorico da Costa: *“o operário como factor do progresso universal”*, foi reproduzido em jornais de Fortaleza. Sua fala gira em torno da importância do Trabalho para a humanidade, sendo o operário representante do Trabalho, valoriza-o como o “aristocrata de amanhã”:

o operário sera o aristocrata de amanha. A nova heraldica terá por emblemas e symbolos os instrumentos de trabalho.

93 CARDOSO, Alcina & ARAÚJO, Silva. 1º de Maio. Cem anos de solidariedade e luta. Curitiba: ed Beija Flor, 1986. p. 26

94 BATALHA, Cláudio. op. Cit p.111

95 BATALHA, Cláudio. op. Cit p.111

O bem geral é a conquista suprema do trabalho pela sciencia e pelo amor. Pela sciencia que é o amor da verdade; pelo amor que é a sciencia do coração. Nas horas tremendas dos povos, o operário é sempre salvador.

Srs. O operário é o representante mais genuíno desse trabalho, o seu exemplo mais vivo, o seu modelo mais perfeito, o seu paradygma mais completo.⁹⁶

A Sociedade Artística Cearense realizou sessão solene de Primeiro de Maio com a presença de diversas autoridades, conforme noticiou o Diário do Ceará:

No dia 1º do corrente, quando, as qualidades de representantes do chefe do Estado, presidia a sessão da Sociedade Artística Beneficiente, o ilustre dr. Jonas de Miranda, official de gabinete da presidência, pronunciou o seguinte discurso.⁹⁷

O discurso de Jonas de Miranda, representante do poder constituído, é dividido em duas partes. A primeira denota a importância da reunião de Primeiro de Maio como instrumento de luta pelas melhorias sociais, marcando a esperança por melhores dias, pois o Primeiro de Maio “conforta os nossos espíritos e enche os nossos corações de patriotas e trabalhadores em anseios e esperanças de dias mais generosos”. Jonas de Miranda reconhece o benefício das idéias socialistas no mundo “civilizado”, nesta passagem:

A força do benéfico impulso socialista impelle victoriosamente os novos mais cultos para o empenho generalizado da regulamentação governamental da corrente social, cuja impetuosidade ameaça fazer sentir inesperadamente seu ímpeto, derrocando com fragor e violência os frágeis diques duma legislação envelhecida⁹⁸.

Ele afirma que o mundo civilizado, já unificado politicamente, tem a necessidade de distribuir a riqueza, “disseminando a educação popular e a instrução e melhorar cada vez mais as condições de vidas das massas populares”. Entretanto, na segunda parte do discurso, o proletariado só poderia alcançar as melhorias sociais da classe, se fizesse o “*alevantamento do seu poder moral*”, isto é, como “cristãos primitivos”, que “*sem fazer revolução, conquistaram pouco a pouco, pela difusão de sua doutrina e pela*

96 Jornal Diário do Ceará, Fortaleza, 09/05/1924 p.1.

97 Jornal Diário do Ceará, Fortaleza, 06/05/1925, p. 1.

98 Jornal Diário do Ceará, Fortaleza, 06/05/1925, p. 1.

inquebrantável dedicação à sua fé, em meio dos maiores perigos, força tão irresistível que subjuguou o próprio Império Romano.”⁹⁹

O Primeiro de Maio era o dia em que os trabalhadores deveriam honrar seus antepassados e conquistar os direitos sociais, de forma pacífica, pela participação política. A ênfase de Jonas de Miranda na participação popular, sem revolução, através do voto, deveu-se ao pleito eleitoral para a Assembléia Legislativa, realizado em Primeiro de Maio do mesmo ano.

Era, portanto, ao mesmo tempo, o reconhecimento do poder de penetração ideológica dos socialistas, sem utilizar como método político a “luta direta”, pois não se fazia necessário para a transformação social, até porque, na opinião de Jonas de Miranda, o “Estado Civilizado” já reconhecia seu dever de operar melhorias sociais, que poderiam ser alcançadas com a participação parlamentar do proletariado. O discurso se assemelha a outros de mesma inspiração, informados por: *“um certo conteúdo de reformismo social (...) a fim de evitar os transtornos que as manifestações operárias poderiam causar. Era preciso fazer concessões para evitar situações constrangedoras”*.¹⁰⁰

Num Estado descomprometido com as causas operárias, a imprensa detinha lugar de destaque na mentalidade de alguns trabalhadores, funcionando como uma espécie de “quarto poder”, no ouvidor dos problemas cotidianos, espaço privilegiado de reivindicações da sociedade, conforme decisão dos trabalhadores desempregados de Fortaleza, que não esperaram a data do Primeiro de Maio para protestarem. Assim noticiou O jornal O Povo:

“Queremos trabalhar”, dizem inúmeros homens sem emprego hoje pela manhã. Os homens que gostam de trabalhar e que atualmente estão sem trabalhar reuniram-se, ventilaram assunto e resolveram procurar um meio para solucionar a sua situação de miséria. Coesos e cheios de razão, rumaram em direção à Praça do Ferreira, numa passeata humilde e democrática¹⁰¹.

O intuito dos operários era marcar audiência com o Governador, chegando à Praça do Ferreira, *“esternaram com linguagem simples de pintores*

99 Jornal Diário do Ceará, Fortaleza, 06/05/1925, p. 1.

100 KOCHER, Bernardo. Luto-Luta: O Primeiro de Maio no Rio de Janeiro. 1890-1940. Dissertação de Mestrado. Niterói: UFF, 1987.p. 68

101 Jornal O Povo, Fortaleza, 30/04/1947 p.8

de parede, pedreiros, carpinteiros, etc . A finalidade daquele comício”, na voz dos operários Francisco Cosme Filho e Expedito Vieira. Como não foram recebidos pelo governador, que se eximiu de qualquer responsabilidade, ao se tratar da resolução de problemas dos operários que reivindicavam empregos. Os trabalhadores saíram do Palácio do Governo e foram em direção à sede do jornal O Povo, segundo a visão do mesmo matutino: *“nossa redação foi invadida, de modo discreto, pelos homens que diziam com os olhos: - queremos trabalhar”*. Os operários, ao *“invadirem de modo discreto,”* a redação do jornal, solicitam que o mesmo seja o interlocutor entre sua classe e o poder público, pela divulgação de suas reivindicações no periódico em questão.

2.2 Anarquistas e Socialistas.

No início do século XX, nas duas primeiras décadas, são constantes os registros de comemorações de Primeiro de Maio. Segundo Luciana Arêas, os eventos de Primeiro de Maio eram, geralmente, compostos de:

Salvas de tiros na aurora, saudando o grande dia; ida de comissões de operários aos cemitérios para prestar homenagens aos companheiros mortos (prática bastante comum até 1907); celebrações de missas; passeios até algum ponto do subúrbio ou até outra cidade, como Niterói; festivais comemorativos, dos quais constavam geralmente uma conferência, peças teatrais e um baile “familiar”, harmonizando, desta forma, a propaganda da doutrina e a simples diversão.¹⁰²

Além dessas comemorações, passeata ou préstito, os trabalhadores percorriam as ruas da cidade para saudar a imprensa e associações irmãs. Em geral à frente do préstito, vinha a comissão encarregada da organização, seguida de forma ordenada pelas representações das associações operárias, muitas vezes, eram utilizados carros alegóricos com estandartes operários, flores e simbologia própria, com destaque para os retratos das lideranças; hinos operários eram entoados e estandartes das associações, empunhados com orgulho. Cartazes de protesto, sempre relacionados à agenda de

¹⁰² ARÊAS, Luciana. As Comemorações do Primeiro de Maio no Rio de Janeiro (1890-1930). In. *Revista História Social*, Campinas, 1998. p 13

reivindicações, completavam a manifestação¹⁰³. Cláudio Batalha descreve, de modo geral, como eram realizadas as sessões solenes nas sedes dos Sindicatos:

No que tange ao ritual observado nesse dia, ele consistia, geralmente, em reuniões de operários e suas famílias, trajando as melhores roupas, para assistir a oradores falarem sobre a data, ouvir a execução da Internacional, da Marselhesa, ou do Hino do Primeiro de Maio (...),e, enfim, assistir a peças de teatro encenadas por grupos operários¹⁰⁴.

A utilização de “meetings”, a partir de 1903, parecia ser a melhor forma de reunir os operários, já que as sessões solenes comportavam poucas pessoas, além de várias ocorrerem no mesmo dia, em diferentes associações. Embora os atos aglutinassem aos milhares, a cada ano, o desafio de associar os operários se renovava, pois:

Muitos preferiam ficar em casa, aproveitando a folga concedida com a paralisação do trabalho. Se, por outro lado, pretendessem sair e se divertir, opções não lhe faltariam. Vários empresários do ramo do entretenimento promoviam sessões especiais de cinema e espetáculos teatrais¹⁰⁵.

Em Portugal, houve redução no número de operários nos eventos de Primeiro de Maio, na década de 1910:

a agudização da vida social e política, a partir da ditadura de João Franco, levou ao esgotamento do modelo. As críticas dos anarquistas e a diminuição de participantes restringiram a efeméride à celebração de comícios de protesto, à publicação de manifestos e de números especiais da imprensa operária, à realização de sessões públicas nas agremiações, práticas que anteriormente coexistiam com a realização de préstito.¹⁰⁶

Grupos promoviam jogos de futebol entre operários, torneios de tênis, jogos de ginástica infantil e *soirées* dançantes¹⁰⁷, o Grêmio Republicano

103 ARÊAS, Luciana. op. cit. p. 14

104 BATALHA, Cláudio. op. cit. p. 108

105 BATALHA, Cláudio. op. cit. p. 108

106 CATROGA, Fernando. O Céu da Memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal (1756-1911), Ed. Minerva, Coimbra, 1999. p. 225.

107 ARÊAS, Luciana. Op cit p. 15

Português (1919), Loja Maçônica “Amor ao Trabalho” e a Confederação Espírita do Brasil, que já celebrara a data da “glorificação ao trabalho,¹⁰⁸” na data de primeiro de janeiro, desde 1876, talvez para ter destaque perante a sociedade, transferiu a efeméride para o Primeiro de Maio.

No embate entre a visão oficial e o mundo do trabalho, o Primeiro de Maio como data de classe, sobretudo os sindicatos de tendência anarquista e sindicalista-revolucionária continuavam a ser organizados durante as duas primeiras décadas do século XX. Entre 1906 e 1909, a direção da organização do Primeiro de Maio era atribuição dos anarquistas, sobretudo com a formação das agremiações dos trabalhadores da Confederação Operária Brasileira (COB) e Federação Operária do Rio de Janeiro (FORJ), em 1906 e 1907, respectivamente.

A partir do Primeiro Congresso da COB, em 1906, é possível observar diretriz para a comemoração do Primeiro de Maio. O caráter deliberativo foi expressado ao valorizar e propagandear o sentido de luto/luta do rito operário, não deixando que a celebração caísse nas mãos do Estado. José Elias da Silva, atendendo apelo do Segundo Congresso Operário, subscreveu relatório informativo, com levantamento histórico acerca da luta operária e informou o êxito do Primeiro de Maio de 1907:

Mais do que nunca se revigoraram as forças da Federação e, conquanto existissem poucos sindicatos, a propaganda ativou-se; e aproximando-se o dia 1º de Maio de 1907 ela tomou a iniciativa de comemorar esta data segundo as resoluções do Primeiro Congresso, que tinha interpretado como uma data de protesto contra a exploração patronal e não como um dia de festa como até então haviam feito.

Quotizaram-se as agremiações federadas e, além de vários manifestos que se publicaram, deu-se publicidade a um opúsculo sob o título: A Federação Operária do Rio de Janeiro ao Operariado.

Realizavam-se comícios em praça pública, sessões de protesto em várias sedes de agremiações que conosco concordavam e assim demonstramos publicamente pela primeira vez no Rio de Janeiro, o que era de fato o dia 1º de maio.

De igual forma procederam os nossos companheiros em São Paulo, e assim vimos que de todos os estados acudiam a nós pedindo-nos amplas informações sobre a nova orientação a dar ao movimento operário¹⁰⁹.

108 ARÊAS, Luciana. Op cit p. 15.

109 Jornal A Voz do Trabalhador (COB), Rio de Janeiro, 15/10/1913. p3

Ao que parece, as proposições congressuais surtiram efeito desejado, pois, segundo José Elias da Silva, “*pela primeira vez o Primeiro de Maio era comemorado*”, não apenas no Rio de Janeiro ou São Paulo. Os atos públicos, organizados por diversas agremiações operárias, deram a tônica da época, não se restringindo às sessões solenes isoladas, servindo de modelo de celebração para as ocasiões posteriores, como se observa nesta passagem: “*assim vimos que de todos os estados acudiam a nós pedindo-nos amplas informações sobre a nova orientação a dar ao movimento operário*”.

Deste modo, as celebrações de Primeiro de Maio de 1906 a 1909 caracterizaram o impulso anarquista no Brasil, ao organizarem as manifestações no Rio de Janeiro, “fazendo dela uma oportunidade para divulgar o real sentido desta data e para propagar os ideais de sua doutrina”¹¹⁰.

Em 1913, a FORJ promoveu um comício, cujo destaque deu-se com a participação de Edgar Leuenroth, “*que protestou contra as manifestações promovidas pelo governo*”¹¹¹, ocasionando sua prisão, causando alvoroço exigindo sua libertação. No ano seguinte, em 1914, os comícios de Primeiro de Maio foram proibidos, sem motivo aparente, os operários desfilaram pelas ruas do Rio de Janeiro até a sede da Confederação Operária Brasileira para realizar o ato¹¹².

Em Fortaleza, o ano de 1914 é marcado pela primeira manifestação operária com traços libertários de que se teve notícia na cidade. Realizada por Moacyr Caminha, redator do jornal *O Radical*, “*conhecido educador cearense, tido também como anarquista perigoso*”¹¹³ fez publicar edição especial de Primeiro de Maio, aberta com versos de Joaquim Pimenta, “Ode ao Operário”.

Em 1919, ainda no calor da Revolução Russa de 1917, fez-se a maior comemoração de Primeiro de Maio, no Rio de Janeiro, na Primeira Republica¹¹⁴. No contexto do fim da Primeira Guerra Mundial e da “*onda anticapitalista que percorria a Europa compuseram o pano de fundo da*

110 GOMES, Ângela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. 3ª ed. Rio de Janeiro, FGV, 2005 p. 81 e 119.

111 KOCHER, Bernardo. op. cit. p. 101.

112 KOCHER, Bernardo. op. cit. p. 102

113 Adelaide Gonçalves cita a memória de Gastão Justa, companheiro de Moacyr Caminha, quando recordara da manifestação, em Primeiro de Maio de 1914, em que estivera presente. GONÇALVES, Adelaide. op. cit. p. 218.

114 GOMES, Ângela de Castro. Op cit. p. 131

*mobilização*¹¹⁵. Mais de dez mil pessoas (há historiadores que registram sessenta mil pessoas¹¹⁶), comparecem à Praça Mauá para prestigiar o evento, cujo sucesso deveu-se à ampla propaganda empreendida pelas Associações e Sindicatos, facilitada pela adoção do feriado pela maioria das empresas do Rio de Janeiro, conforme noticia o *Diário do Estado*, de Fortaleza:

O 1º de Maio no Rio, Rio, 30 - Amanhã não circulará nenhum jornal nesta capital. Todas as fábricas daqui conservarão as suas portas fechadas durante o dia de amanhã. Realizar-se-ão amanhã grandes festas em honra do operariado. Registrou-se também fechamento de fábricas em Minas Gerais, o 1º de Maio foi comemorado em Juiz de Fora e Belo Horizonte¹¹⁷.

O feriado adotado pelas empresas não significava, necessariamente, o sucesso da comemoração dos trabalhadores, em contrário, pois esse “dia de folga” tinha como objetivo a desmobilização da classe. O que se observa, é que a presença massiva do operariado, na manifestação, é a negação do feriado oficial, realizando, na esfera pública, o Primeiro de Maio como protesto operário, tendo iniciado, a partir dessa data, uma onda de greves e mobilizações no Rio de Janeiro e São Paulo.

Houve grande manifestação operária em 1922, em que comunistas e anarquistas realizavam o Primeiro de Maio, juntos, na capital da República. A união entre comunistas, sob atuação do PCB e anarquistas (pela FORJ), durou pouco, apenas entre os anos de 1924 e 1927, mesmo sob restrições às comemorações de Primeiro de Maio, durante o governo de Artur Bernardes (1924 a 1926).

Em 1928 ocorreu comício no bairro do Brás, em São Paulo, e no Rio de Janeiro¹¹⁸, onde foram realizados dois “meetings”, na Praça Mauá, dirigido pelo recém-criado Bloco operário Camponês (BOC), e outro comício na Praça Treze de Junho, organizado pelos anarquistas, com diversos oradores¹¹⁹. No ano de 1929, depois de algumas tentativas de formação de federação sindical, foi fundada, em Primeiro de Maio, a Confederação Geral dos Trabalhadores do

115 ARÊAS, Luciana. Op cit p.18

116 KOCHER, Bernardo. Op. Cit p 106

117 Jornal Diário do Estado, Fortaleza, 2/5/1919 p. 4.

118 SEGATTO, José [et all]. PCB: Memória Fotográfica 1922 1982. São Paulo: Ed Brasiliense, 1982. p 20

119 Jornal O Povo, Fortaleza, 02/05/1928 p2

Brasil (CGTB), apoiada pelo PCB. Jules Humbert Droz, “*secretário responsável pela Comissão de Redação de Teses da América Latina na Internacional Comunista*”, quando esteve no Brasil, em 1929¹²⁰, descreveu o Primeiro de Maio daquele ano, em carta a sua esposa:

a situação do partido Comunista é boa. A CGT brasileira foi fundada no dia 1º de maio e reúne verdadeiramente as melhores e únicas forças operárias no país. O comício de 1º de maio ao ar livre, numa das praças da cidade, reuniu de 15 a 20 mil pessoas que desfilaram em seguida nas ruas sob as barbas da polícia impotente. Trinta mil exemplares do jornal foram vendidos. Em suma, uma bela jornada num movimento ascendente. Se não se demolir tudo em Moscou, muita coisa se fará daqui a alguns anos no Brasil¹²¹.

A conjuntura da época favorecia a luta operária, que, mesmo sob intensa repressão policial, conseguia organizar greves e manifestações de massas, como a de Primeiro de Maio, narrada por Jules Humbert Droz. Vê-se a força do Primeiro de Maio, data escolhida para a inauguração da CGTB, por reunir grande contingente operário, fazendo a política de propaganda, implementada pelo PCB nas ruas.

Em 1930, a polícia proibiu as manifestações externas, como comícios e passeatas. Para que a proibição fosse bem sucedida, as autoridades policiais prenderam mais de “cinquenta adeptos do comunismo”¹²², segundo o noticiário cearense *Jornal do Commercio*, dentre eles cerca de sete mulheres, senhoras Laura Brandão [poetisa, esposa do intendente eleito pelo BOC do Distrito Federal Octávio Brandão], Iracema Lacerda, Sylvia Lima, Maria Costa, Rosa Cunha, Dolores Pereira e Elsa Curvello, postas em liberdade no fim do dia. Com os nomes citados no jornal, postos à execração pública, talvez como forma de coerção ao movimento feminista ou ao engajamento de mulheres no Partido Comunista. Ainda informa o *Jornal do Commercio* que estiveram

120 Após divergências internas na Internacional Comunista, Jules Humbert Droz foi enviado à América Latina para participar do congresso constitutivo da Confederação Sindical Latino-Americana, em Montevideu, e da Primeira Conferência Comunista Latino-Americana, em Buenos Aires, ambas em 1929. Em sua viagem, esteve de passagem no Brasil, participando de atividades políticas e sindicais do PCB.

121 Correspondência de Jules Humbert-Droz à esposa. “Extraits de la Correspondence de Jules Humbert-Droz à sa femme” (AJHD); também publicadas em Jules Humbert-Droz, “Instantanés de mon voyage et de ma maison en Amérique Latine”, chapitre 27, p 382-399, De Lénine à Staline, Neuchâtel, La Baconnière, 1971. In: PINHEIRO, Paulo Sérgio & HALL, Michael. op. cit. 311.

122 *Jornal do Commercio* (PRC), Fortaleza, 7/5/1930 p.4.

detidos membros do PCB (na ilegalidade), como os irmãos Paulo e Fernando de Lacerda, Sadi Garibaldi¹²³, além do intendente (vereador) do Partido Democrático, pelo BOC do Distrito Federal, o operário Minervino de Oliveira.¹²⁴

Os atos não foram proibidos somente no Brasil. Suponho que os reflexos da crise de 1929 e o clima de recessão, agudizados pelo nacionalismo, expressados pelo nazi-fascismo, contrários aos ideais postulados pelo comunismo e anarquismo, os governos tomaram medidas proibitivas, na maioria dos países, com a intenção de coibir as manifestações populares.

Segundo o *Jornal do Commercio*, de Fortaleza, houve dezenas de prisões em Londres, onde a parada comunista fora perturbada por grupo de quinze fascistas, num confronto que deixou dezenas de feridos. Em Paris, foram presos cerca de duzentos e vinte cinco trabalhadores, incluindo o deputado comunista Doricto, além de sete conselheiros municipais, a polícia ainda ocupou diversos pontos da cidade com o intuito de proibir as aglomerações urbanas. Na cidade de Trappe, próxima a Versalhes, a bandeira da municipalidade fora trocada pelo estandarte vermelho. Da Espanha, as manifestações mais incisivas do Primeiro de Maio foram em Liège, “tendo a policia agido, energicamente, contra 300 communistas, que tentavam libertar o seu partidário Lahut”.¹²⁵

Em Fortaleza, ao contrário, não houve proibições explícitas às manifestações nas ruas, já que constam convocatórias para a comemoração do Primeiro de Maio, divulgadas na imprensa operária, como a do jornal operário *Trabalhador Gráfico*:

Trabalhadores.

Comparecei, hoje, às 14 horas, á sede da União dos Pedreiros, á rua 24 de Maio, 90, para assistirdes uma sessão magna, allusiva ao 1º de maio, e, logo após, sahirdes em direção á praça de pelotas, onde realizar-se-á um grande comício¹²⁶

123 SEGATTO, José Antônio op. Cit p 26.

124 PINTO, Surama. O Partido Democrático do Distrito Federal: Bases e limites de um projeto democrático nos anos vinte.. In: XI Encontro Regional de História / ANPUH, 2004, Rio de Janeiro. Simpósio diferenças e desigualdades / XI Encontro Regional de História / ANPUH. Rio de Janeiro, 2004.

125 Jornal do Commercio (PRC), Fortaleza, 7/5/1930 p.4.

126 Jornal Trabalhador Gráfico, Fortaleza, 01/05/1930 p. 2 In. GONÇALVES, Adelaide. & BRUNO, Allysson. (orgs) O Trabalhador Gráfico edição fac-similar, Fortaleza, ED. UFC,

A convocatória do Primeiro de Maio foi divulgada em edição especial do jornal *Trabalhador Gráfico*, preparada pelo Sindicato dos Gráficos. O jornal comemorativo de Primeiro de Maio, com doze páginas, apresenta diversas matérias com assuntos, desde a escolha da rainha dos operários, informes e reportagens sobre a vida operária e partidária, no caso do PCB, partido que orientava os militantes do Sindicato, bem como artigo de Otávio Brandão aconselhando a classe trabalhadora num eventual processo de greve.

Ao que parece, o Primeiro de Maio foi comemorado com as tradicionais sessões solenes, no Centro Artístico Cearense, na União dos Pedreiros, União dos Carpinteiros e no Sindicato dos Gráficos resultando no comício na Praça de Pelotas¹²⁷, na qual falaram diversos oradores, como Lauro Reginaldo, que exaltou o significado da data, denunciando a violência contra os operários em São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco; Paulino Moraes, pelo Sindicato dos Gráficos, evocando a memória do “mártir cearense”, Pedro Augusto Motta; Luiza Costa; Pernambuco, militante da Ceará Light e Laffite Brasil, diretor do Sindicato dos Gráficos. Após o comício, os operários desfilaram pelas ruas da cidade e retornaram à sede da União dos Pedreiros, onde ouviram discursos alusivos à data.

2.3 O “Dia do Trabalho”, um feriado.

Do ponto de vista oficial, os governos, em face da repercussão do Primeiro de Maio como rito da classe trabalhadora, se esforçam em apropriar a data e transformá-la em “festa do trabalho”, com o intuito de desmobilizar o movimento dos trabalhadores, retirando o signo de luto-luta do Primeiro de Maio. A mudança do Primeiro de Maio para apenas “Festa do Trabalho” remontou, como de costume;

[...] aos políticos anti-socialistas que, reconhecendo o quão profundas eram as raízes do Primeiro de Maio no solo das classes operárias ocidentais, pretenderam contrapor-se ao apelo dos movimentos

2002 p.15

127 Jornal Trabalhador Gráfico, Fortaleza, 10/05/1930, nº4. GONÇALVES, Adelaide. op. Cit. p. 25.

operários e socialistas mediante a cooptação de sua festa e sua transformação em outra coisa.¹²⁸

Na capital brasileira, por exemplo, foi noticiado, em 1892, que “O Marechal Floriano Peixoto assistirá as festas comemorativas”¹²⁹, a manchete ilustra a tentativa dos governantes em cooptar e oficializar o Primeiro de Maio. Os trabalhadores conheciam os interesses do Estado em retirar o caráter de luto-luta do Primeiro de Maio, tanto é que, em 1906, o Congresso Operário Brasileiro, realizado na Capital Federal, no Rio de Janeiro, adotou, dentre outras resoluções, a seguinte deliberação:

(...) O Primeiro Congresso Operário Brasileiro verbera e reprova indignamente as palhaçadas feitas no 1º de Maio com o concurso e complascência dos senhores;
 (...) Considerando que o fato do governo tornar feriado o dia 1º de Maio equivale a subornar um adversário que o ataca; o que é, portanto, uma mistificação perniciosa;
 o Congresso aconselha aos operários e respectivos sindicatos que, no caso em que essa data seja declarada dia feriado, iniciem uma forte propaganda no sentido de patentear a incompatibilidade da adesão do Estado a tal manifestação, que é revolucionária e de luta de classe, apontando o seu trágico epílogo a 11 de novembro de 1887¹³⁰.

A preocupação dos trabalhadores era a despolitização que o feriado poderia ocasionar no sentido reivindicatório do Primeiro de Maio, que era uma demonstração de organização e coesão de classe. Desse modo, o Congresso Operário sugeriu aos trabalhadores, caso em Primeiro de Maio fosse decretado feriado nacional, fazerem forte propaganda, no “*sentido de patentear a incompatibilidade da adesão do Estado a tal manifestação que é revolucionária e de luta de classe*”. O feriado, uma “palhaçada”, na opinião dos operários, se efetivou anos depois, no governo do Marechal Hermes da Fonseca, presidente do Brasil, entre 1911 e 1914, que realizou intensa campanha de apropriação do Primeiro de Maio pelo Estado, transformando a data em feriado oficial, controlando a propaganda, como observa Luciana Arêas:

128 HOBBSAWM, Eric *Pessoas Extraordinárias*. São Paulo: Paz e Terra, 1998. p. 170 e 171

129 PETERSEN, Sílvia. “Proletários subversivos”, In *Revista Nossa História*. Rio de Janeiro: Ed Vera Cruz, Maio de 2004. p. 61

130 Resoluções do Primeiro Congresso Operário Brasileiro, da COB, de 1906. In: RODRIGUES, Edgar. *Alvorada Operária: Os congressos operários no Brasil*. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1979

a campanha possuía dois eixos principais. O primeiro era a tentativa de monopolização das comunicações do Primeiro de Maio nas mãos do governo. Em todos os anos do período em que Hermes da Fonseca esteve no poder – ou seja, entre 1911 e 1914 – ocorreram atos oficiais em homenagem à data. O outro eixo da campanha era a transformação progressiva do primeiro de maio em feriado oficial¹³¹.

O processo de oficialização do Primeiro de Maio culminou na adoção do feriado oficial aos funcionários públicos, decretado pelo presidente Artur Bernardes, em 1924.¹³² Pelo que, era visível o interesse do governo em esvaziar o sentido do Primeiro de Maio, tornando-o uma espécie de feriado outorgado à classe trabalhadora, um dia de descanso, ao fazer com que os operários preferissem descansar em casa, recebendo a “homenagem do governo” como um dia de repouso. O jornal *Diário do Ceará* revela a intenção estatal em homenagear os operários com um feriado nacional:

Absolutamente não desmerecem, quanto ao brilhantismo, ao entusiasmo e cordialidade que a todas presidiram, as reuniões cívicas promovidas pelos grêmios proletários de Fortaleza, pelo motivo da data consagrada ao trabalho livre, já homenageada pelo Estado considerando-a dia feriado nacional, razão por que em todas as repartições públicas foi hasteado o pavilhão da República¹³³ (grifo meu)

A notícia do *Diário do Ceará*, que elogia as “reuniões cívicas” promovidas pelas entidades sindicais, desvela a intencionalidade do Estado em homenagear a data consagrada ao “trabalho livre”, com intenção de desmobilizar politicamente a classe trabalhadora, na tentativa de desvinculação da luta, pelo civismo, do ato de hasteamento da bandeira nacional nas repartições públicas, em confronto com os estandartes estendidos nas associações operárias, em alusão ao Primeiro de Maio. O feriado, mesmo restrito apenas ao serviço público, não agradava a todos os setores da sociedade. As críticas contra a adoção dessa medida governamental

131 ARÊAS, Luciana op. Cit p.16

132 ROIO, José Luis del. 1º de Maio, Cem Anos de Luta 1886-1986. São Paulo:Global, 1986.p.41.

133 Jornal *Diário do Ceará*, Fortaleza, 6/5/1925 p.1

expressaram-se na seguinte crônica, pontuada de ironia, de Martins D'Alvarez, publicada em 1936:

1º de maio foi feriado. Um dia e tanto para escolares e caixeiros. Gostosa vagabundagem. Cafés cheios. Cinemas repletos. Retretas e lirismos nas praças. Dia de desocupados. Dia do trabalho. Quando menino, o dia 1º de maio era dia de bôlo em casa. Bôlo, digo bem, de palmatória de Jucá. Dona Zefinha professora, não dava aula. Na falta do que fazer íamos comemorar a data no pôço de ousinho. (...) **Depois, os funcionários públicos de minha cidade, por amor ao hábito, inventaram o “Dia do Trabalho”. Único dia em que êles, de fato, trabalhavam. Enfeitavam com bandeiras de papel o “gabinete de leitura”, para, depois do almoço, numa sessão digestiva, a gente ouvir do Dr. Juiz discorrer sôbre a data.** O discurso do dr. só tinha uma falta: quando não fazia dormir, indigestava. E um mérito: explicava o trabalho pela fórmula e não pelo fundo¹³⁴. (grifo meu)

O texto de Martins D'Alvarez tem dois momentos: um de recordação de sua infância e o outro de ligação com a atualidade. Com ironia, Martins D'Alvarez, ao recordar a adoção do feriado no serviço público, diz que o Primeiro de Maio era o único dia em que os funcionários públicos trabalhavam, por terem de enfeitar as repartições públicas para os discursos oficiais. Quando se reporta ao presente, associa os “desocupados” de sua infância com os “ociosos” de sua época, o jornalista, expressando lógica burguesa produtivista, critica a adoção do feriado oficial por Vargas a todos os trabalhadores, afirmando que o Primeiro de Maio é o dia da “gostosa vagabundagem”, “dia de desocupados”, com “*cinemas repletos. Cafés cheios. Retretas e lirismos nas praças*”. Ele finaliza sua crônica refletindo sobre a conjuntura da década de 1930, demonstrando a “complexidade” nas relações de trabalho: “*Naquele tempo eu me danava, mas hoje peço perdão ao dr. Juiz. Trabalho é a coisa mais complicada do mundo. Mormente agora, com ministérios e sindicatos e salários mínimos...o diabo a quatorze*”.

A transformação do Primeiro de Maio em feriado oficial a toda a classe trabalhadora, durante o governo Vargas, não conseguiu arregimentar a maioria dos trabalhadores cearenses, que desconheciam o “Dia do Trabalho Livre” como feriado, conforme noticiou o jornal *O Povo*: “*Que a prefeitura não faça mais isso*”, cite-se o caso pitoresco do impacto do feriado sobre os trabalhadores:

134 Jornal O Povo, Fortaleza, 04/05/36, página indefinida

Os vespertinos de ante-ontem não publicaram a costumeira lembrêta da Prefeitura Municipal, advertindo o público de que o dia de ontem era feriado, por ser a data universalmente consagrada ao trabalho. O Primeiro de Maio foi, destarte e por um paradoxo singular, simultaneamente o dia do trabalho e do... Descanso¹³⁵.

O jornal informa que a maioria das pessoas não sabia que Primeiro de Maio era feriado, pois não foi avisada por intermédio da imprensa, intrigando a população que, sem saber, ia trabalhar e resolver algo no Centro da Cidade. As pessoas que saltavam dos bondes, na Praça do Ferreira, no “paradoxo singular” do *“dia dedicado ao trabalho ser destinado ao descanso”*, depararam as lojas e repartições públicas fechadas, determinando, segundo o jornal: *“não pequenos contratempos e contrariedades a muita gente”*. Apenas os *“operários que estavam convocados para festivas comemorações da magna data que evoca os Mártires de Chicago sabiam a razão daquela trégua nas atividades comerciais”*. O jornal *O Povo* continua a narrar o caso que tumultuou o Centro de Fortaleza, em frente à “Camiseria do Álvaro”:

O mais divertido foi que, nas imediações do “edifício granto” (sic), se registrou vultuosa aglomeração de elementos de todas as classes sociais, à espera de que fossem levantadas as cortinas de ferro da Camiseria do Álvaro. Todo aquele pessoal estava pressuroso por ter a primazia de ser quem primeiro garantisse a pechincha das convidativas compras de maio, anunciadas pelo ultra bemquisto camiseiro. Fez-se necessario que a policia delicadamente dissolvesse o ajuntamento, explicando e prometendo que, vinte e quatro horas depois, o Alvaro franquearia ao povo a entrada em seu popularissimo estabelecimento¹³⁶.

O ajuntamento ficou revoltado pelo fato de a Camisaria do Álvaro estar fechada em Primeiro de Maio, mês dos descontos do referido estabelecimento, demonstrando que a tradição de comemorar o Dia do Trabalhador se restringia a parte do operariado cearense, como aponta Perrot, em relação à França: *“os que se mantêm à parte da manifestação certamente são mais numerosos do que os que participam”*¹³⁷. Apesar de o Primeiro de Maio ser lembrado e comemorado por pequena parte, mas relevante, da população, era

135 Jornal O Povo. Fortaleza, 02/05/1936 p.5

136 Jornal O Povo, Fortaleza, 02/05/1936 p.5

137 PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História*. São Paulo, Paz e Terra, 1992. p 63

fundamental para os detentores do poder tornar a data manifestação de festividades oficiais, pois para os que confraternizam o rito do Dia do Trabalhador, a data gozava de suma importância e simbologia de luta.

A partir do Estado Novo, o feriado de Primeiro de Maio tornava obrigatório o fechamento do comércio em homenagem ao proletariado, sob o risco de ser penalizado por lei. Nos jornais, a Prefeitura de Fortaleza se esforçava em comunicar tal decisão, conforme nota divulgada nos principais matutinos cearenses com dias de antecedência: “*segunda-feira próxima – 1º de Maio – é feriado nacional dedicado à exaltação do dever e dignidade do trabalho, não sendo permitida, sob pena de multa aos infratores, a abertura de estabelecimentos comerciais*”¹³⁸.

2.4 Significados do Primeiro de Maio.

Os embates giravam em torno de manifestação pública, no Primeiro de Maio, e a disputa de significados se evidenciava na concepção de festa, luto ou luta. Interessante observar que as batalhas simbólicas eram freqüentes na maioria dos países em que o Primeiro de Maio era comemorado, como na França, em Portugal e no Brasil. Carlos da Fonseca, ao analisar o caso português, observa as diferentes nuances do Primeiro de Maio:

logo, porém, nos aperceberíamos de modelos diferentes de 1º de Maio, com formas e intenções peculiares a cada grupo organizador. Entre a “festa dos Trabalhadores” dos socialistas e a “jornada de agitação” dos sindicalistas revolucionários, pouco há de comum¹³⁹

As ações de grupos anarquistas, nas comemorações de Primeiro de Maio, são constantemente relatadas nos jornais, como no *Diário Popular*, de Pelotas, em 1892, ao expressar que “o cidadão João Villa pronunciou um discurso violento, dando vivas à anarquia”¹⁴⁰. Luciana Arêas examina concepções de Primeiro de Maio no Brasil, no início da “República Velha”. A primeira, a tática anarquista, consistia em vincular a data ao conteúdo de

138 Jornal O Nordeste, Fortaleza, 28/04/1939 p.4

139 FONSECA, Carlos da. O 1º de Maio em Portugal 1890-1990 crônica de um século. Lisboa: Edições Antígona, 1990. p13

140 PETERSEN, Silvia. Op cit p 61

protesto, sob a forma de luto, reavivando a memória do Massacre de Chicago de 1886, bem como outros mártires do operariado, como o educador anarquista espanhol Francisco Ferrer¹⁴¹, dever-se-ia protestar, ao invés de festejar com foguetórios.

Essa interpretação relaciona-se diretamente com as origens do Primeiro de Maio, prevalecendo, nos fins do século XIX e início do século XX, a memória de luto: *"ou seja, a de que em muitos países a reivindicação original do 1º de maio logo caiu para segundo plano, sendo suplantada em importância por idéias como a lembrança dos mártires."*¹⁴²

Em 1906, no Primeiro Congresso Operário da Confederação Operária Brasileira, teve-se a participação delegada dos membros do Centro Artístico Cearense, Antônio A. Pinto Machado e Benjamim Prins, como representantes do Ceará¹⁴³. Houve discussões de como os trabalhadores deviam comemorar o Primeiro de Maio. Conforme pode-se observar na resolução aprovada: "Como comemorar o 1º de Maio?", comentam-se as péssimas condições de vida da classe trabalhadora, que só poderia melhorar, se lutasse contra o poder dos patrões, pela associação e solidariedade, identificando, no rito de Primeiro de Maio, espaço de luta, considerando:

(...) que, portanto, não se pode realizar uma "festa do trabalho", mas sim um protesto de oprimidos e explorados;
que a origem histórica do 1º de Maio, que nasceu da reivindicação, pela ação direta, das oito horas de trabalho, na América do Norte, e do sacrifício das vítimas inocentes de Chicago, impede que essa data seja mistificada pelas festas favorecidas por interessados na resignação e imobilidade do proletariado;
(...) incita o operário a restituir ao 1º de Maio o caráter que lhe compete, de sereno, mas desassombrado protesto, e de enérgica reivindicação de direitos ofendidos ou ignorados;
estimula vivamente as organizações operárias à propaganda das reivindicações a afirmar o 1º de Maio;
e envia ao operariado francês a mais ardente expressão das suas simpatias e solidariedade, mostrando-o como modelo de atividade e iniciativa ao trabalhador do Brasil¹⁴⁴.

141 ARÊAS, Luciana op. Cit. p 19

142 HOBBSAWM, Eric. Mundos do Trabalho: novos estudos sobre história operária, vol.2, São Paulo. Paz e Terra, 1987. p 112

143 GONÇALVES, Adelaide A *Imprensa dos Trabalhadores no Ceará, de 1862 aos anos 1920*. Florianópolis: Tese de Doutorado, UFSC, 2000. p 182

144 Resoluções do Primeiro Congresso Operário Brasileiro, da COB, de 1906. ver em: RODRIGUES, Edgard. Alvorada Operária: os congressos operários no Brasil. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1979.

A análise das deliberações, nota-se a preocupação com os rumos do rito, pois o de Primeiro de Maio passava por alteração de significado, na tentativa de apagá-lo, com o intuito de desmobilizar a classe. Os operários não viam com bons olhos a idéia de “festa” incorporada ao rito, talvez com receio da despolitização que pudesse ocasionar.

O *modelo de atividade*, a exemplo das greves e demais atividades sindicais, promovidas pelos sindicalistas franceses, além de ser expressão do internacionalismo, devia inspirar as ações dos operários brasileiros na luta pelas oito horas de trabalho. No Brasil, a celebração de Primeiro de Maio, até a fundação da COB, em 1906, tinha como método o discurso reivindicatório em torno das oito horas de trabalho, mais uma bandeira do movimento operário “*do que uma reivindicação imediata*”. Entretanto, no Congresso da COB, a luta pela redução da jornada de trabalho para oito horas diárias tornou-se central, culminando em muitas vitórias dos trabalhadores de várias categorias, em São Paulo.¹⁴⁵

O porta-voz da COB, o jornal *A Voz do Trabalhador*, em edição comemorativa do Primeiro de Maio de 1909, manifesta o rito, como data de lembrança dos Mártires e de denúncia dos males praticados pela “rústica e ignóbil” burguesia, conforme lemos na seguinte convocatória:

Trabalhadores!

O 1º de Maio, lembra-nos também um dos mais horrendos crimes praticados pela burguesia contra a classe trabalhadora.

(...) o dia de hoje é, por certo, dedicado à confraternização do operariado universal. Todos que trabalham devem considerar esta data a maior que o ano possui, porque ela não só lembra o sangue das vítimas de Chicago, como prova que a burguesia rústica e ignobil tem praticado todas as misérias da sociedade actual.¹⁴⁶

No mesmo jornal, há debate, nas colunas de Manoel Moscoso e Eurípides Floreal sobre como o Primeiro de Maio deve ser comemorado. Manoel Moscoso demonstrou preocupação a respeito das disputas entre o caráter do Primeiro de Maio como dia de festa ou de protesto. Ele afirma que a frase, comum aos militantes mais aguerridos, “hoje não é dia de festa, mas de

145BATALHA, Cláudio. op. cit. p 106

146 Jornal A Voz do Trabalhador, COB, Rio de Janeiro, ano 1, nº 10, 1/5/1909. p1

protesto”, de tanto repetida, tornou-se rotina sem efeito prático, pois “os mesmos que a repetem, negam-na com os factos”, e mais adiante:

Todos gritam contra a festa e a maioria aprova-a. Muitos tomam parte activa na sua organização, embora julgando que não tem razão de ser. E nós próprios sancionamo-la com a nossa transigência... querendo ser coerentes até o extremo, chegamos ao exagero, e, às vezes, ridículo.

Insurgimo-nos contra o culto externo, contra o que chamamos sentimentalismo e contra os símbolos, porém falamos ao sentimento das massas, marchamos atrás duma bandeira vermelha, e o som dum canto revolucionário comove-nos¹⁴⁷.

As contradições e dicotomia entre festa e luta, sobre a mesclagem entre a militância pragmática, objetiva e racional de encontro com o subjetivismo, marcado pelas simbologias, atormentaram muitos militantes, tendo Manoel Moscoso como exemplo. Alguns operários não admitiam que o Primeiro de Maio incorporasse características festivas, com receio de desvirtuar o sentido de luto/luta do evento.

Entretanto era praticamente inevitável que os protestos em Primeiro de Maio aglutinassem vários significados, como o próprio Moscoso adverte: “Todos gritam contra a festa e a maioria aprova-a” e também “E nós próprios sancionamo-la com a nossa transigência”. O movimento de tendência anarquista relutava muito em atribuir outros significados que não fossem o de greve e protesto, cabendo, aos adeptos do socialismo, a utilização de outro estratagema, como ocorreu em vários países. Ao se apropriar da cultura do povo e adaptarem o Primeiro de Maio aos modos de vida da classe trabalhadora, o movimento socialista tentava integrar as festividades de Primeiro de Maio ao cotidiano da população. Eurípides Floreal inicia seu escrito com o título: “Festa ou Protesto?”, com a seguinte pergunta:

como deve ser compreendido o 1º de maio por todos aqueles que trabalham, por todos que atravez dos tempos tem passado uma vida infame e cheia de miséria?

Sim! Todos os que passaram longos anos executando um trabalho extenuante, sem nunca terem alcançado um pouco de bem estar servindo toda a sua vida à classe capitalista, como devem eles comemorar o 1º de maio¹⁴⁸

147 Jornal A Voz do Trabalhador, COB, Rio de Janeiro, ano 1, nº 10, 1/5/1909. p1

148 Jornal A Voz do Trabalhador, Rio de Janeiro, 1/5/1909 p.2

Eurípides não titubeia, afirma que não é com festas que o trabalhador deve se reportar ao Primeiro de Maio, pois “festejar o trabalho na atual sociedade, seria o mesmo que festejar a nossa escravidão”, mas sim, com protesto enérgico, com “palavras vibrantes” contra o capital, para, na opinião do autor, libertar do regime de escravidão e para que o homem seja feliz na terra. A ojeriza à festa pode-se ver em boletim distribuído em Primeiro de Maio de 1913, pela diretoria de tendência anarquista da FORGS (Federação Operária do Rio Grande do Sul):

Longe de nós querer iludir-vos com palavras retumbantes ou atos festivos que comemoram o dia 1° de Maio, pois convencidos estamos de que esta data merece uma comemoração, esta, longe de ser de regozijo de festa, devia ser toda de pesar e tristeza.

Com efeito, foi a 1° de Maio de 1887 que o proletariado norteamericano pagou com a morte de Linng, Spies, Fischer, Engels e Parsons a audácia de reclamar da burguesia yankee a redução do dia de trabalho a 8 horas.

Por isso julgamos a data de 1° de Maio como um dia em que deve o operariado passar em revista as suas forças, verificar o número e a potência de suas organizações, pois destas forças unicamente dependerá o êxito de suas tentativas [ilegível]¹⁴⁹

O boletim reafirma o caráter de “pesar e tristeza” da efeméride, reavivando o binômio luto-luta do Primeiro de Maio, estando o êxito das conquistas nas mãos dos operários organizados que devem “passar em revista” na cidade, demonstrando sua força nos cortejos de Primeiro de Maio, como um exército numeroso e organizado, pronto para o confronto com os agentes do capitalismo. Deste modo, o Primeiro de Maio alertava aos poderosos que a classe trabalhadora não era anônima, detendo imenso número de operários que podiam rebelar-se rumo à revolução social.

Ainda em 1913, ocorreu o Segundo Congresso Operário da COB. No relatório apresentado, é feito o balanço das deliberações acerca da celebração de Primeiro de Maio, divulgadas no Primeiro Congresso:

XI – O Primeiro de Maio

149 Jornal Correio do Povo, Porto Alegre, 2 de Maio de 1913 p1. Apud PETERSEN, Sílvia “Que a União Operária Seja Nossa Pátria!” História das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações. Santa Maria: Editora UFSM: Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2001. p 164.

Esta inesquecível data, que antes da realização do Primeiro Congresso vinha sendo mistificada perversamente pela burguesia e seus lacaios, desde 1906 tem sido comemorada pelo proletariado consciente de todo o país de maneira digna, não com festas e manifestações engrossativas a quem quer que seja, mas com o seu verdadeiro caráter de protesto contra o regime de opressão patronal a que está subjugado, relembrando os fatos ocorridos em 1886, na cidade de Chicago dos potentados americanos, os mais denodados propagandistas da redenção humana. E desta maneira tem sido comemorado o Primeiro de Maio – fomento de novas e sérias lutas para a conquista de direitos roubados e revolta às opressões de que vem há séculos sendo vítima o operariado universal¹⁵⁰.

Cláudio Batalha narra episódio em que entidades rivais se uniram contra o “carnaval operário”, o qual o Clube dos Fenianos pretendia promover em 1915:

(...) um carnaval no 1º de Maio, “em homenagem aos homens do trabalho”, provocou a ira das sociedades operárias, que enviaram ao clube, ao prefeito do Distrito Federal, ao chefe de polícia e a diversos jornais uma nota de protesto, “contra esse divertimento que é afronta à honra das classes laboriosas”. Assinavam a nota desde a Confederação Operária Brasileira, de orientação sindicalista revolucionária, até a Liga dos Operários do Distrito Federal, de tendência reformista.¹⁵¹

A ação das entidades, ao enviarem nota de protesto ao representante da repressão policial, não deve ser entendida, segundo Batalha, como mero puritanismo. Na verdade o que estava em jogo era a simbologia e significado do Primeiro de Maio. Em relação à nota dos operários, o chefe de polícia achou por bem proibir a realização do Carnaval, para evitar maiores distúrbios entre os próprios operários.

Jornais cearenses também fizeram menção à memória de luta do Primeiro de Maio. O articulista J. Senna, do Diário do Estado de 1º de maio de 1915, na coluna “Vida Operária”, menciona:

Primeiro de Maio.

Hoje que o mundo trabalhador, remontando a mente ao bárbaro assassinato, em nome da justiça humana, perpetrado contra um punhado de operários que tiveram a suprema audácia de sonhar a

150 Relatório da COB contendo as resoluções do Segundo Congresso Operário Brasileiro reunido, no Rio de Janeiro, entre 8 e 13 de setembro de 1913. Rio, 1914. 64p. (IISG). in. PINHEIRO, Paulo Sérgio & HALL, Michael. op. cit. 218.

151 BATALHA, Cláudio. 2004. op. Cit. p. 112.

emancipação de sua classe, commemora esta data commovendor e triste de sua história, fazemos um appello: consolidemos as nossas instituições, unamo-nos fraternalmente, e como bons amigos que desejam o bem commum sem querer jamais o desmoronamento da sociedade, sem concorrer para a ruína, marchemos avante no trabalho gigantesco e difficillimo de nossa emancipação.

Se assim for certo teremos conseguido, ao fim da jornada longa e accidentada, a realização do nosso ideal.

Será isto também uma homenagem prestada à memória daquelles que se sacrificaram pelo ideal por que hoje nos batemos.

Fazer o histórico desse acontecimento achamos desnecessário, pois todos o conhecem melhor do que nós; apenas deixamos, nestas linhas despidas de enfeites e elegância a nossa saudade e a nossa sincera admiração aos nossos irmãos sacrificados ¹⁵².

J. Senna, ao se referir ao binômio “comemorar” e “comover”, induz a uma das simbologias mais relevantes do Primeiro de Maio: o “luto” reflexivo, sem “luta” direta, solicitando, no texto, a união das instituições operárias, como fortalecimento da disputa pelo ideal da emancipação da classe, sem contudo, promover “o desmoronamento da sociedade”, como forma de homenagear os “irmãos sacrificados” de Chicago. No jornal “Unitário” de 1º de Maio de 1935, assim é apresentado o sentido do Primeiro de Maio:

Hoje é o dia do Trabalhador. Instituição universal a data relembra uma das páginas mais sangrentas do proletariado, cujo feito maior foi a Revolução Russa e a implantação do regime communista, nesse paíz.

Foi em Chicago. Um punhado de operários subiu a rua a defender o direito de greve. Veio a polícia. Os operários resistiram. O castigo de sua altivez e rebeldia foi pronto e iniquo – foram estraçalhados (...) pelos soldados da burguezia.

O 1º de Maio surgiu do Massacre dos Martyres de Chicago. O sangue [ilegível] a bandeira do proletariado universal e se synthetizou no ranger de dentes das massas oprimidas nos seus gestos de revolta contra a classe rica, que não se cansa no apertar a gargalheira que impoz a custa da monopolização dos meios de produção (...) é o que se vê na hora actual do mundo – os 2 gigantes em luta de vida e morte. A burguezia tendo como arma o capital – o outro, o proletariado tendo por força o seu numero immenso e como incentivo a luta a propria miséria que sofre. Quem vencerá? A burguezia com seus exércitos ou o proletariado temperado na miséria e necessidade.

A resposta é fácil. Aos trabalhadores unidos bastará um gesto para desthronar a burguezia: cruzar os braços. ¹⁵³

152 Jornal Diário do Estado, Fortaleza, 01/05/1915 p.1

153 Jornal Unitário, Fortaleza, 1/5/1935 p. 2.

O colunista, provavelmente de tendência comunista, ao valorizar a Revolução Russa, como *“feito maior (...) e a implantação do regime comunista, nesse paíz”* ser o maior conquista do proletariado, define o Primeiro de Maio como dia de celebração dos mortos em Chicago, e como impulsionador da luta pela libertação da classe trabalhadora. Ao demarcar os espaços, mesmo em jornal da grande imprensa, como o *Unitário*, Fábio estimula a luta do proletariado com o dilema: *“os 2 gigantes em luta de vida e morte”*, a burguesia que detém os meios de produção e o trabalhador, em maior número, que é explorado e sofre com a *“miséria e necessidade”*. A saída *“fácil”* apontada é alavancar os processos de luta, a partir do Primeiro de Maio, e estabelecer a greve como instrumento de mobilização para *“destronar a burguesia”*, em clara alusão ao Primeiro de Maio militante, que alia o luto dos mártires com o engajamento popular, no processo de transformação da sociedade, a partir da luta de classes.

O sociólogo Florestan Fernandes ressaltou a dimensão do Primeiro de Maio como rito que combinava elementos da evocação e reflexão acerca do mundo do trabalho, tendo sido e *“sempre foi uma compulsão à reflexão por parte dos trabalhadores”*, não *“um dia de lamentação e de solidariedade conformista”*, mas dia que *“evoca e exige que as vítimas da violência pensem em suas origens e no modo de extirpá-la.”*¹⁵⁴

2.4.1 Dos “Mártires de Chicago” aos “Mártires Cearenses”.

O caráter de luto/luta do Primeiro de Maio foi expressado sob diversas formas, não apenas pelas referências na iconografia e discursos aos “Mártires de Chicado”, mas também, adaptando o luto à realidade local. Uma era a ida aos cemitérios, em respeito à memória dos operários mortos, como forma de homenagear sua trajetória. No Rio de Janeiro, em 1901, os operários se concentraram, às oito horas, no Largo do São Francisco de Paula, de onde partiram rumo ao Cemitério de São Francisco Xavier, para visitar o túmulo do

154 FERNANDES, Florestan. Jornal Folha de São Paulo, São Paulo, 4/05/1988. Apud MOURA, Esmeralda. Um Sólido Anzol de Aço. Estado e Ação Operária na República Velha. In Revista Adusp, n° 10, junho de 1997. p44.

“maior batalhador socialista do Rio de Janeiro”, o tipógrafo Luís da França e Silva¹⁵⁵.

No Estado do Ceará, nas primeiras décadas do século XX, havia a combinação da tática dos anarquistas com a dos socialistas, com visitas ao cemitério, em tom fúnebre, que associa os Mártires de Chicago (tática anarquista de associar o luto à luta), conforme noticia o *Diário do Ceará* (tática de apropriar-se das romarias católicas) os desfiles operários na cidade de Quixadá, no ano de 1924.

A entidade responsável pelo evento, a Aliança Artística e Proletária de Quixadá, organizou a festa dedicada ao “Trabalho Livre”, com a seguinte programação:

Pela manhã, houve romaria ao cemitério publico, por grande número de sócios dessa valiosa agremiação, visitando o túmulo dos associados que ali se acham sepultados.

À noite, teve lugar uma sessão solene, à qual compareceram várias famílias, além de avultado numero de cavalheiros¹⁵⁶.

O ato de visitação aos túmulos dos associados, segundo Carlos da Fonseca, era de “*aproveitar o culto dos mortos para “sacralizar” a “festa dos trabalhadores”* tornava-se indispensável perante uma mentalidade coletiva regida em grande parte pelas convulsões sentimentais¹⁵⁷”.

Fernando Catroga, ao comentar a visitação dos trabalhadores aos cemitérios, onde jaziam as lideranças ou mártires operários, detinha a intenção de “*heroicizar exemplos que filiassem, criassem identidades e estimulassem o combate pelas tarefas do presente e do futuro*”. Pois a função do culto aos mortos era a tentativa de se criar vínculos de memória militante no rito operário, cujo sentido era fomentar uma cultura associativa entre os trabalhadores¹⁵⁸. Eric Hobsbawm, ao tratar do mesmo tema, a junção entre o catolicismo e os cortejos dos trabalhadores, pois “*desde o início, a ocasião atraiu e absorveu elementos simbólicos e rituais, principalmente a de celebração semi religiosa e sobrenatural (...) um feriado e um dia santo ao mesmo tempo*”.¹⁵⁹

155 BATALHA, Cláudio. 2004. op cit. p.95

156 Jornal Diário do Ceará, Fortaleza, 8/5/1924, p. 1.

157 FONSECA, Carlos da. op. Cit p.47.

158 CATROGA, Fernando op. cit. p. 260- 262.

159 HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence. A Invenção das Tradições. São Paulo, Paz e

Os Mártires de Chicago, mote utilizado como evocação no Primeiro de Maio, era adaptado à realidade, com homenagem aos heróis da classe operária, como a publicada no *Trabalhador Gráfico*, na edição de Primeiro de Maio, de Paulo Moraes, glorificando a trajetória de Pedro Augusto Motta, o “Martyr cearense”. A idéia da homenagem reportava certo semblante religioso, pois, “*como Cristo, os Mártires de Chicago, e todos aqueles que tombam na luta contra a burguesia, dão seu sangue pelo operariado*”¹⁶⁰, devem ter os nomes guardados pela história, como se vê na trajetória de vida de Pedro Augusto Motta.

Pedro Motta¹⁶¹ era gráfico, redator do jornal *O Combate*, valoroso militante que “*nunca vacillou diante os potentados; sempre de frente erguida, enfrentou a colera dos que vivem da exploração*”. Militante anarquista, fundou também outro periódico *A Voz do Graphico*, e, como poeta, publicou *verbo de fogo*, “que fez sucesso no meio dos seus companheiros”.¹⁶² Devido ao ímpeto revolucionário, Pedro Motta teve que emigrar a São Paulo, pois, em virtude da perseguição que sofrera pelos donos de jornais, não havia mais empregos para ele no Ceará.

Em São Paulo, participou do corpo editorial do jornal *A Plebe*, sendo constantemente perseguido pela classe patronal, resultando em prisão, decretada no governo Artur Bernardes, que, à época, empreendia caçada aos comunistas e anarquistas. Por sentença, Pedro Motta foi deportado para a Colônia Agrícola de Clevelândia, chamada de “inferno verde”, no município de Oiapoque, no atual Estado do Amapá. Devido às péssimas condições de vida do presídio rural, Pedro Motta não conseguiu sobreviver à dura realidade da repressão, resultando na morte do militante, conforme descreve Paulo Moraes:

onde morreu, em completa miseria, sem direito a sepultura e tendo, assim, devorado pelas aves de rapina que habitam naquela ilha. Mataram-no miseravelmente! Mas as suas idéias, ainda vivem e

Terra, 1997. p 292

160 BATALHA, Cláudio. 2004. op. cit. p. 109.

161 Adelaide Gonçalves traçou trajetória de vida de alguns militantes no Ceará do início da Primeira República. Ver em: GONÇALVES, Adelaide. *A Imprensa dos Trabalhadores no Ceará, de 1862 aos anos 1920*. Florianópolis: Tese de Doutorado, UFSC; 2000.

162 Jornal Trabalhador Gráfico, Fortaleza, anno 1, num 3, 01/05/1930 p2.

viverão sempre latentes nos nossos cérebros. Gloria, pois, ao Martyr Cearense!¹⁶³ (grifo meu)

Apesar do conteúdo dramático da escrita de Paulo Moraes, para emocionar os militantes que leram o jornal ou assistiram ao discurso, há embutidos nas declarações, valores cristãos, quando informado da situação de Pedro Augusto Motta que morreu: *“sem direito a sepultura e tendo, assim, devorado pelas aves de rapina que habitam naquela ilha”*.

Vêm-se, na escrita de Paulo Moraes, valores religiosos e, ao mesmo tempo, racionalistas. O apelo cristão dá-se ao referir-se à morte sem enterro digno, que, como se pode ver em Catroga¹⁶⁴, incomodava a maior parte do operariado, que se proclamava adepta do catolicismo. Por outro lado, esses valores religiosos, embora nem sempre aceitos pelos militantes operários, visto que o anticlericalismo era comum nos movimentos comunista e anarquista, servem de estratégia, pois criam impacto no operariado católico, revertendo, assim, em clima de revolta e protesto.

Mesmo com esse apelo religioso, o militante Paulo Moraes não deixa de se reportar à “racionalidade”, presente nas terminologias de sua escrita: *“Mas as suas idéias, ainda vivem e viverão sempre latentes nos nossos cérebros”*, ora, pelo “senso comum”, seria mais palpável o uso da palavra “coração”, entretanto, como racionalista que era, optou por escrever “cérebro”, mostrando idéia contrária ao apelo religioso.

A mensagem de esperança e confiança no futuro fica explícita na mensagem daquele Primeiro de Maio (já que, além do texto no jornal, Paulo Moraes falou aos operários sobre o mesmo tema), pois para além da morte dos homens, permaneciam os ideais de uma sociedade justa e fraterna como apregoavam os militantes operários dos anos de 1930. O exemplo de Pedro Motta deve inspirar os operários para a luta na conquista de direitos.

O jornal, ao que parece, tentou fazer ligação entre o sofrimento do Mártir Cearense com o destino dos antigos tipógrafos. Na sessão “Espelho Vivo”, são retratados exemplos de outros “mártires”, como Rufino Barroso de Moura, o mais antigo gráfico de Fortaleza, trabalhando de 1883 a 1920; Antônio Ramos de Oliveira; João Leal, Manoel Pinheiro e Arthur Mathias Alves,

163 Jornal Trabalhador Gráfico, Fortaleza, anno 1, num 3, 01/05/1930 p2.

164 CATROGA, Fernando. op. Cit p.259.

todos, como divulga o jornal, explorados, e como “recompensa”, só vivem na miséria¹⁶⁵. É notável, portanto, a associação dos Mártires de Chicago com a situação presente dos trabalhadores, fazendo a conexão luto/luta.

Em Camocim, o Primeiro de Maio, como lugar de memória, serviu, outrossim, para a lembrança dos mártires não somente aos tradicionais Mártires de Chicago, mas também aos trabalhadores cearenses que lutaram durante a “Intentona Comunista”, em 1935 e 1936, no Ceará, em especial, ao militante comunista Francisco Teodoro, no contexto da perseguição aos comunistas, na década de 1930:

assim o povo de Camocim que já possui uma gloriosa tradição de lutas ligadas ao heroísmo do valoroso líder comunista, Francisco Teodoro que há dez anos sofreu ali as mais terríveis perseguições e torturas pela maneira corajosa com que defendia os interesses da classe proletária, e ainda pelo sacrifício de sangue dos trabalhadores – Amaral e Luís Pretinho – ali assassinados em 1936 pela polícia do governo Pimentel, não se deixou desanimar pela falta da banda de música da Prefeitura Municipal, e conseguiu imediatamente improvisar uma outra que a substituísse muito bem¹⁶⁶

Assim, o luto não detinha o caráter desmobilizador da classe, com a idéia de que qualquer sublevação levaria o operário ao túmulo, mas motivador da luta, pois os exemplos de valorosos companheiros eram inúmeros, como Francisco Teodoro, Amaral, Luís Pretinho ou Pedro Augusto Motta, não permitindo que as mortes de militantes fossem em vão, beirando a mera fatalidade, ao contrário, eram tratadas como assassinatos cometidos pelo Estado Burguês, no caso, pela polícia do Governador Menezes Pimentel ou repressão de Arthur Bernardes, respectivamente, ou seja, mostrando a real dimensão das mortes, ocorridas em confronto político, tornando a lembrança dos chacinados em Chicago reavivada pelo sangue derramado dos márties locais, impulsionando as lutas de classe.

2.4.2 O Primeiro de Maio e a cultura operária.

165 Jornal Trabalhador Gráfico, Fortaleza, anno 1, num 3, 01/05/1930 p2.

166 Jornal O Democrata, Fortaleza, 15/5/1946 p. 3. Apud SANTOS, Carlos Augusto. Cidade Vermelha: a militância comunista em Camocim – CE 1927-1950. Dissertação. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. p.122.

Fernando Catroga examina as diferentes concepções das estratégias de manifestações do Primeiro de Maio. Os radicais defendiam as celebrações revolucionárias, já os reformistas pensavam em atos “festivos/funerários”, percebendo que esta era a maneira mais eficiente de atrair os operários portugueses, na maioria, católicos *“trazendo para o interior do ritual as tradições culturais como forma de mediação do novo rito operário.”*¹⁶⁷

O movimento socialista, de um modo geral, detinha uma visão diferente da dos anarquistas, entendendo que o Primeiro de Maio deveria ser comemorado com reivindicações direcionadas ao Estado. A estratégia consistia na aglutinação de grandes contingentes de operários nas demonstrações de Primeiro de Maio, com a apropriação de ritos católicos e camponeses afirmando o Primeiro de Maio como início da conquista de 8 horas de trabalho.

Em Portugal, os movimentos identificados com a causa socialista tinham semelhante percepção no tocante à tática de convocação dos trabalhadores para as demonstrações de Primeiro de Maio, pois

(...) a atitude dos socialistas era mais tática, e pretendia ser sensível ao que julgavam ser a cultura e o grau de politização dos trabalhadores portugueses. Para eles, a sua opção era tanto mais aconselhável quanto a linguagem da festa religiosa (e, em certa medida, da festa cívica) parecia ser mais apelativa para a sensibilidade popular; ao mesmo tempo, a inclusão de passeios ao campo permitia ligar a festa social à “velha festa pagã, tão linda, tão encantadora, que se consagra às flores”, a saber: as “maias”. E ao irem ao cemitério visitar os seus “mortos”, os manifestantes imitavam o comportamento das famílias, reavivando a exemplaridade dos seus maiores, com a intenção de filiarem, identificarem, reforçarem, distinguirem (tal como outros grupos sociais e ideológicos) a sua recente e fraca memória de classe em construção.¹⁶⁸

Outra faceta diz respeito à liturgia do Primeiro de Maio, em que a ritualização, a repetição de certas práticas mesclam-se com uma atmosfera que lembra o culto, mais rito do que simples festividade. O Primeiro de Maio, como assevera Michelle Perrot:

167 CATROGA, Fernando. O Céu da Memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal (1756-1911), Ed. Minerva, Coimbra, 1999 p 248

168CATROGA, Fernando. Op cit p 248

inscreve nas mais antigas tradições religiosas: a da comunhão dos Santos, a da comemoração sacrificial. Fazer a mesma coisa ao mesmo tempo: esse grande princípio da prática religiosa encontra-se aqui, por um rasgo de gênio, transferindo para o movimento operário, novo Moisés de uma nova Terra Prometida. Exaltação de um Povo unido por uma celebração comum, o Primeiro de Maio é em suma uma Missa Cantada operária.¹⁶⁹

Fernando Catroga disserta, com propriedade, sobre a proximidade entre o culto religioso e o Primeiro de Maio:

como nos ritos antigos, também aqui o objectivo religador se recobria de sacralidade. (...) o 1º de maio, descontando os seus objectivos específicos, não se diferenciava, do ponto de vista formal e funcional, das restantes liturgias de recordação com finalidades cívicas¹⁷⁰

Em torno dos usos do Primeiro de Maio, em sua dimensão socializada e ritual, ainda em Catroga, que faz uma análise a partir desta indagação:

não se estará perante um cerimonial em que, não obstante os seus fundamentos profanos, se detecta, como nos funerais cívicos e romagens cívicas, o uso de uma linguagem que sacraliza um “rito profano”? Se, por “sagrado”, entendermos uma vivência que radica num “corpus” mítico e ritual, pressupõe um princípio transcendente, e visa criar um clima de participação comunicativa, é evidente que a qualificação não será pertinente¹⁷¹.

Deste modo, a reflexão de Fernando Catroga colabora para o entendimento dos atos comemorativos ao Primeiro de Maio, no Brasil, onde se percebe, pela origem e costumes da classe operária, a dimensão do religioso e do civismo no mesmo rito. A linguagem do sagrado pode ser vista no poema publicado no Jornal Correio da Manhã:

Eis a alvorada brilhante
Do dia santo de luz
Nas densas trevas da Pátria
Formosa estrella reluz!
E cesse o rumor do malho
Ante o festim do trabalho!

Esta é a paschoa dos livres
A missa nova dos novos
E neste altar consagrado!

169 PERROT, Michelle. op cit p. 138

170 CATOGRA, Fernando. Op cit pp 263.

171 CATROGA, Fernando. Op cit p. 234

À igualdade dos povos
Só se levantam hosannas
Às liberdades humanas!¹⁷²

As estrofes mesclam liturgias cristãs com a esperança por modernidades de uma sociedade laica, versos como “dia santo da luz”, “páscoa dos livres” e “missa dos novos”, revelam os desejos de que o Primeiro de Maio inaugure um novo tempo, repleto de mudanças benéficas da classe trabalhadora.

Adelaide Gonçalves informa o artigo de Gastão Justa em que há também a figura da divinização do rito:

O Primeiro de Maio é a sexta-feira da paixão do proletariado universal. O calvário dos modernos Cristos que vêm bebendo na espola do protesto o vinagre salitroso das injustiças humanas. O despotismo das reações burguesas há criado, através das idades, os maiores entraves às equanidades sociais (...). Apesar porém, de todas suas selvagerias, o proletariado vem se constituindo uma força temível e generosa no anseio de conquistar (...) a organização social futura (...). A tragédia de Chicago marcou o início dessa reforma¹⁷³

É constante, no discurso operário reivindicatório, o uso de terminologias cristãs, característica marcante da formação religiosa do trabalhador brasileiro, para reflexão sobre sua situação do mundo. Percebe-se no aspecto sacralizado, a tentativa das direções operárias em engajar o operário, pelo lado religioso, às lutas políticas históricas do mundo do trabalho. A estratégia operária também pode ser entendida como demarcação de espaço político com a Igreja Católica, que neutralizava o discurso da luta de classes, tornando prioritário, para a Igreja, a conversão e a moral cristã do operário.

Comemorar o Primeiro de Maio, na opinião de alguns socialistas, era reivindicar participação política no Estado, a disputa pelos espaços da cidade faziam o Primeiro de Maio mais um espaço de pressão do que de expressão, parafraseando Michelle Perrot. Os trabalhadores aproveitavam a publicidade

172Jornal Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 2 de maio de 1902. In: KOCHER, Bernardo. *Luto-Luta: o primeiro de maio no Rio de Janeiro. 1890-1930*. Dissertação. Niterói: UFF, 198. p. 58

173 Jornal O Ceará, Fortaleza, 07/06/1928. Apud GONÇALVES, Adelaide *A Imprensa dos Trabalhadores no Ceará, de 1862 aos anos 1920*. Florianópolis: Tese de Doutorado, UFSC; 2000. p. 445

da data do Primeiro de Maio para se dirigirem às autoridades republicanas a fim de negociar propostas de interesse da categoria:

Em 1903, uma comissão de dirigentes operários foi ao Palácio do Catete agradecer ao presidente Rodrigues Alves por sua cooperação nas festividades do 1º de maio. Nessa mesma ocasião, foi entregue ao ministro dos transportes, Lauro Müller, uma petição assinada por 4 mil trabalhadores reivindicando a jornada de 8 horas para adultos e seis horas para menores.¹⁷⁴

Outro exemplo da utilização do Primeiro de Maio como facilitador de negociações com o Estado, está nas deliberações das Associações Operárias de Porto Alegre, em Primeiro de Maio de 1905, em defesa do Projeto de Lei que tramitava no Congresso Federal sobre os acidentes de trabalho. O jornal *A Democracia* noticiou que as entidades trabalhistas iam:

pedir ao Congresso Federal e ao Governo da República que aquele aprove e este promulgue o projeto de Lei acima referido, apresentado pelo Dr. Medeiros de Albuquerque, e que o mesmo, como Lei, tenha pleno vigor para todo o Brasil.¹⁷⁵

Cláudio Batalha vê, na aproximação dos trabalhadores ao Estado, não a caracterização de deformação de classe, mas estratégia política de associativismo de classe, em negociação por direitos de participação política ou barganhas sociais que os afastassem da exclusão social, bem característico da Primeira República brasileira, até porque.

Desde a última década do século XIX, a maioria dos programas políticos de organizações que, sob a denominação de partidos operários ou socialistas, tinham como objetivo a defesa dos interesses da classe trabalhadora passava pela ampliação dos direitos políticos, em particular propondo reformas do sistema eleitoral.¹⁷⁶

No Ceará, entidades operárias, como o Centro Artístico Cearense, convidavam autoridades da República, o Presidente do Estado¹⁷⁷ que, quando

174 BATALHA, Cláudio. op. Cit p. 111

175 Jornal *A Democracia*, Porto Alegre, p2. 7 de Maio de 1905. Apud PETERSEN, Sílvia. op. cit p. 164.

176 BATALHA, Cláudio. 2003 op cit. p.180

177 Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 02/05/1928 p.5

não compareciam pessoalmente, enviavam representantes às sessões solenes, na sede do Centro Artístico, para pronunciarem discursos de valorização do trabalhador.

O jornal *O Imparcial* publicou carta dos operários endereçada ao Presidente da República, Wenceslau Brás, felicitando-o pelo projeto “regenerador” da nação. Os operários se colocaram à disposição para o diálogo aberto com o presidente, conforme podemos observar no comunicado de Primeiro de Maio:

Exmo. Sr. Presidente da República.

Os operários, reunidos em comemoração ao trabalho, no dia em que se festeja a confraternização das classes em que se baseia a ordem social no mundo moderno, julgam de seu dever trazer-vos a sua solidariedade e os seus applausos, na obra de regeneração que vos comprometteste realizar (...)

a nossa voz, representa, exmo sr. Presidente, a voz do povo, cujos direitos vêm sendo desrespeitados clamorosamente. Ouvi-a porque ella traduz sinceramente o amor à ordem.

É preciso que o povo seja acatado nos seus desejos e, entretanto, exmo. sr. Presidente, agora mesmo se trama em plena Câmara, a depuração do íntegro sr. Alexandre José Barbosa Lima, por nós amado e por nós eleito.

Confiamos, porém, nós, os operários, que a vossa energia, a vossa honra e vosso patriotismo, nos garantam um quadriênio de paz e progresso, de amor aos princípios e de respeito à lei; de acatamento à vontade soberana do povo e de culto à justiça.¹⁷⁸

Observando a nota publicada no jornal *O Imparcial*, tem-se a estratégia do proletariado de apropriar-se da visibilidade da data, na tentativa de manter seu representante no Poder Legislativo, por isso inicia a nota elogiando o Presidente da República, e, após os votos de “*solidariedade e os seus applausos*”, reivindica a atenta audiência da voz do povo e o respeito à lei que, embora burguesa, era alternativa de barganha. Sendo assim, os trabalhadores solicitaram a permanência de seu representante Alexandre Lima, “amado e eleito” pelo povo, ameaçado de “depuração” pela Câmara Federal. A estratégia em elogiar e, depois, solicitar algo ao dirigente político é a maneira inteligente, como diz Darnton¹⁷⁹, o homem comum não é filósofo, mas é inteligente, ao

178 Jornal O Imparcial, Rio de Janeiro, 2/05/1915 in. KOCHER, Bernardo. op. cit p.173

179 PALLARES-BURKE, Maria Lúcia (org). As Muitas Faces da História. Nove Entrevistas, São Paulo, Ed. UNESP, 2000. p.289. Vale destacar pesquisa de Jorge Ferreira (1997:25), que utiliza concepções de Darnton a respeito da cultura política dos trabalhadores durante o

conseguir elaborar uma forma de resolução dos problemas, frente aos desafios impostos pelas autoridades burguesas, barganhando, inclusive com o poder e a lei.

A nota mostra a atenção dos operários frente à política nacional, assegurando, ao presidente, estabilidade necessária para que possa “*tirar o paiz da situação angustiosissima*”, talvez pela instabilidade política do governo anterior, do Marechal Hermes da Fonseca (1910-1914), que, aliás, até tentou aproximar o movimento operário da Presidência da República Salvacionista, entretanto, na medida em que os “salvacionistas” perdiam espaço político para o grupo do senador gaúcho Pinheiro Machado, não foi possível para a classe trabalhadora estreitar os laços com o Poder Executivo¹⁸⁰. O Governo de Hermes da Fonseca se torna marcado por revoltas populares, do setor militar e de embates intra-oligárquicos, como a Sedição de Juazeiro, contrários à “Política das Salvações”, que acabou por fazer o regime republicano mais instável.

2.5 “*Patrões e Operários do mundo inteiro, uni-vos*”: O Primeiro de Maio e a Igreja Católica

A luta dos trabalhadores ganhou com o rito do Primeiro de Maio importante símbolo de universalização da classe, que passou a ser disputado por outros setores, a exemplo da Igreja Católica, conforme a Encíclica *Rerum Novarum*, de Maio de 1891, que ataca a modernidade, o ateísmo, a industrialização e suas conseqüências nefastas aos operários¹⁸¹ estabelecendo a resolução dos problemas dos trabalhadores pela colaboração de classes, de forma ordeira, sem questionar a propriedade privada, tida como sagrada pela Igreja.

A origem do Primeiro de Maio, como se sabe, é fruto das lutas do movimento operário. A Igreja Católica, compreendendo a data universal da classe trabalhadora, realizou trabalho de arregimentação dos contingentes

primeiro governo Vargas, através, sobretudo, das correspondências enviadas à Secretaria da Presidência da República.

180 BATALHA, Cláudio. op. cit. p 112

181 CORDEIRO JR, Raimundo. A Legião Cearense do Trabalho. In: SOUZA, S (org) Uma nova História do Ceará, Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2002. p. 319.

operários a partir da disputa dos significados dos ritos¹⁸², que objetivavam “*Consagrar o trabalho e exaltar as virtudes do trabalhador, do operário que aceita a sua condição social sem sublevar a ordem no mundo do trabalho*”.¹⁸³ No entanto, a força da Igreja era de tal monta, que até a origem do rito teve seu sentido alterado como se vê neste artigo de Giovanni Timóteo, que afirmara a gênese do Primeiro de Maio, como fruto da ação do Papa Leão XIII:

O dia 1º de Maio é dedicado ao trabalho e foi instituído pelo Papa Leão XIII, a fim de que as nações civilizadas unisonas, comemorassem a festa, que homenageia aos que labutam pela vida. Neste dia comemoramos, alegremente, o trabalho universal, trabalho esse, que o homem executa dia a dia, em proveito da coletividade. Esta potentíssima clava, que é o trabalho, consegue tudo, afim de aplainar com êxito as mais brilhantes conquistas do progresso. (...) Trabalha o pobre e trabalha o rico. Trabalha o pobre para satisfazer as suas necessidades urgentes; trabalha o rico e o nobre com mais afinco, para satisfazer suas vaidades, luxos e gozos; todos enfim trabalham, porque é o único meio de prover e assegurar a felicidade, para desta forma cultuar semelhante religião e evangelho. O Trabalho enaltece e enobrece. Olhando para o vastíssimo orbe, veremos tão perfeito trabalho humano. Nas estradas de rodagem, nas vias telegráficas, nos túneis colossais, nas pontes, etc. (...) Tudo se alcança com o trabalho, pois este conduz o homem a conquista do progresso. Eis porque a humanidade, festeja condignamente este auspicioso dia no qual rememoramos com vivas e flôres, canticos sublimes, hosanias esplendidas e glorificamos no grandioso dia, pelo mundo inteiro, em calorosos louvôres, as suas próprias ações¹⁸⁴.

Giovanni Timóteo denega o histórico e o caráter de classe do Primeiro de Maio sob dois prismas: primeiro, ao estipular a ação papal na construção da data, sobre a qual devia ser comemorado, em festa, o trabalho em benefício do “mundo civilizado”. Em seguida, infere que o rito é uma comemoração sem

¹⁸² A cooptação do “Dia do Trabalhador” à ordem dominante ganha maior vigor quando o papa Pio XII institui, em 1956, a data do Primeiro de Maio como festa universal de São José Operário (padroeiro da classe obreira). Antes, no Ceará, os Círculos Operários Católicos já saudavam São José como o santo dos operários. De todo modo, as determinações da Santa Sé só fizeram se somar aos desejos dos Círculos em despojar da luta o significado do Primeiro de Maio. Ver em: SANTOS, Jovelina. Do Circulo Operário ao Sindicato: A Igreja Católica e a Organização dos Trabalhadores no Ceará -1915-1963. Dissertação. Fortaleza: UFC, 2004 p.179.

¹⁸³ SANTOS, Jovelina. Do Circulo Operário ao Sindicato: A Igreja Católica e a Organização dos Trabalhadores no Ceará -1915-1963. Dissertação. Fortaleza: UFC, 2004 p 263

¹⁸⁴ Jornal O Unitário, Fortaleza, 01/05/1938 p. 6 suplemento.

conteúdo classista, pois o Primeiro de Maio é o “Dia do Trabalho”, confundindo o conceito de *trabalho* com o de emprego, em que, por esse raciocínio, todas as pessoas desempenham função na sociedade, trabalham, valorizando, sobretudo, o trabalho dos ricos e nobres, que, segundo ele, labutam “*com mais afinco, para satisfazer suas vaidades, luxos e gozos*”. O pobre, por outro lado, trabalha apenas “*para satisfazer as suas necessidades urgentes*”, mascarando, assim, a simbologia do rito da classe operária e colocando a função dos operários em segundo plano.

A Igreja Católica, depois da *Rerum Novarum*, se dirige ao movimento operário, tomando a responsabilidade da resolução dos problemas sociais, evidenciada nesta passagem:

É com toda a confiança que nós abordamos este assunto, e em toda a plenitude do Nosso direito; porque a questão de que se trata é de tal natureza, que, se não apelamos para a religião e para a Igreja, é impossível encontrar-lhe uma solução eficaz. Ora, como é principalmente a Nós que estão confiadas a salvaguarda da religião e a dispensação do que é do domínio da Igreja, calarmo-nos seria aos olhos de todos trair o Nosso dever.¹⁸⁵

Para a Igreja, não havia resolução da questão social, a não ser por meio do apelo à religião, já que o catolicismo abominava as tentativas de mudança social sob a ótica do confronto entre as classes. Entretanto a Santa Sé não se eximia dos problemas operários, aconselhava, como resolução dos embates, a colaboração de classe, atacando as formas de luta direta, a exemplo do comunismo e as formas de protestos, propondo a concórdia de classes, a caridade, tendo a Igreja como mediadora dos conflitos, pois:

toda a economia das verdades religiosas, de que a Igreja é guarda e intérprete, é de natureza a aproximar e reconciliar os ricos e os pobres, lembrando às duas classes os seus deveres mútuos e, primeiro que todos os outros, os que derivam da justiça.¹⁸⁶

O símbolo da concórdia de classes pode ser exemplificado em paráfrase do *Manifesto Comunista*, divulgado no jornal *O Nordeste*: “*Patrões e*

185 LEÃO XIII. Carta Encíclica “*Rerum Novarum*” sobre a condição dos operários. GEORGE, Henry, George & LEÃO XIII. A doutrina social da igreja. Rio de Janeiro: Laemmert, 1968. P. 153.

186 LEÃO XIII.op. Cit. P. 163.

*operários do mundo inteiro, uni-vos*¹⁸⁷. A apropriação da conhecida frase de Marx, reelaborada pelo ideal cristão, dá dimensão da política da Igreja Católica, que consiste na colaboração de classes e pregação anticomunista, efetivando-se, na década de 1930, em dura batalha contra os socialistas, reinventando o sentido do Primeiro de Maio, como uma das formas de luta anticomunista. Por exemplo, a Legião Cearense do Trabalho propôs um Primeiro de Maio colaboracionista e cristão, longe das lutas sociais, conforme assevera Raimundo Barroso Cordeiro: *“a legião, portanto, reinventa uma tradição elaborada pela esquerda, aproveitando o momento para ressaltar a necessidade da colaboração entre as classes sociais e destruir aquele ritual de seu conteúdo revolucionário”*.

E continua ao citar o porta-voz da Legião Cearense do Trabalho, o jornal “O Legionário”:

o 1º de maio, data que os socialistas deram uma feição meramente revolucionária, e da qual se servem em algumas partes do mundo, para darem ensanchas às suas machinações subversivas entre nós tem um caráter genuinamente festivo¹⁸⁸.

Assim, os jornais *O Legionário* e *O Nordeste* contribuem para a propagação dos ideais da Igreja. A partir de 1930, as comemorações de Primeiro de Maio no Ceará, sob a direção das entidades católicas, assumiram viés religioso-festivo, propagado, em larga medida, pelos Círculos Operários Católicos.

Em 1933, sob liderança do Capitão Jeová Mota, a Legião Cearense do Trabalho demonstrou força e organização nos desfiles de Primeiro de Maio. O *Nordeste* fez ampla cobertura da comemoração legionária daquele ano, com a seguinte manchete: *“grande demonstração de força e disciplina, que foi, indiscutivelmente, a parada da Legião Cearense do Trabalho*¹⁸⁹”. O prestígio da LCT estava vinculado ao apoio político do Interventor Carneiro de Mendonça, presença marcante em boa parte da solenidade da Legião daquele ano.

187 Jornal O Nordeste, Fortaleza, 28/04/1939 p.11

188 Jornal O Legionário, Fortaleza, 22/04/1933, p. 4. Apud CORDEIRO JR., Raimundo. op.cit. p.320

189 Jornal O Nordeste, Fortaleza, 02/05/1933 p.4

O Governo Estadual, em reconhecimento à força dos legionários, no Estado, e percebendo que o apoio católico à proposta do varguismo ajudaria na liquidação do movimento operário combativo, assinou decreto criando cinco “*escolas de alfabetização legionária*”, nas sedes da Associação Primeiro de Maio, Sindicato da Fábrica Progresso, União Popular Cristo Rei, Sindicato dos Operários da Light e Sindicatos dos Operários em Cortume.¹⁹⁰

A comemoração Legionária do Primeiro de Maio de 1933 legitimou a programação oficial do Primeiro de Maio. Iniciou-se com a alvorada na sede do Secretariado Legionário e nas sedes dos sindicatos membros, com o hasteamento da bandeira da LCT. Após a alvorada, realizou-se missa na Igreja do Patrocínio, muito prestigiada pelos membros da Legião, celebrada pelo padre Hélder Câmara, (um dos criadores da LCT, em 1931), os legionários saíram em marcha rumo à Assembléia Legislativa para assistir, sob a presidência do Interventor Carneiro de Mendonça, a cerimônia de posse da Comissão Municipal Mista de Conciliação e Arbitragem, encabeçada por Adolfo Campelo e Avelar Rocha, composta por empregados e empregadores. Ao término da sessão, falaram diversas autoridades, com destaque para Ubirajara Índio do Ceará, pela LCT e do Fiscal do Trabalho, Wlademiro Leon Salles, como o “*fiscal da classe operária*”¹⁹¹.

À tarde, deu-se cerimônia no Centro Artístico Cearense, presidida pelo chefe da Legião, Capitão Jeová Mota, em que foram empossadas as diretorias de diversos sindicatos e associações, dentre eles, a do próprio Centro Artístico, Sindicato dos Trabalhadores da Usina Ceará, Sindicato dos Pequenos Funcionários Públicos Federais, Sindicato dos Operários da Fábrica Santa Maria, Sindicato dos Pedreiros e Sindicato dos Funcionários do Serviço de Febre Amarela¹⁹².

O desfile legionário estendeu-se pela Rua Tristão Gonçalves até a Duque de Caxias, acompanhado de vários automóveis conduzindo diversas autoridades legionárias. Todos rumaram à Praça José de Alencar, para

190 Jornal O Nordeste, Fortaleza, 02/05/1933 p.4

191 A idéia dos Fiscais do Trabalho, expressada no Ceará pela fala de Leon Salles, era mais um trunfo do varguismo na tentativa de desestabilizar os sindicatos de orientação comunista, de delegar poderes fiscalistas aos trabalhadores, no intuito de se criar lideranças novas, com respaldo e poder de barganha. GOMES, Angela de Castro . op. cit p. 166

192 Jornal O Nordeste, Fortaleza, 02/05/1933 p.4

assistirem ao comício oficial de Carneiro de Mendonça e marcharam as quarenta e oito entidades sindicais filiadas à LCT, em direção à Praça do Ferreira, que estava coberta por estandartes operários, “*dando aspecto encantador ao local dos comícios*”¹⁹³. A grande passeata bradava “*vivas a Legião, ao Capitão Jeová Motta, ao Tenente Severino Sombra e às Associações*”. Para idéia da dimensão da manifestação, o préstito foi animado por duas bandas de música: da Polícia Militar e a do Círculo Operário São José, uma à frente e a outra na retaguarda. O préstito seguiu em direção ao Secretariado da Legião, encerrando os desfiles do Primeiro de Maio.

A disputa de significados para o rito do Primeiro de Maio aparece também nas cerimônias, que, além do conteúdo diferenciado, a Igreja, pela UMC, LCT e LEC realizava comemorações em separado, com o intuito de sua base não entrar em contato com os militantes comunistas. As sessões de maio eram realizadas nos colégios Cearense e Imaculada Conceição e os atos ocorriam, principalmente, na coluna do Cristo Redentor, que, ano após ano, reunia os operários católicos, conforme programação em *O Nordeste*: “*desde a meia noite da véspera, começaram a estrugir foguetões, realizando-se a tarde uma concentração da campanha legionária*”.¹⁹⁴ O mês de Maio não é marcado pela luta, mas sim pela religiosidade, como o “Maio Mãe”, o “mês de Nossa Senhora”¹⁹⁵. Os atos de Primeiro de Maio resumiam-se na concepção e prática catequética da Igreja, como a “páscoa dos operários” ou “páscoa dos homens da blusa grosseira e pobre,”¹⁹⁶ com a organização de banquetes eucarísticos. Em 1939, *O Nordeste* divulgou que, “*além de festejar o Primeiro de Maio, o operariado cearense, cujos sentimentos cristãos são conhecidos quis homenagear o maior de todos os operários – Deus - “criador e senhor de todas as cousas”*”.¹⁹⁷ A coluna do Cristo Redentor era tão cara aos circulistas, que, anos mais tarde, em 1958, houve cerimônia de “aposição de uma placa de mármore na coluna do Cristo Redentor com os nomes dos três operários,

193 Jornal O Nordeste, Fortaleza, 02/05/1933 p.4

194 Jornal O Nordeste, Fortaleza, 01/05/1935 p. 3

195 Jornal O Nordeste, Fortaleza, 02/05/1938 p. 4

196 Jornal O Nordeste, Fortaleza, 06/05/1939 p. 6

197 Jornal O Nordeste, Fortaleza, 08/04/1939 p.11

que dirigiam os trabalhos da construção do monumento no ano de 1922”.¹⁹⁸
 Como pode-se ver na imagem seguinte.



Ilustração 5: Coluna do Cristo Redentor, fotografada por Lindericy Lins.

Durante o período varguista, houve essencial colaboração da Igreja Católica, no sentido de arregimentação dos trabalhadores ao projeto do Estado, pois, além de destituir de qualquer sentido reivindicatório, a LCT e o COC nutriam simpatias por um Estado assistencialista, como se observa na análise de Castro Gomes:

A proposta da Igreja, estruturada nos Círculos Operários Católicos, contou com o respaldo de Waldemar Falcão, sucessor de Agamenon a partir de 1937, mas não conseguiu sensibilizar os trabalhadores. Profundamente assistencialista, a proposta circulista vinculou-se a um clima político de intenso combate ao comunismo e grande simpatia por um Estado autoritário¹⁹⁹

Porta-voz católico da LCT, o jornalista Audifax Mendes, em comício na Praça do Cristo Redentor, pronunciou-se em defesa do governo Vargas, fazendo um: *“paralelo entre as vitórias cívicas do operariado brasileiro, anunciadas (...) [por] Getúlio Vargas e os princípios que norteavam os*

¹⁹⁸ SANTOS, Jovelina.op. cit. p. 182

¹⁹⁹ GOMES, Angela Castro. op. cit. p. 178

operários católicos, à luz das encíclicas papais e dos ensinamentos evangélicos".²⁰⁰

A propaganda varguista e anticomunista era tamanha, que o jornal *O Nordeste* mencionou, com bastante orgulho, a suposta declaração do comunista Maurício de Lacerda, que "*admirou-se da campanha anti-comunista do nosso operariado*".²⁰¹

Sobre a intervenção da Igreja, efetivada pelos COC, no mundo do trabalho, Jovelina Santos disserta sobre o Primeiro de Maio Circulista, na década de 1950. Ainda que o estudo escape à periodização de nossa pesquisa, os modos com os quais a Igreja trata o Primeiro de Maio se assemelham bastante.

O intuito da Igreja Católica, através do circulismo, era transformar o binômio luta-luto do Primeiro de Maio militante em dia festivo e de celebração do sagrado e exaltação dos valores católicos, contra a modernidade e o avanço do comunismo. O objetivo dos circulistas era estabelecer relação de harmonia entre as classes sociais, como desejava a Igreja, governo e empresários. Era, portanto, compreensível que os desfiles de Primeiro de Maio, na década de 1950, além do Círculo Operário Católico, contassem também com o apoio da Delegacia Regional do Trabalho, SESI, Federação do Comércio do Ceará, Federação Cearense de Desporto, dentre outras organizações que corroboraram para a destituição dos sentidos originais do Primeiro de Maio.

2.6 “ À Escola!”: O Primeiro de Maio e a Instrução Operária

O Primeiro de Maio servira também para reafirmar a relevância da educação como forma de elevar o nível intelectual e de consciência da classe. Nota-se que em muitas solenidades de Primeiro de Maio, há a constante presença de estudantes, o que demonstra a valorização do tema da educação, abordado nos estudos sobre o movimento operário dos fins do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. O jornal *O Rebate*, de 1º de Maio de

200 Jornal O Nordeste, Fortaleza, 06/05/1939 p. 6.

201 Jornal O Nordeste, Fortaleza, 28/04/1939 p. 11.

1915, de Maceió, noticia a “luta pela Idéia Nova e faz apelo pela instrução do proletariado”:

(...) Aos nossos companheiros bradaremos: À Escola, à Escola Aos livros e a imprensa. Nos eduquemos e instruamo-nos porque somente assim de espírito lúcido e eloquência fácil, poderemos esmagar a hidra que há tantos séculos nos espreita na sombra a nutrir-se furtivamente do nosso sangue. Fugamos à política de partidos, nada de junção à burguesia, esta inimiga hipócrita e repulsiva. À escola, à escola, ao livro, à imprensa (...)²⁰²

Era, portanto, de grande valia, mostrar o valor das escolas operárias, como estímulo à instrução da classe trabalhadora. O jornal *Diário do Estado*, de 30 de abril e Primeiro de Maio de 1915, mostra, na coluna “Vida Operária”, sob o título “Ao operariado cearense,” a inauguração, no “Dia do Trabalho Livre”, da Escola Noturna Secundária, o número 128, Rua Major Facundo, em Fortaleza, organizada por Moacyr Caminha, Manoel Aquino dos Santos, Eurico Pinto Pereira, Joaquim Alves Oliveira, Manoel Mendes Queiroz e Alexandre Dumas. Segundo os organizadores, os objetivos estavam vinculados à causa da instrução e educação do operariado:

Ao operariado cearense as nossas alviças pelo êxito esplendido de nossa empreza. Já conseguimos o quanto nos basta para lhe abrimos à instrução um estabelecimento regular. Lá o operariado cearense encontrará o producto magnífico da propaganda em que nos hemos empenhado com tanto amor, lá encontrará o operariado cearense transmitida aos seus espíritos, libertando-os das trevas, em que, na maior parte, andam envoltos, a luz benéfica da instrução ministrada por professores, na sua totalidade, excellentes, vontadosos e, sobretudo, amigos das classes trabalhadoras²⁰³.

As palavras dos organizadores sublinham a necessidade de educar e instruir os trabalhadores, retirando-os das “trevas”, pela disseminação da “*luz benéfica da instrução*”, à maneira do pensamento iluminista. O Primeiro de Maio era a data-chave para a inauguração da Escola, dia dedicado ao trabalhador marcado pela exaltação à educação e não apenas de apologia ao trabalho.

202 Jornal O Rebate, Maceió, 01/05/1915 apud GONÇALVES, Adelaide. op. Cit p. 443.

203 Jornal Diário do Estado, Fortaleza, 30/04/1915, p.2 e 01/05/1915, p. 2.

O cearense professor da Faculdade de Direito do Recife, Joaquim Pimenta informa, ao *Jornal Ceará Socialista*, órgão de imprensa do Partido Socialista Cearense, o sucesso do Primeiro de Maio em Pernambuco, em 1919, afirmando que “*reuniu no Theatro do Parque, cerca de cinco mil pessoas*”. Joaquim Pimenta, mui orgulhosamente, propôs organizar “*uma universidade popular para educar e instruir a classe, a exemplo do que se tem feito em muitos paizes*.”²⁰⁴ A imprensa cearense destacava pontualmente o grau de instrução de alguns trabalhadores, tecendo elogios ao jornal “Primeiro de Maio” de 1919:

Circulou ontem o “Primeiro de Maio”, órgão do Centro Artístico Cearense”. A leitura deste jornal operário nos dá uma idéia da elevação intelectual que atingiram entre nós certos elementos dessa importante classe.

Em artigos impressionantes, os pioneiros da santa cruzada das reivindicações do proletariado emitem conceitos verdadeiros que, infelizmente, ainda não conseguiram vencer os interesses e a apathia das classes dirigentes, no seio das quaes os poucos espíritos bem orientados na solução da questão social são manietados pelas forças retrógradas que acabam por annular-lhes a ação.

Gratos pela visita do “Primeiro de Maio”, desejamos todo successo ao valente órgão do operariado cearense.²⁰⁵

Interessante o comentário do *Diário do Estado*, veículo da grande imprensa, criticando a própria classe que representa. O jornal se impressiona com a qualidade dos artigos e da elevação intelectual dos articulistas do “*valente órgão operário*”, solidarizando-se com os “*conceitos certos*” dos “*pioneiros da santa cruzada*”, que não conseguem empregá-los devido à apatia das classes dominantes.

No ato de Primeiro de Maio de 1924, em Quixadá, na sessão solene da Aliança Artística e Proletária daquele município, falaram diversas figuras da política e elites locais, ligadas à referida associação, e uma oradora; “*aplicada alluna do grupo escolar Elisa Alice*”²⁰⁶.

Depois de meados dos anos de 1920, assistem, às sessões de Primeiro de Maio, grupos estudantis, Grêmio dos Estudantes Fenixtas, fundado

204 *Jornal Ceará Socialista*, Órgão do Partido Socialista Cearense, Fortaleza, ano 1, nº 1, 14/07/1919 p.2. In: GONÇALVES, Adelaide. *Ceará socialista anno 1919*. Edição fac-similar, Fortaleza: Ed. UFC, 2001.

205 *Jornal Diário do Estado*, Fortaleza, 2/5/1919, p.4.

206 *Jornal Diário do Ceará*, Fortaleza, 8/5/1924, p. 1.

em 1º de Maio de 1926, Clube Liceal de Estudos, Centro Acadêmico de Direito da Universidade do Ceará, Centro Infantil da Cultura e do Centro Estudantil Cearense que, por exemplo, em 1938, realizou sessão solene, dirigida pelo presidente, o professor Euclides César, que discursou aludindo o Primeiro de Maio como a “*epopéia para o trabalhador universal*”, além disso, houve recitais de poesias de alunas da instituição estudantil²⁰⁷.

2.7 O Primeiro de Maio como anúncio da Boa Nova e as Raízes Camponesas.

O Primeiro de Maio, no Brasil, mesmo com raiz fincada nas sociedades industrializadas, guardou, em larga medida, sobrevivências da cultura camponesa, pela origem rural dos trabalhadores brasileiros, e pela base econômica agro-exportadora, como pela incipiente industrialização do século XIX e XX. No Brasil, como em Portugal, afirma Carlos da Fonseca:

Em geral, o operário provinciano habitava nas aldeias e só ia à cidade por necessidades de trabalho. A comunidade aldeã modelava-o psicológica e socialmente, transmitindo-lhe crenças, as práticas e a visão do mundo do universo rural²⁰⁸.

Em algumas partes da Europa, “*o 1º de maio foi ao encontro dos ritos aldeões de celebração da primavera*”²⁰⁹, como em Portugal e França, por exemplo, pois a simbologia da renovação da natureza era ligada à esperança num mundo melhor:

Da mesma forma, o 1º de Maio desempenhou papel capital do desenvolvimento da iconografia socialista (...) em que, apesar da esperada ênfase na luta, o toque de esperança, confiança e a aproximação de um futuro melhor – muitas vezes expressadas pelas metáforas do crescimento das plantas – prevaleceram²¹⁰.

Catroga conclui que “*a articulação entre a regeneração da natureza e os desejos de regeneração social teria estado na génese da festa cívica*

207 Jornal Gazeta de Notícias, Fortaleza, 04/05/1938 p.6

208 FONSECA, Carlos da. Op cit p17

209 ARÊAS, Luciana op cit pp11

210 HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence. op.cit. p 293

moderna".²¹¹ O jornal "A Greve", de Primeiro de Maio de 1903, demonstra a relação entre a primavera campestre e a renovação das esperanças:

nós, os libertários deste lado do Atlântico, neste dia, dia do nascimento da primavera das flores, dos sentimentos e das rebeldias, floreal maravilhoso, dia em que se recolhera os frutos sazoados das fecundantes sementes das arvore simbólica da liberdade que semearam corações puros com o azul dos longínquos mares, dia em que devemos lavar o enérgico protesto contra o Capital e a Tirania, dirigimos a todos (...), enfim, daqui e dalem fronteiras, que esperem, como nós, a aurora da justiça, a primavera da Razão, a victoria definitiva do Ideal, a generosa e edificante Anarquia, dirigidos pelo nosso acrisolado Amor pela Internacional, que fundará a república mundial sem deuses nem senhores, uma afetuossissima saudação, uma saudação de esperança e de revolta fervorosas²¹².

O Primeiro de Maio, nascedouro das rebeldias, é evocado junto aos elementos da natureza: flores, árvores, frutos, sementes, mares, lembrando a sensação de liberdade que a flora causa nos homens, inspirava a poética e demonstrava a bravura do operariado frente aos desafios impostos à classe.

O artigo publicado no *Diário do Ceará*, de 28 de abril de 1923: "O *symbolismo da árvore*", indica a associação da natureza ao rito do Primeiro de Maio:

em muitas regiões da Europa ainda é uso hoje plantar-se arvores de Maio deante das habitações das pessoas mais illustres do lugar e das autoridades.
A celebração operaria de 1 de maio, tambem, no seu symbolismo, obedece mais ou menos à antiga tradição popular das festas de Flora e Maia. Talvez pelo mesmo motivo, com um objectivo mais elevado, o catholicismo estabeleceu o culto da Virgem Maria, no mesmo mês²¹³

O culto às árvores, ou festa das árvores, era comemorado em Fortaleza até as primeiras décadas do século XX,²¹⁴ como se vê nesta pesquisa, com o registro da solenidade, nas décadas de 1910 e 1920. As mudanças do ritual e as formas de demonstração e realização do rito operário vão adquirindo, incorporando ou suprimindo conteúdos a depender dos marcos em cada conjuntura.

211 CATROGA, Fernando. Op cit 249.

212 Jornal A Greve, Rio de Janeiro, 1 de maio de 1903 in: KOCHER, Bernardo. op. Cit p. 167

213 Jornal Diário do Ceará, Fortaleza, 28 de abril de 1923, p1.

214 Encontrei menções da festa das árvores no Jornal Diário do Estado, Fortaleza, 08/05/1924.

Com base nos registros da Festa da Árvore, em Fortaleza, como parte da comemoração do Primeiro de Maio, é possível estabelecer as relações com os cultos agrários europeus. Como afirma o jornal o Primeiro de Maio, o rito se combina à tradição de cultos aos deuses romanos, Flora e Maia, sendo comum a utilização de flores nos cortejos dos trabalhadores, e símbolos dos partidos ligados às causas socialistas. Essa interpretação não é compartilhada por Cláudio Batalha, pois para o historiador, é difícil estabelecer relação direta entre os cultos de primavera e o Primeiro de Maio no Brasil, mesmo com a utilização de flores nos cortejos, identificando-se com o calendário religioso católico.²¹⁵ No entanto, no contato com as fontes, vimos que, embora não ligados diretamente aos cultos agrários europeus, existem elementos que remetem o Primeiro de Maio à menção da renovação da natureza como inspiração na elaboração de novos estímulos à luta. Como se vê, o Hino de Primeiro de Maio, de autoria de Pietro Gori, cantado por trabalhadores anarquistas, demonstra mais um exemplo da associação da natureza ao sentimento de revolta, entoando a liberdade.

vem, ó maio, saúdam-te os povos,
em ti colhem viril confiança;
vem trazer-nos cerúlea bonança,
vem, ó maio trazer-vos dias novos!

Vibrem o hino de esperanças aladas
ao grão verde que o fruto matura,
a campina onde a messe futura
já flori sobre as negras queimaduras!

Desertai, ó falanges de escravos,
da lavoura, da negra oficina;
um momento de tregua à faxina,
ó abelhas, roubadas dos favos!

Levantemos, ideais, juventudes,
primaveras de túrbido arcano,
verde maio do genero humano,
dai coragem aos ânimos rudes!

Enflorai ao rebelde caído,
com os olhos fixando o nascente,
ao obreiro que luta fremente,
ao poeta gentil, esvaído²¹⁶

215 BATALHA, Cláudio 2004. op cit p. 109.

As palavras do hino remetem ao campo e à semeadura, ao ato de “colher confiança”, “ao grão verde que o fruto matura”, “a campina onde a messe futura”, “ó abelhas, roubadas dos favos”, “primaveras”, rememoram uma vida idealizada, ante o processo de industrialização que desumaniza e degrada a natureza, a esperança dos anarquistas, inspiradas nas idéias mutualistas de cooperação, em que é possível viver em sociedades harmônicas.

As comemorações de Primeiro de Maio, revestidas de simbolismo e identidade de classe, com seus ritos e heróis, segundo Carlos Augusto Santos, fazem falta aos velhos comunistas, que rememoram o Primeiro de Maio em sua fase mais combativa. A associação entre a tradição de Primeiro de Maio e a vida camponesa pode ser observada nas comemorações de Camocim, na década de 1940, lembradas por Seu Nilo, velho militante comunista:

a programação do Primeiro de Maio aqui nós reunia todos os sindicatos, os presidentes todos, chamava todo mundo e todo mundo participava. **Então a gente fazia uma passeata boa, grande, com milho, pé de milho, rama de feijão, o pessoal tudo alegre, era passeata boa, viu?** Tinha aí, umas mil pessoas (...) pessoas, tinha muito (...) uma passeata muito boa, né. ²¹⁷ (grifos meus)

No depoimento de “Seu Nilo”, pode-se ver a nostalgia do militante ao culto de Primeiro de Maio dos comunistas agregado aos ritos rurais, já que, na passeata, segundo Seu Nilo, “*existia milho, pé de milho, feijão*”, com o intuito de agregar o trabalhador rural, em aliança entre a foice e o martelo, unindo o desejo dos partidários do comunismo, em estabelecer cooperação entre os trabalhadores rurais e operários de Camocim²¹⁸. O Primeiro de Maio detinha, outrossim, a finalidade de anunciar um futuro de esperanças aos trabalhadores, ao professar a confiança no novo mundo, onde o operário gozaria de virtudes num paraíso na terra, pois:

216 Hino 1º de maio. De Pietro Gori. In: Jornal A Voz do Trabalhador, Rio de Janeiro, 1/5/1909.p.1

217 SANTOS, Carlos Augusto. Op cit p. 123

218 A conjuntura política da época marcada por greves no Porto de Camocim, onde o PCB funcionava na legalidade, disputando o poder político na cidade portuária com os partidários do PSD e Igreja Católica, marcou o sucesso de um tempo em que o Primeiro de Maio, como principal acontecimento da cidade, era a ferramenta simbólica dos trabalhadores, sobretudo dos militantes comunistas.

A idéia de futuro sobredetermina este finalismo na história, por isso, a história, se envolvia um presente e um passado de sofrimentos, encerrava, igualmente, uma potenciação de progresso que o proletariado já estaria a protagonizar²¹⁹.

Acerca da noção de Tempo e História, como da potência das idéias, no jornal *Trabalhador Gráfico*, em sua edição de Primeiro de Maio de 1930, Gastão Justa escreve, sob o título de “*a marcha triumphal*”, seu entendimento nestes termos:

não será com violência, que os senhores detentores do regime burgues, hão de embargar os passos da formidável avalanche proletária que avança impávida.

Prendam, encarcerem, martyrizem, enforcem, fuzilem, electrofiquem!

Que importa! Morre o homem, mas a Idéia fica...

sim, A Idéia é inatingível, inatacável, immortal. Ella viverá sempre; passará de indivíduos a indivíduos; de gerações a gerações, até o dia da consummação final da victoria

A emancipação da classe trabalhadora – só as mentalidades curtas, os espíritos retrogados, não o querem compreender – há de vir como um determinismo historico, pela ordem natural das coisas²²⁰

Do exemplo acima, como ilustração do pensamento da época, ressaltavam-se conceitos de fundo eclético, em que mesclam leituras sociológicas que se fazem desde finais do século XIX, pondo em relevo os termos caros ao legado cientificista – progresso, evolução – ou, como observa Fernando Catroga, “*numa instância trans-histórica que mediatizava o destino salvífico e messiânico das classes trabalhadoras, pondo-o ao serviço da redenção de toda a Humanidade*”.²²¹ Essa formulação evolucionista de sociedade, comum às várias matizes do movimento operário, adquire novos contornos no movimento comunista, a exemplo das leituras da obra de Marx, atravessadas por compreensões positivistas de história. O Primeiro de Maio era uma espécie de anúncio da boa nova, de comemoração e, ao mesmo tempo, aviso de que a realidade, mais cedo ou mais tarde, mudaria de forma positiva para o trabalhador, “*o Primeiro de Maio era também interpretado pelos operários como o dia da grande revolução social (...) cujo resultado final,*

219 CATROGA, Fernando. Op cit p. 249

220 Jornal O Trabalhador Gráfico, Fortaleza, ano 1, 3º num. 1 de maio de 1930 p.2. GONÇALVES, Adelaide. O Trabalhador Gráfico, Fortaleza: Ed UFC, 2002.

221 CATROGA, Fernando. op. cit. p 235

acreditava-se, seria certamente a vitória.”²²² Em suma, o Primeiro de Maio era ao mesmo tempo, o início das mobilizações, como também, o prenúncio da boa nova, levando a crer na idéia da comunhão social, sem a exploração do homem pelo homem, leituras feitas pelos militantes das diversas tendências da Primeira República.

Os operários não esperavam que o conceito de “evolução” da sociedade, que culminaria certamente na revolução social, se confrontaria, como um entrave, com a emancipação da classe, após o movimento político que levou Getúlio Vargas, em outubro de 1930, a chefia da República, o movimento sindical enfrenta poderoso arregimentador da classe trabalhadora. A partir dessa época, as disputas entre projetos de autonomia sindical dos operários contra as diretrizes estatais, em remodelar o mundo do trabalho, se expressam nos atos de Primeiro de Maio, detendo visão privilegiada dos intensos embates entre os significados do rito, na visão dos operários, em desigualdade ante o poder do Estado, com sua complexa estrutura montada por Vargas, com a finalidade de integrar o mundo do trabalho aos auspícios estatais. As lutas simbólicas duraram por quase toda a década de 1930, até o Estado Novo, a partir de 1937, limitam o raio de ação operária, que se utiliza de outras estratégias nas disputas pela significação do Primeiro de Maio.

222 ARÊAS, Luciana op cit p.22

O PRIMEIRO DE MAIO COMO FESTA OFICIAL

Operários do Brasil: no momento em que se festeja o “Dia do Trabalho”, não desejei que esta comemoração se limitasse a palavras, mas que fosse traduzida em fatos e atos que constituem marcos imperecíveis, assinalando pontos luminosos na marcha e na evolução das leis sociais no Brasil²²³.

Conforme a epígrafe anuncia, as relações entre o movimento dos trabalhadores e o Estado ganharam novos contornos, nos anos do varguismo. Para melhor entendimento da problemática do movimento operário, nesse período, recorreremos às leituras de Ângela de Castro Gomes, Jorge Ferreira, Maria Helena Capelato, Dulce Pandolfi, Lucília Delgado, dentre outros, que em seus estudos abordam a complexa ação de Getúlio Vargas, não apenas em sua face de cooptação e manipulação da classe, avaliando-o também como político que se utilizou de estratégias para arregimentar o movimento dos trabalhadores. Esse processo se efetiva através da “negociação informal” entre o Estado e trabalhador, tendo, como via de mão dupla, os direitos trabalhistas outorgados pelo Estado e participação política de um lado, retribuídos pelo apoio político ao projeto estadonovista, de outro, conforme podemos observar dentro das novas concepções que configurou o Primeiro de Maio ao longo das décadas de 1930 e 1940.

A adesão dos trabalhadores ao modelo corporativista de Getúlio Vargas não significou, necessariamente, anulação da consciência operária, mas saída política que os beneficiasse com alguns direitos, frutos de mobilizações, ao longo dos anos, numa conjuntura em que o melhor a ser feito, dentro das condições existentes, na opinião dos trabalhadores, era aderir ao varguismo, como forma de preservação de conquistas.

223 Discurso de Getúlio Vargas, pronunciado no Palácio da Guanabara, no Dia do Trabalho (1º de Maio de 1938) In. VARGAS, Getúlio. A nova política do Brasil. Vol. 6 Realizações do Estado Novo 1 de agosto de 1938 a 7 de setembro de 1939. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1938 p 203-205.

Após a instabilidade política nacional que culminou na chamada Revolução de 1930, o governo provisório de Getúlio Vargas ensejou a aproximação com o movimento operário, o que já ocorrera anteriormente, com as propostas da Aliança Liberal, pretendendo atingir o eleitorado operário, base política da ação do Partido Comunista.

Vargas buscava o apoio dos trabalhadores ao seu projeto de Estado pela criação de uma série de intervenções estatais:

“Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, chamado de Ministério da Revolução, e o Ministério da Educação e Saúde Pública. À exceção do salário mínimo, que será regulamentado durante o Estado Novo, entre 1931 e 1934 foi promulgada uma série de decretos e leis de proteção ao trabalhador. A jornada de trabalho no comércio e indústria foi fixada em oito horas; o trabalho da mulher e do menor foi regulamentado; adotou-se uma lei de férias; foi instituída a carteira de trabalho e o direito a pensões e aposentadorias.”²²⁴

Em relação aos trabalhadores, o principal organismo era o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio ou Ministério da Revolução, pois, por esse instrumento, a Presidência da República reafirma sua política e, praticamente, concentrando as ações trabalhistas nesse Ministério. Além das intervenções do Estado nas relações de trabalho, Getúlio Vargas buscou atrelar os sindicatos condicionando os benefícios trabalhistas somente aos trabalhadores sindicalizados, portanto, aos que admitissem a tutela estatal.

Mesmo assim, o projeto de arregimentação dos trabalhadores devia ser conquistado também na simbologia, sendo o Primeiro de Maio fundamental para o projeto Varguista, ocorrendo, nas décadas de 1930 e 1940, diversas batalhas no campo simbólico, em torno do Primeiro de Maio, como rito operário ou comemoração cívica sob os auspícios do Estado.

Após os episódios da Revolução Constitucionalista de 1932, do conseqüente processo eleitoral do ano seguinte, Vargas assumiu, em 1934, o governo constitucional. Observa-se que, na época, com o fracasso da política liberal, espelhada pela crise de 1929, como ocorreu em diversos países, a intensa mobilização política, sobretudo a discussão em torno de dois projetos intervencionistas no país, de concepções opostas: o movimento de concepção

224 PANDOLFI, Dulce. Os anos 30 e as incertezas do regime. In *O Brasil Republicano*, vol 2.o Tempo do Nacional-Estatismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p.19.

fascista, expressado pela Ação Integralista Brasileira, e o grupo anti-fascista, organizado em torno da Aliança Nacional Libertadora, com apoio do Partido Comunista do Brasil. No Ceará, as divergências também se estendiam. Em 1935, havia grande efervescência política, com a campanha eleitoral para o Governo do Estado, como observa Simone de Souza:

No Ceará, o ano de 1935 é marcado por intensa mobilização política. O calendário eleitoral marca, para o dia 26 de maio, as eleições para a escolha do Governador Constitucional do Ceará, fato que provocará novamente o confronto político da LEC {Liga eleitoral Católica} e PSD; porém numa conjuntura diferente marcada pela presença dos comunistas, socialistas, liberais e antifascistas, que se agrupam no movimento chamado ANL (Aliança Nacional Libertadora), que, fundada no Rio de Janeiro, expande-se para os Estados.²²⁵

As manifestações de Primeiro de Maio desse ano iniciaram com a aurora e sessões solenes pela manhã, nas sedes dos sindicatos, como no dos Gráficos²²⁶, a fim de dar posse às diretorias, bem como estabelecer uma pauta de reivindicações para o comício à tarde. Às 15 horas, vários grupos operários dirigiram-se à praça Visconde de Pelotas (atualmente Mercado dos Pinhões, entre as ruas Gonçalves Lêdo e Nogueira Acioly), atendendo o apelo da Frente Única Sindical, ligada à ANL. Segundo *O Unitário*²²⁷, o coreto da praça fora decorado com várias bandeiras alusivas à data, bem como com retratos dos Mártires de Chicago.

Às 16 horas, estavam presentes cerca de 3 mil pessoas, uma das maiores manifestações operárias de Primeiro de Maio no Ceará, quando se ouviram os discursos de representantes dos sindicatos, lideranças da Juventude Comunista e do PCB, além do jornalista Amorim Parga, pelo diretório provisório da ANL. Após o comício da Praça Visconde de Pelotas, o grande curso desfilou pela rua Clarindo de Queiroz, Praça do Carmo e Rua Major Facundo, indo ao encontro de outros operários, na Praça do Ferreira, local tradicionalmente de comícios das associações operárias do Primeiro de Maio.

225 SOUZA, Simone. Da “Revolução de 30” ao Estado Novo. In SOUZA, Simone. (org) Uma Nova História do Ceará, Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002.

226 Jornal A Rua, Fortaleza, 03/05/1935, p. 7.

227 Jornal Unitário, Fortaleza, 03/05/1935, p. 7

Horas depois, fez-se o segundo comício do dia. Na Coluna da Hora da Praça do Ferreira, estava exposto painel alegórico à data, pintado por J. Carvalho, oferecido à Frente Única Sindical. Falaram diversos representantes dos sindicatos e políticos do PCB que, em pleno clima eleitoral, manifestaram forte apoio ao Interventor simpático à ANL, tido por muitos como adepto ao socialismo²²⁸, Coronel Felipe Moreira Lima, conforme atesta o jornal *O Povo*, que, com o título “grande manifestação ao coronel Moreira Lima”, narrou o Primeiro de Maio daquele ano. Após o grande comício operário da Praça do Ferreira, a “massa operária” se encaminhou, de maneira espontânea, segundo o jornal, ao Palácio da Luz, residência oficial do Interventor Coronel Moreira Lima, “*um sincero desinteressado amigo das classes trabalhadoras.*” Chegando à Praça General Tibúrcio, o Interventor convidou os trabalhadores a entrarem no salão nobre, e

proferiu brilhante alocução aludindo ao papel saliente, preponderante, do operariado na vida dos povos, chamando-o de “providencia maternal”, na expressão feliz de Augusto Comte tendo a sua eloquente oração interrompida constantemente por aplausos entusiásticos²²⁹

Além dessas palavras, o Coronel Moreira Lima situou-se contra a guerra, o clero, a reação e o fascismo. E mais tarde;

Após o discurso de S. Excia., falaram varios oradores, no meio da maior vibração cívica, frizando a simpatia, a boa vontade com que o sr. Interventor tem atendido às pretensões do operariado cearense, favorecendo-o sempre no que está ao seu alcance.²³⁰

A reportagem do jornal *O Povo* realça e elogia o Interventor, mas não se informa por esta fonte a participação dos operários na homenagem ao Coronel Moreira Lima, já que nenhum sindicato foi citado na reportagem,

228 Aroldo Mota reproduz o pensamento do Interventor Moreira Lima a respeito das suas posições políticas: “Incluo-me, pessoalmente, por um socialismo bem compreendido, que solucione o paradoxo da atual situação mundial, grave, sobretudo, do ponto de vista econômico, pois o que se verifica, entre nós, é uma superprodução tremenda ao lado de uma fome não menos tremenda. Mas adianto logo, não venho fazer governo socialista, quero dizer governo a meu modo, pois já chego no crepúsculo...Se fosse a aurora, ainda, fa-lo-ia” MOTA, Aroldo. *História Política do Ceará 1930-1945*. 2ª ed. Fortaleza: ABC, 2000. p 135.

229 Jornal *O Povo*, Fortaleza, 02/05/1935, p.1.

230 Jornal *Unitário*, Fortaleza, 03/05/1935 p.7

todavia, no cruzamento das fontes, tem-se no jornal *O Unitário* e *O Nordeste*, a estreita ligação entre a ANL, Frente Única Sindical, PCB e o governo de Moreira Lima.

As críticas ao clero, do jornal *O Unitário*, formuladas por Moreira Lima, fizeram o jornal *O Nordeste*, representante dos interesses da Igreja Católica, por conseguinte, da Legião Cearense do Trabalho, reagir e denunciar a interferência dos comunistas nos discursos de Moreira Lima ao se referir à audiência do Interventor aos operários, na sessão de Primeiro de Maio, no Palácio da Luz “*havendo discursos, intercalados de vivas ao comunismo e ao capitão Carlos Prestes*”²³¹. Assim, *O Nordeste* reage ao perder o prestígio político, pois o interventor anterior, Carneiro de Mendonça, era benquisto pelos padres, diferentemente de Felipe Moreira Lima, que se declarava anticlerical.

A Igreja demarcou as disputas entre a LCT e comunistas, inferindo a união entre o interventor e os adeptos do comunismo, com o intuito de desestabilizá-lo. As relações entre Moreira Lima e a Igreja Católica, representada pela LEC, tornaram-se insustentáveis até a saída do Interventor, em 25 de maio de 1935, substituído pelo governador escolhido pela LEC, Menezes Pimentel²³².

De todo modo, após 1935, o Primeiro de Maio como espaço de comemoração oficial, é prática cada vez mais recorrente por parte dos governos locais e do aparelho de Estado voltado ao mundo do trabalho, sobretudo, no Estado Novo, 1937-1945, em que o governo tentou apropriar-se do Primeiro de Maio para torná-lo um dia de comemorações cívicas, baseadas no comprometimento das “classes produtoras”, na perspectiva da harmonia entre as categorias em colaborar com o progresso da nação.

Ângela de Castro Gomes menciona as datas comemorativas importantes para a construção de memória estatal, tendo o Primeiro de Maio lugar de destaque, até mesmo em relação às datas nacionais, como Sete de Setembro:

O poder mobilizador presente nessa longa e praticamente única fala pode ainda ser ilustrado e reforçado por um conjunto de comemorações festivas e de concursos patrocinados pelo MTIC nesse período. No primeiro caso, vale destacar o dia do aniversário

231 Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 02/05/1935 p.3

232 Mota, Aroldo. op. cit. p. 181-184

de Vargas (19 de abril); o dia do aniversário do Estado Novo (10 de novembro); e o dia da Independência do Brasil (7 de setembro). **Com muito mais destaque, porém, estava a comemoração do Dia do Trabalho (1º de maio), quando Vargas, ritualmente, encontrava-se com o povo para anunciar mais uma espetacular medida no campo do direito social: o presente da festa.** No segundo caso, é interessante registrar o Concurso de literatura proletária” (1942) e os concursos para a escolha da “Canção do Trabalhador” e da “Cartilha de alfabetização do operário adulto” (1944). Todos esses exemplos demonstravam o esforço conjunto desenvolvido pelos trabalhadores e pelo presidente, traduzindo a harmonia social alcançada, bem conforme, aliás, à índole cordial do homem brasileiro. Era essa perfeita sintonia — entre a clarividência de Vargas e as qualidades reconhecidas do povo — que o Estado Novo objetivava e considerava estar realizando (grifo meu)²³³.

Em suma, o encontro sistemático de Vargas com os “trabalhadores do Brasil” a cada ano, no dia Primeiro de Maio, constitui momento histórico privilegiado de interpelação do povo trabalhador. Além disso, os discursos de Primeiro de Maio constituem um dos elementos mais representativos da prática discursiva populista.²³⁴

Segundo Luciana Arêas²³⁵, nos anos de 1930, os atos de Primeiro de Maio se incorporaram ao calendário cívico do regime, sendo, portanto, tratados como homenagem oficial aos trabalhadores, ficando, assim, proibidas manifestações sindicais fora da ordem, sob o risco de severas punições aos que se atrevessem a desafiar as novas determinações varguistas.

A tradição, contudo, de associar o Dia do Trabalhador com o calendário cívico nacional não era recente. Conforme atesta Jerzy Borejsza²³⁶, após a Revolução de Outubro de 1917, o governo Russo “com um decreto em 1918, a data de Primeiro de Maio foi proclamada festa nacional”. Após o governo bolchevique transformar o Primeiro de Maio em festa nacional, Adolf Hitler fez o mesmo na Alemanha, criando o Dia Nacional do Trabalho.²³⁷

233 GOMES, Angela de Castro. Ideologia e trabalho no Estado Novo. In *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 66.

234 LIMA, Maria. A construção discursiva do povo brasileiro: os discursos de 1º de maio de Getúlio Vargas, Campinas: Ed. Unicamp, 1990 p.74.

235 ARÊAS, Luciana. Op cit p. 21.

236 BOREJSZA, Jerzy. Primo Maggio all'est. Due storie differenti: URSS e Polônia. In RIOSA, Alceo. Primo Maggio. Le origini di una festa, Firenze, Storia Dossier, Giunti. Original “con un decreto del 1918 la giornata del primo maggio veniva proclamata festività nazionale”

237 HOBBSAWM, Eric. Pessoas extraordinárias, p 170.

Observa-se a continuada disputa de projetos no campo simbólico. Se os trabalhadores utilizaram, em alguma medida, o Primeiro de Maio como resposta ao calendário oficial, agora o Estado tenta se apropriar do simbólico da união e associação de classe para glorificar o trabalho e tentar obter o apoio operário ao projeto do governo, no caso brasileiro, do Estado Novo, no marco da ideologia do corporativismo.

As análises de Thompson ajudam a compreender a intencionalidade do poder, em alcançar a hegemonia no campo simbólico, visto que:

Muito raramente – e, neste caso, apenas por pouco tempo – uma classe dominante exerce, sem mediações, sua autoridade por meio da força militar e econômica direta. As pessoas vêm ao mundo em uma sociedade cujas formas e relações parecem tão fixas e imutáveis quanto o céu que as protege. O “senso comum” de uma época se faz saturado com uma ensurdecadora propaganda do status quo, mas o elemento mais forte dessa propaganda é simplesmente o fato da existência do existente²³⁸.

As ações implementadas pelo Departamento de Imprensa e Propaganda e as medidas assistenciais não garantiam o sucesso de Vargas no poder. Thompson analisa que a classe dominante não consegue executar seu projeto sem mediação com os projetos de outras classes, outrossim, com embates no campo simbólico/ritual, no sentido de apresentar, ao “senso comum,” o Estado Novo como “existente” e, portanto, como realidade fixa e imutável. Não se tenta apenas buscar a hegemonia no campo simbólico, o projeto do varguismo dá-se em campo mais profundo, a idéia é disputar e reconstruir a memória, para se reinventar a tradição do Primeiro de Maio. Deste modo, a memória coletiva torna-se objeto de disputa no conflito de classes, como salienta Le Goff:

a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominavam e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.²³⁹

238 THOMPSON, Edward Palmer. *Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. Campinas, Ed Unicamp, 2001 p. 239

239 LE GOFF, Jacques. “Memória” In *Enciclopédia Einaudi*, vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional

Assim, o varguismo, ao elaborar sua concepção do Primeiro de Maio, tentava apagar da memória operária suas significações classistas e transformá-lo em dia festivo, sem o caráter combativo, mas sim corporativo.²⁴⁰ Acerca da apropriação pelo Estado da simbologia dos trabalhadores, Fernando Catroga observa que:

Em certa medida, o “dia do trabalhador” foi montado para dar uma resposta no campo simbólico, aos calendários cívicos dos grupos dominantes, expressando a convicção de que, para combater o inimigo de classe, a par da luta política e social, também se teria de recorrer à linguagem ritualista, elevando-a a prática sociabilitária coadjuvante da propaganda mais racional dos ideólogos.²⁴¹

De fato, o Estado preocupado com a repercussão cada vez maior do Primeiro de Maio, frente à classe trabalhadora, passou a cogitar também de se apropriar da data transmutando-a em “festa do trabalho”, desmobilizando a tentativa dos sindicatos em reafirmar o Primeiro de Maio como um dia de luta, e transformá-lo em dia do pacto trabalhista, ou mesmo, de feriado, oferecido pelo governo a fim de compensar e homenagear os operários pelos serviços prestados à nação. Para o exame deste período, Bernardo Kocher, ao estudar as comemorações de Primeiro de Maio, no Rio de Janeiro, analisa as modificações de conteúdo do rito operário:

Ressurge publicamente em grande estilo, totalmente modificado no seu conteúdo, no ano de 1939. Plenamente amadurecida a política estatal para a classe operária, o 1º de Maio passa a ser utilizado

da Casa da Moeda, 1984. p. 13

240 Acerca da ideologia corporativista, pode-se afirmar, segundo Maria Celina D’Araújo, como uma forma de desenvolvimento social, sem a adoção do capitalismo, tido pelos teóricos do corporativismo como gerador de conflitos e de desigualdades sociais, cujo Estado, nesse sistema, não conseguiria resolver os problemas sociais. Já o ideário socialista, segundo os intelectuais corporativistas, ao pregar o materialismo, iria de encontro à religião, além do mais, a idéia da ditadura do proletariado, para eles, a igualdade social pela força, só fariam aumentar os conflitos sociais. O corporativismo seria, portanto, a solução, pois eliminaria as hierarquias, além de promotor da igualdade social, investindo mais poder ao Estado, como agente dessa transformação, ao organizar a sociedade sob o espectro da produção e não por intermédio das classes sociais. D’ARAÚJO, Maria Celina. Estado, classe trabalhadora e políticas sociais. in. *Brasil Republicano. Vol. 2: o Tempo do Nacional-Estatismo*. op. cit. p. 217-218.

241 CATROGA, Fernando. Op cit p. 210.

como um símbolo desta. A tônica da colaboração de classes passa a ser a ideologia dominante expressada na data.²⁴²

Ângela de Castro Gomes corrobora tal análise ao afirmar que:

Nesse momento, o Primeiro de Maio se transformou numa festa, onde o presidente e os trabalhadores se encontravam e se comunicavam pessoalmente, fechando simbolicamente um grande conjunto de práticas centradas na elaboração e implementação de uma legislação trabalhista para o país.²⁴³

O discurso da obediência às leis e da colaboração de classes expressa-se pelas palavras dos jornais da grande imprensa. Em Fortaleza, O *Unitário* discorre sobre o novo conteúdo do Primeiro de Maio apresentando-o como uma das datas magnas do calendário político, num esforço de construção do novo sentido pelo apagamento da memória de luta e o caráter reivindicatório do rito operário em suas origens:

No Brasil, principalmente, o 1º de maio é uma das datas mais significativas da vida política tradicional. É um dia de demonstrações de civismo e disciplina, um dia de alegria e estreita confraternização entre patrões e empregados. As hostis solicitações reivindicatórias de outrora cederam lugar às festivas comemorações das importantes melhorias sociais do Estado Novo.²⁴⁴

O jornal testemunha as operações da memória oficial conferindo, ao Primeiro de Maio, o sentido de festa, por oposição ao binômio luta-luto. Agora, o operário deve apenas comemorar, com os patrões, a conquista das melhorias sociais do Estado Novo. Como observam Alcina Cardoso e Sílvia Araújo: “A partir de 1937, a imprensa não se refere aos Mártires de Chicago, nem vê nos conflitos de trabalho evidências da luta de classes.”²⁴⁵

A afirmação de Cardoso & Araújo sobre o ocultamento dos sentidos de luta do Primeiro de Maio pela imprensa, ao não se referir aos Mártires de Chicago não pode ser generalizada, até porque, mesmo com as proibições

242 KOCHER, Bernardo. op. cit. p. 150.

243 GOMES, Ângela. O Primeiro de Maio, disponível em http://www.cpdoc.fgv.br/nav_fatos_imagens/htm/fatos/PrimeiroMaio.asp, acessado em 16 de outubro de 2005.

244 Jornal Unitário, Fortaleza, 02/05/1941 p.8.

245 CARDOSO, Alcina & ARAÚJO, Sílvia. 1º de Maio. Cem anos de solidariedade e luta. Curitiba: Ed. Beija Flor, 1986. p. 60

impostas ao operariado, era possível, mesmo de forma sutil, a tentativa de ligar o significado do Primeiro de Maio aos Mártires de Chicago.

O jornal *O Unitário*, de Primeiro de Maio de 1938, estampou, na capa, convite das associações operárias para solenidade de Primeiro de Maio, no Palacete da Fênix Caixeiral. Note-se, ao lado do convite, a imagem evocada dos Mártires de Chicago, com a frase abaixo da alegoria: “operários Cearenses! No dia de hoje que comemorais a libertação do vosso braço, lembrai-vos dos oito Mártires de Chicago, prestando a memória desses homens a homenagem do vosso reconhecimento”²⁴⁶.



Ilustração 6: Jornal O Unitário, Fortaleza, 01/05/1938 p.1

O jornal *O Povo*, de 2 de maio de 1940, noticiou sessões solenes dos sindicatos, naquele Primeiro de Maio:

os sindicatos dos gráficos, músicos e alfaiates levaram a efeito ontem as 13 horas uma animada sessão comemorativa da data dos proletários, **homenageando por essa ocasião os Mártires de Chicago**. Aberta a solenidade pelo gráfico Lafite Barreto foi concedida a palavra ao orador oficial do sindicato dos gráficos sr. José de Freitas que pronunciou expressivo discurso, falando em seguida os representantes dos alfaiates, dos pedreiros e os srs.

246 Jornal O Unitário, Fortaleza, 01/05/1938 p.1

Raimundo Soares, José de Deus e Luiz Oliveira sendo todos muito aplaudidos²⁴⁷. (grifo meu)

No final da sessão, foi distribuído o jornal *Voz do Gráfico*, órgão oficial do sindicato. Os presentes foram à cerimônia oficial, às 16 horas que terminou uma hora e meia mais tarde. Duas questões podem ser refletidas pela matéria acima: Primeiro; as sessões solenes nos sindicatos, como exemplo, a do Sindicato dos Gráficos, por três horas, tiveram programação mais extensa do que a cerimônia oficial de inauguração do destaque ao busto do Ministro do Trabalho, que durou por volta de hora e meia. De certa forma, a “*animada sessão comemorativa*” no sindicato, por ainda refletir a tradição de comemoração de Primeiro de Maio, indica a deficiência das autoridades governamentais em promover comemorações mais massivas, não conseguindo, até aquele momento, concorrer diretamente com as sessões sindicais, mesmo com limitações impostas pelo regime estadonovista.

Segundo, apesar da vigilância aos comunistas e elementos ditos subversivos, bem como da intensa propaganda que reformulava o sentido político do Primeiro de Maio, foi possível reavivar, por alguns momentos, o caráter de luto do Primeiro de Maio, em sessão solene sindical, como se observa na reportagem do jornal *O Povo*: “*data dos proletários, homenageando por essa ocasião os Mártires de Chicago*”, fato inusitado no Estado Novo, pelo rigor da DRT nas comemorações do “Primeiro de Maio”. Presume-se que, não obstante o controle ideológico, os trabalhadores conseguiam escapar aos estratégias do Estado, apontando o sentido do Primeiro de Maio como “data dos proletários” em homenagem aos Mártires de Chicago, em oposição ao sentido do Primeiro de Maio, preconizado pelo Estado Novo.

3.1 As Comemorações de Primeiro de Maio no Estado Novo.

Com o chamado Plano Cohen, o projeto político de Vargas ganhara fôlego. Concentrando as forças políticas sob seu controle, Getúlio estabeleceu a idéia de Estado corporativo. O processo iniciado precisava do aval dos

247 Jornal O Povo, Fortaleza, 2/05/1940. p.6.

trabalhadores para tal intento, tendo o rito do Primeiro de Maio, estratégia fundamental para fortalecer o projeto político.

No caso cearense, de uma maneira geral, pode-se observar que a incorporação do Primeiro de Maio ao calendário cívico se desenvolve com maior intensidade, no período getulista, mormente com a intervenção do Ministro do Trabalho Valdemar Falcão. Embora Castro Gomes dê maior ênfase à participação do Ministro do Trabalho, Alexandre Marcondes Filho²⁴⁸, destaco, nesta pesquisa, o papel de Valdemar Falcão como arregimentador da classe trabalhadora cearense ao Estado Novo.

O cearense natural de Baturité, Valdemar Cromwell do Rego Falcão, político conhecido do eleitorado, eleito deputado pela Liga Eleitoral Católica, em 1934, foi se afinando à política varguista e, com o golpe do Estado Novo em 1937, fora escolhido para assumir a pasta do Ministério do Trabalho. Valdemar Falcão era o braço político da Igreja no Estado Novo, por isso constantemente citado no jornal católico *O Nordeste*, que dava amplo apoio às ações varguistas, fazendo, de certa forma, o papel que o jornal *A Manhã*, órgão “oficial”²⁴⁹ do Estado Novo, promovia no Rio de Janeiro.

Segundo as fontes impressas, a partir de 1938, é constante a apologia do governo aos trabalhadores. As autoridades estadonovistas utilizam-se corriqueiramente da imprensa para divulgar os ideais do varguismo, em comunicados aos trabalhadores, por ocasião do Primeiro de Maio. O inspetor Regional do Trabalho transcreveu telegrama do “digníssimo Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, dr. Valdemar Falcão ao operariado do Ceará, no jornal *O Povo*:

of. Inspetor Fortaleza [ou onde estiver] GM. 718 de 30 a 4 de 938.
Na data magna do trabalhador, é grato a esse ministério transmitir ao operariado nacional a expressão de sua segura confiança na colaboração inestimável que vem prestando ao progresso e ao engrandecimento da pátria para hora histórica que estamos vivendo, em meio as dificuldades criadas pelas inquietações do mundo contemporâneo, bem está a exigir um máximo esforço e de dedicação da parte de todos quantos, no imenso esforço anônimo das massas trabalhadoras, cimentam a grandeza da nacionalidade.

248 Ângela de Castro Gomes atribui a Marcondes Filho papel fundamental na condução da política trabalhista do Estado Novo pós-1940, por ele acumular a dupla função de Ministro do Trabalho e da Justiça, elevando para o primeiro plano a questão da legislação trabalhista. GOMES, Ângela de Castro. op. cit. p. 185

249 GOMES, Ângela de Castro. op. Cit p. 211

Que seja abençoado pela providencia esse trabalho fecundo do operariado brasileiro e que dele ressurja maior e mais pujante sempre a árvore bendita da riqueza e da prosperidade, que há de fazer do Brasil um dos mais belos florões da civilização humana. Cordialmente, Waldemar Falcão²⁵⁰.

No jornal Gazeta de Notícias, de 04 de maio de 1938, em entrevista, o Ministro do Trabalho enviara mensagem de congratulações aos proletários brasileiros referindo-os como:

fator preponderante do nosso progresso, é também uma das reservas morais do Brasil (...) a sua dedicação às causas publicas e os lineamentos seguros de sua orientação patriótica, o seu firme desejo em colaborar com as outras classes e com o governo em defesa dos supremos interesses do país, tudo isso constitui motivo de confiança que todos depositamos nos trabalhadores brasileiros, que sempre foram e haverão de ser sempre elementos da ordem e tranqüilidade²⁵¹

As idéias de ordem, progresso e colaboração de classe dão a tônica às falas governamentais, cuja ênfase permanece semelhante, bastante utilizada nos discursos da maioria das autoridades públicas articuladoras do Primeiro de Maio, como data do calendário cívico. É razoável supor que grande parte da retórica das autoridades estadonovistas centrava-se na valorização do trabalho, sendo o Primeiro de Maio dia de reconhecimento do Estado ao operário para o engrandecimento do país, pois o trabalho, no ideário da propaganda estadonovista, tinha como finalidade:

promover o homem brasileiro e defender o progresso e a paz do país eram objetivos que se unificavam em uma mesma e grande meta: transformar o homem em cidadão/trabalhador, responsável por sua riqueza individual e também pela riqueza do conjunto da nação²⁵²

Frases qualificativas do Trabalhador proferidas pelo Ministro do Trabalho: *“fator preponderante do nosso progresso”* ou *“colaborar com as outras classes e com o governo em defesa dos supremos interesses do país”*, demonstram a ideologia estadonovista de promover o trabalho e o operário, como pilstras do desenvolvimento econômico nacional. Em troca, propiciam-se condições para que o trabalho seja executado condignamente, além de ser

250 Jornal O Povo, Fortaleza, 02/05/1938 p1

251 Jornal Gazeta de Notícias, Fortaleza, 04 de maio de 1938, p 6.

252 GOMES, Angela de Castro. A construção do homem novo: o trabalhador brasileiro. In: *Estado Novo: ideologia poder*. Rio Janeiro: Zahar Ed., 1982. p 152

o meio de vencer as adversidades. Ângela de Castro Gomes analisa o discurso de valorização do trabalho pelo Estado Novo como sendo, sobretudo;

uma política de valorização do esforço humano, considerado a base e o fundamento de toda a riqueza social. Uma política de valorização do trabalho estaria, portanto, centrada na idéia de que a pobreza era um mal a ser evitado e que a riqueza era um bem comum, isto é, a riqueza devia ter uma função social à qual se subordinariam os interesses particulares dos indivíduos e dos grupos²⁵³

Jorge Ferreira avalia que, “*de acordo com a doutrina estatal varguista, o meio de superar a pobreza, individual e coletiva, era pela valorização do trabalho, permitindo, assim, a melhoria de vida do conjunto da sociedade*”²⁵⁴.

Na mesma reportagem de *Gazeta de Notícias*, é afirmado que o ministro tem a orientação segura do presidente Vargas para evitar a luta de classes, pois Vargas é um “grande amigo dos trabalhadores.”²⁵⁵ Frases assim marcaram os discursos das autoridades estadonovistas, nas comemorações de Primeiro de Maio. As alocuções só podem ser entendidas, se analisadas sob a ótica da política oficial de propaganda do Varguismo, cujas “técnicas de linguagem”, conforme afirma Capelato, utilizam-se de:

slogans, palavras-chave, frases de efeito e repetições ao se dirigir às massas” [...] Esse tipo de linguagem (...) presta-se à eliminação das oposições porque, ao se apresentar como a fala do todo, não admite contestação, e seu poder de convencimento é muito mais eficaz²⁵⁶

As estratégias, inspiradas nas experiências nazi-fascistas,²⁵⁷ ano após ano, ganhavam sofisticação nas mensagens de Primeiro de Maio, que se transformavam em atos governamentais, bem como nos usos de instrumentos de divulgação, a imprensa, cada vez mais complementada pelo rádio, cinema e outros meios. Jorge Ferreira ilustra o papel da criação do “mito Vargas” pelos órgãos de propaganda:

a propaganda elaborada na época sobre o presidente, particularmente após 1937, alcançou inequívoco sucesso. Jornais, panfletos, biografias para alunos e crianças, livros, cinejornais, entre outros veículos, criaram conceitos como “construtor do Brasil Novo”,

253 GOMES, Ângela de Castro. Ideologia e trabalho no Estado Novo. In: *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. p 66

254 FERREIRA, Jorge. Trabalhadores do Brasil: o imaginário popular (1930-1945) Rio de Janeiro: FGV, 1997. p 31

255 Jornal Gazeta de Notícias, Fortaleza, 04 de maio de 1938, p 6.

256 CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: *repensando o Estado Novo*. op. cit. P 171.

257 CAPELATO, Maria Helena. op. cit. p 167

“líder que prevê o futuro” e outros. Sistemáticamente comparado aos grandes vultos da história, dos títulos que recebeu os mais usuais foram os de “guia da juventude brasileira”, “de grande pai”, “reformador”, “pacifista”, “pai dos pobres” e “apóstolo nacional”²⁵⁸

Em discurso de Primeiro de Maio, Vargas dá a tônica das políticas de valorização do trabalhador:

Da fixação dos preceitos de cooperativismo na Constituição de 10 de novembro deverá decorrer, naturalmente, o estímulo vivificador do espírito de colaboração entre todas as categorias de trabalho e de produção. Essa colaboração será efetivada na subordinação ao sentido superior da organização social. Um país não é apenas um conglomerado de indivíduos dentro de um trecho de território mas, principalmente, a unidade da raça, a unidade da língua, a unidade do pensamento nacional²⁵⁹.

Nos ideais do corporativismo, a colaboração de classes devia estar acima de qualquer interesse, ante o desafio da produção nacional, pois a “unidade” das palavras de Vargas estava acima de tudo, servirão como padrão nas das comemorações varguistas de Primeiro de Maio, cujo objetivo, nas palavras do presidente, “o *“Dia do Trabalho”, não desejei que esta comemoração se limitasse a palavras, mas que fosse traduzida em fatos e atos(...)*”²⁶⁰.

Em 1938, as ações governamentais, em cerimônia oficial no Palácio da Catete, foram marcadas pela assinatura dos decretos que estipulavam, dentre outras medidas; isenção de impostos para a construção de casas para os operários²⁶¹, bem como anunciava a futura obrigatoriedade do pagamento do salário mínimo ao operariado brasileiro, isto é, o Primeiro de Maio não devia ser apenas no discurso, mas nas ações práticas, e, para melhoria de vida do operário, segundo Ângela de Castro Gomes; “o presidente assumiu o compromisso de, a partir de então, sempre “presentear” os trabalhadores com uma realização na área política social”²⁶².

258 FERREIRA, Jorge. op. cit. p. 47

259 Discurso de Getúlio Vargas, pronunciado no Palácio da Guanabara, no Dia do Trabalho (1º de Maio 1938). VARGAS, Getúlio. A Nova política do Brasil. Rio de Janeiro: Olympio Mourão, 1948 p 203-205

260 Discurso de Getúlio Vargas, pronunciado no Palácio da Guanabara, no Dia do Trabalho (1º de Maio 1938).

261 Jornal O Nordeste, Fortaleza, 02 de maio de 1938 p.4.

262 GOMES, Ângela de Castro. A Invenção do Trabalhismo op cit p. 216.

Embora o Estado Novo pregasse melhorias sociais, não significava, no entanto, plena obediência e aceitação dos trabalhadores ao governo, existiam críticas ao regime nos jornais, como a do líder operário Vital Félix de Sousa, que reclamou do reduzido número de presentes na sessão solene da Fênix Caixeiral (talvez já impactada pelas solenidades oficiais do varguismo), Vital “criticou a não execução das leis trabalhistas no Ceará²⁶³”. Veladamente, percebe-se a insatisfação de Vital Félix contra a fiscalização trabalhista e a permanência da situação precária dos trabalhadores no Ceará, pelo fato de as leis estadonovistas não vigorarem, como os trabalhadores esperavam.

No ano seguinte, as sessões solenes da Fênix Caixeiral ou na sede do Centro Artístico Cearense, ganharam importante concorrente, pois, a partir de 1939, intensificaram-se as festas organizadas pelo poder público. O pacto entre patrões e trabalhadores, na visão do Estado Novo, se expressava nas homenagens ao Ministro do Trabalho, em Fortaleza, em 1939, cujo desfile operário organizado ganhara novo trajeto: iniciava pela rua João Moreira, passando pelas ruas Senador Pompeu, Guilherme Rocha, Floriano Peixoto até a Praça Valdemar Falcão.

A efeméride de Primeiro de Maio iniciou com a inauguração da pedra fundamental da Vila Operária, em frente à Capela de São Gerardo, a dois quarteirões da linha de bonde,²⁶⁴ a ser construída pelo Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários - IAPI. O desfile chegara ao fim com a inauguração do busto do então ministro Valdemar Falcão, no jardim da Praça Capistrano de Abreu, em frente ao Palácio do Comércio.

Nacionalmente, Getúlio Vargas distribuiu benesses aos trabalhadores, como a criação de refeitórios populares, da Justiça do Trabalho e de escolas de ofícios das indústrias. Durante a cerimônia, Vargas discursou:

Trabalhadores! Como vêdes, no Regime vigente, participais diretamente das atividades organizadoras do Estado, em contraste flagrante com a situação anterior a 1930, quando os vossos interesses e reclamos não eram sequer ouvidos e morriam abafados nos recintos estreitos das delegacias de polícia. Hoje tendes, no maior e mais belo edifício público do país, a vossa própria casa e nela penetrais sem constrangimento²⁶⁵.

263 Jornal Gazeta de Notícias, Fortaleza, 04/05/1938 p.6

264 Jornal O Nordeste, Fortaleza, 28/04/1939 p.1

265 Jornal O Nordeste, Fortaleza, 06/05/1939 p.6

E mais adiante:

Comparai, olhai esse passado bem próximo, e regozijai-vos de desempenhar, conscientes das vossas responsabilidades, o relevante papel da força construtora da nacionalidade, dentro do espírito de ordem, que é a garantia do vosso futuro e do engrandecimento do Brasil²⁶⁶.

Getúlio Vargas não se refere apenas ao voluntarismo personalista, pelo contrário, o discurso vai no sentido de trazer o trabalhador ao regime, incluí-lo nas decisões governamentais, situá-lo como preocupação fundamental do Estado Novo, aludindo ao período anterior quando a questão operária era caso de polícia, parafraseando o presidente Washington Luís.

De fato, quando Vargas ressalta que a Justiça do Trabalho é a própria casa do operário e que ele deve utilizá-la sem constrangimento, deseja capturar os anseios históricos da classe trabalhadora, conformando sua participação política aos limites estabelecidos pelo Estado. Vargas vai mais além, ao pedir, no discurso: “*Comparai, olhai esse passado bem próximo*”, que o operário compare seu governo com o passado. É nítida a intenção de Vargas em apagar a trajetória de conquistas operárias realizadas na República, e resumir os ganhos trabalhistas, por isso:

Vargas opõe sempre 1930 a “antes de 1930”, dizendo que antes, desta última data a repressão policial estava presente no dia 1º de Maio, e que a partir de 1930, o 1º de Maio se tornou uma data “comemorativa para os homens de trabalho, uma data festiva e de comemoração” - é o que chamamos de “desvio” e “apropriação” do dia 1º de Maio²⁶⁷.

Em 1940, identificam-se cada vez mais, em Primeiro de Maio, vultos da revolução de 1930, apropriando-se da data para defini-la como comemoração aos revolucionários de 1930, conforme notícia *O Unitário*, com a programação de Primeiro de Maio:

missa na Igreja do Rosário as 7h30, as 9 horas, exibição cinematográfica no “Majestic”, quando será distribuído brindes às criancinhas. Às 15 horas, a grande concentração e desfile (...) na praça José de Alencar, desfilando pelas ruas da cidade. Tomarão parte também do desfile os batalhões infantis “Gois Monteiro” e “General Sampaio”(...) às 19 horas, Ceará x Fortaleza, Bancários x

²⁶⁶ Discurso de Getúlio Vargas no Dia do Trabalho (1º de Maio 1939). In AMARAL, Roberto & BONAVIDES, Paulo. op. cit. p 403

²⁶⁷ LIMA, Maria Emília. A construção discursiva do povo brasileiro. Os discursos de 1º de maio de Getúlio Vargas, p. 79

Estrela do Mar, disputarão no campo do Prado duas ricas taças denominadas “Menezes Pimentel” e “Valdemar Falcão”.²⁶⁸

Na solenidade de inauguração, houve farta distribuição de bombons e roupas para os filhos dos operários e aos gazeteiros. À noite, um baile foi oferecido à família do operariado cearense.²⁶⁹ Os operários, na inauguração do destaque em bronze do busto do Ministro do Trabalho, ouviram os discursos dos “srs. dr. *Domingues Uchôa, que descerrou a bandeira nacional que velava o bronze alegórico apostado na herma do ministro; Lafite Brasil, pelos gráficos; Antenor Lima, pelos comerciários; José Miranda, pelos pedreiros, e Vital Felix de Sousa, pelos marítimos*”.²⁷⁰

O fato de Lafite Brasil, conhecido militante comunista dirigente do Sindicato dos Gráficos, falar em nome de sua agremiação na solenidade oficial do varguismo, não o coloca, necessariamente, na posição de “pelego” cooptado pelo Estado Novo, mas pode indicar a estratégia de aproximação das bases, aproveitando as “brechas” abertas no Estado Novo, pois a ação clandestina era duramente perseguida pelos órgãos de repressão do varguismo²⁷¹.

O momento mais importante da celebração foi o discurso do presidente Vargas, proferido na Capital Federal, retransmitido via radiodifusão ao Ceará, saudando o trabalho, ato patriótico do discurso varguista:

Trabalhadores do Brasil: (...) Todo trabalhador, qualquer que seja a sua profissão é, a este respeito, um patriota que conjuga o seu esforço individual à ação coletiva, em prol da independência econômica da nacionalidade. O nosso progresso não pode ser obra exclusiva do Governo, sim de toda a Nação, de todas as classes, de todos os homens e mulheres, que se enobrecem pelo trabalho, valorizando a terra em que nasceram²⁷².

268 Jornal O Unitário, Fortaleza, 30/04/1940 p.4.

269 Jornal Unitário, Fortaleza, 02/05/1940 p.1.

270 Jornal O Povo, Fortaleza, 02/05/1940 p.6.

271 Devido tanto às perseguições, quanto ao desejo do operariado em gozar dos benefícios sociais, garantidos somente às entidades sindicais vinculadas ao Ministério do Trabalho, os comunistas e trotsquistas, ao reduzirem cada vez mais os espaços de manobra resolveram adentrar ao modelo de sindicalismo oficial do Estado Novo (GOMES, Ângela de Castro. 2005 op. cit. p 168), sem que isso seja, contudo, uma capitulação, na opinião deles, deveria ser iniciada uma luta por dentro da instituição e esta era uma oportunidade legal, sem correr o risco com prisões e torturas, comuns no Estado Novo, “*vale lembrar que as alternativas de oposição frontal ao regime eram muito restritas e, inclusive, perigosas*” (FERREIRA, Jorge. op. cit p 54)

272 Discurso de Getúlio Vargas no Dia do Trabalho pronunciado no Estádio do Vasco da Gama, no Rio de Janeiro (1º de Maio 1940) in. AMARAL, Roberto & BONAVIDES, Paulo. op. cit. p 406.

As palavras de Vargas deixam claro o desejo da produção industrial, tornando o “dia do Trabalho”, ato de comunhão de classes rumo ao progresso da nação. O Presidente, aproveitando a multidão que o ouvia, voltou a comparar seu governo com os antecessores:

Falando em momento como este, diante de uma multidão que vibra de Exaltação patriótica, não posso deixar de pensar como os nossos governantes permaneceram, durante tanto tempo, indiferentes à cooperação construtiva das classes trabalhadoras. Relegados a existência vegetativa, privados de direitos e afastados dos benefícios da civilização, da cultura e do conforto, os trabalhadores brasileiros nunca obtiveram, sob os governos eleitorais, a menor proteção, o mais elementar amparo, para arrancar-lhes os votos, os políticos profissionais tinham de mantê-los desorganizados e sujeitos à vassalagem dos cabos eleitorais²⁷³.

São praxe as comparações feitas das celebrações de Primeiro de Maio, como forma de ressignificação do rito e ao mesmo tempo, construção da tradição do “Dia do Trabalho”, ao comentar a nova caracterização do Primeiro de Maio, sob sua gestão:

Naquela época, ao aproximar-se o Primeiro de Maio, o ambiente era bem diverso. Generalizavam-se as apreensões e abria-se um período de buscas policiais nos núcleos associativos, pondo-se em custódia os suspeitos, dando a todos uma sensação de insegurança e exibindo um luxo de força nas ruas e locais de reunião, que, não raro, redundavam em choques e conflitos sangrentos. Atualmente, a data comemorativa dos homens de trabalho é festiva e de confraternização²⁷⁴.

O trecho do discurso de Vargas, baseado na confraternização de classes, sem perseguições, é ato de persuasão, pois sabe-se que a época foi marcada por repressões de toda espécie, pelas ações do DOPS, massacrando as lideranças combativas e proibindo suas manifestações. Exemplifico a questão ao comentar a celebração do Primeiro de Maio operário, que não podia veicular discursos contra a ordem político-social estabelecida. No Rio de Janeiro, na manhã de Primeiro de Maio de 1940, um homem teimou em desafiar o regime:

subindo em um banco, disparou quatro tiros de revolver consecutivamente para o chão, dando a entender que ia fazer um discurso.

273 Discurso de Getúlio Vargas no Dia do Trabalho pronunciado no Estádio do Vasco da Gama, no Rio de Janeiro (1º de Maio 1940)

274 Discurso de Getúlio Vargas no Dia do Trabalho pronunciado no Estádio do Vasco da Gama, no Rio de Janeiro (1º de Maio 1940)

Junto do desconhecido aglomerou-se muita gente. Em dado momento, o indivíduo em questão tirou do bolso 2 tiras de papel para iniciar o discurso. Mal havia pronunciado as primeiras palavras, foi preso e conduzindo a polícia central, onde ficou detido. Parece tratar-se de um louco²⁷⁵.

O “louco”, presume-se tratar-se de homem que não se enquadrara no novo modo de celebrar o Primeiro de Maio, na era Vargas, talvez seu discurso fosse no sentido de enaltecer alguma desobediência, foi logo preso. Fosse uma alocução elogiosa ao presidente, o tratamento certamente teria sido diferente.

O Primeiro de Maio, aos poucos, vai se tornando dia de lazer para o trabalhador e, por isso, devia ser disciplinado, pois

O lazer popular e o tempo livre dos trabalhadores transformou-se, no Estado Novo, numa questão de segurança nacional. Eles deveriam ser constantemente vigiados, esquadrinhados, milimetrados e reconduzidos aos parâmetros oficiais do disciplinamento, da hierarquização, da solidariedade, da cooperação, da intrepidez, do aperfeiçoamento físico, da subordinação moral e do culto da pátria²⁷⁶

É preocupação do Estado Novo, no cortejo de Primeiro de Maio de 1940, o disciplinamento das crianças, com o objetivo de torná-las, cidadãos-soldados²⁷⁷, ou seja, transformar as crianças em futuros operários, dentro da coesão social, amplamente divulgada pelo ideário varguista. A descrição das cerimônias refere-se à proposta do Estado Novo, isto é, o Primeiro de Maio como propaganda do governo, dia de festa, destinado ao lazer, prática adotada pelos governos sucessores de Vargas, com variações em outras conjunturas. Lúcia Oliveira traça comentário a respeito da idéia de modernidade propagada pela intelectualidade brasileira no Estado Novo, que consistia em adotar símbolos nacionais, busca pelo *verdadeiro brasileiro*, aliados a um pensamento urbano, isto é, acabar com a imagem de um país essencialmente rural e caboclo, à imagem de Jeca Tatu. Para eles, era necessária a atuação do Estado Novo no sentido de educar a população²⁷⁸.

275 Jornal O Povo, Fortaleza, 02/05/1940 p.1.

276 DUARTE, Adriano. *Cidadania e exclusão 1937 -1945*, Florianópolis, EDUFSC, 1999 p 294.

277 DUARTE, Adriano op.cit. p 268.

278 OLIVEIRA, Lúcia. Sinais de modernidade na Era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In: Brasil Republicano. Vol 2: tempo de nacional-estatismo. op. cit. P 328- 329

Além disso, o cinema foi utilizado como mecanismo de propaganda do regime. Carlos Roberto de Souza cita manifestação de Getúlio Vargas a respeito do cinema:

(...) entre os mais úteis fatores de instrução, de que dispõe o Estado moderno, inscreve-se o cinema. Elemento de cultura influenciando diretamente sobre o raciocínio e a imaginação, ele apura as qualidades da observação, aumenta os cabedais científicos e divulga o conhecimento das coisas (...) O cinema será, assim, o livro de imagens luminosas em que as nossas populações praieiras e rurais aprenderão a amar o Brasil, crescendo a confiança nos destinos da Pátria. Para a massa de analfabetos, será a disciplina pedagógica mais perfeita, mais fácil e impressiva. Para os letrados, para os responsáveis pela nossa administração, será admirável escola de aprendizagem²⁷⁹

O governo Vargas atentou para a função do cinema como doutrinação e culto à Pátria, utilizado nas comemorações de Primeiro de Maio, junto com o rádio e os esportes, culminado no "esforço de politização, de eliminação de vozes discordantes e de penetração em todos os setores realizou-se sobretudo através da imprensa periódica e, em menor medida, através do rádio"²⁸⁰

Ao irradiar os comícios de 1º de maio, as paradas do Dia da Raça ou de 7 de Setembro, A hora do Brasil, o rádio realizava um trabalho fundamental de propaganda do governo e de construção da identidade nacional na medida em que podia reunir simbolicamente todos os brasileiros, que juntos passariam a imagem de uma comunidade harmoniosa em que todos participam²⁸¹.

O Primeiro de Maio despontava como dia de integração da população, sob o comando de Vargas, rumo ao desenvolvimento da nação, não podia deter outro sentido, senão o de comemoração ao novo período, que se projetava repleto de conquistas e prosperidade, conforme informou o seguinte comunicado do DIP:

279 SOUZA, Carlos Roberto. *Cinema em tempos de Capanema* p. 160-161. Apud OLIVEIRA, Lúcia. op. cit. P 337

280 CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e controle dos meios de comunicação . In: *Repensando o Estado Novo*. op. cit.

281 OLIVEIRA, Lúcia. op. cit. p 341

o que o proletariado brasileiro vae comemorar hoje em solidariedade e colaboração com o governo brasileiro não é a data de classe que o brasileiro tenha assinalado vivamente no passado. Não! A sua festa hoje tem outro sentido, um sentido de harmonia, de problemas resolvidos, de compreensão mútua²⁸²

A construção da memória nacional fica explícita no mesmo comunicado que, ao comemorar dez anos do varguismo, conclui que o Primeiro de Maio:

deixou, portanto, de ser uma data exclusivamente proletária para ser uma comemoração de caráter nacional onde o proletariado, antes que o governo, se sente feliz em demonstrar que não há mais, no Brasil, nenhum clima para a luta de classes. A integração de todas as classes no sentido social e político do Estado é o que se assinala hoje a grande comemoração do Primeiro de Maio²⁸³.

A partir desses pronunciamentos, o Estado Novo buscou reter a memória do Primeiro de Maio como dia de luta por melhorias sociais, afastando a idéia de luto e o caráter combativo das mobilizações. Contudo o Primeiro de Maio, segundo o discurso varguista, como dia de busca por melhorias sociais, devia ser relegado ao passado, pois o Estado, na pessoa de Vargas, promoveu benesses, sendo, assim, dispensadas quaisquer manifestações fora da concórdia de classes, porque não há “nenhum clima para a luta de classes”. Portanto o Primeiro de Maio é o dia de comemoração de caráter nacional, na idéia de cultura cívica, típica de governos autoritários, como o de Getúlio Vargas.

No Primeiro de Maio de 1941, o décimo comemorado sob os auspícios de Getúlio Vargas, a Justiça do Trabalho foi inaugurada, em Fortaleza, no edifício, número 498, Rua Guilherme Rocha, junto à Praça José de Alencar, impulsionando a política do Estado Novo em inclusão do operário ao Estado, pois, para os trabalhadores, como afirma Jorge Ferreira, “a representação da justiça estava particularmente relacionada com a oportunidade de serem ouvidos no aparelho estatal²⁸⁴”, sendo significativa a utilização do Primeiro de

282 Comunicado do DIP divulgado no jornal Correio da Manhã, 1 de maio de 1940. In: KOCHER, Bernardo. Op cit p. 197

283 Comunicado do DIP divulgado no jornal Correio da Manhã, 1º de maio de 1940. In: KOCHER, Bernardo. Op cit p. 197

284 FERREIRA, Jorge. op. cit p. 50. Neste caso, Jorge Ferreira afirma ainda que é a idéia de justiça social, ou seja, melhoria das condições materiais de existência.

Maio para inaugurar o espaço em que os trabalhadores ganhariam um ouvidor, como foi concebida a Justiça do Trabalho, resultado final da política trabalhista.

Em 1942, mais uma estratégia foi utilizada, além das tradicionais inaugurações e aposições de retratos do presidente Vargas, o “Dia do Trabalho”, comumente chamado na época, ganhou estratégica cerimônia elaborada pela Delegacia Regional do Trabalho, que se reuniu, na última semana de abril, para preparar, com representantes dos sindicatos²⁸⁵, os desfiles de maio. A DRT, a cada ano, ganhara a incumbência de planejar e executar as comemorações trabalhistas. As festas daquele ano iniciaram com “hasteamento do pavilhão nacional em todos os sindicatos e na sede da DRT, às 8 horas da manhã,”seguidos os “sarãos dansantes na sédes do Centro dos Retalhistas, Centro Artístico Cearense e na Fenix Caixeiral. Nesta última, houve uma sessão solene do grêmio dos estudantes fenixtas, na qual falaram vários oradores. As danças começaram depois do meio dia”²⁸⁶.

As “danças” aconteceram na sede do Centro das Retalhistas, sob o ritmo da banda do sindicato dos músicos. Foram sorteados vários brindes, “entre eles, três oferecidos pelo Dr Raul Domingos Uchoa,”²⁸⁷ então Delegado Regional do Trabalho. O percurso do préstito agora ficava mais definido, seguindo o itinerário oficial: Partindo da Praça dos Mártires, passando pela Praça da Bandeira e indo, por fim à Praça dos Voluntários onde se fizeram ouvir os srs Vital Felix de Sousa, Minervino Fiusa Lima e Antenor do Vale Lima. As tradicionais inaugurações não podiam faltar. Houve a

Instalação da cooperativa do consumo dos auxiliares no comércio de Fortaleza, sob a presidência do sr. Antenor do Vale Lima. Posse da nova diretoria do sindicato dos empregados nos bancos de Fortaleza, falando, entre outros, o sr. F.T Peixoto de Alencar, diretor do conselho administrativo do Instituto dos bancários²⁸⁸.

Em clima de guerra mundial, o Primeiro de Maio fora escolhido como ocasião fundamental de informação da conjuntura internacional do momento,

285 Jornal O Nordeste, Fortaleza, 29/04/1942 p8

286 Jornal O Povo, Fortaleza, 02/05/1942 p.4.

287 Jornal O Povo, Fortaleza, 30/04/1942 p1.

288 Jornal O Povo, Fortaleza, 02/05/1942 p4.

como admite Getúlio Vargas, em discurso lido pelo Ministro do Trabalho, Marcondes Filho:

Trabalhadores do Brasil.

Este Primeiro de Maio, no qual celebramos, mais uma vez, em perfeita comunhão, os esforços realizados pelo engrandecimento da pátria, tem para nós significado especial, cheio de grandiosidade e de esperanças. Escolhi, precisamente, o Dia do Trabalho – Dia do Operário para fixar a nossa exata posição em face dos acontecimentos mundiais e indicar o rumo a seguir no interesse da defesa e do progresso nacionais²⁸⁹.

Interessante a nova significação do “Dia do Trabalho” em 1942. Ao invés de ser apenas em valorização do trabalho como um todo, acima das classes sociais, princípio do corporativismo, a celebração tem público-alvo definido: o operariado brasileiro, sob duas formas. Primeiro, ao se admitir que o Primeiro de Maio é mais do que o Dia do Trabalho, é o “Dia do Operário”, em alusão aos trabalhadores, demonstrando a atenção do Estado com a classe produtora da riqueza. O pronunciamento oficial, ao informar a posição do Brasil ante a conjuntura, tem a intenção de estimular a produção nacional, em virtude do esforço de guerra. É possível que este tenha sido o sentido do discurso de valorização do operário, introduzindo o apelo de Vargas pela “batalha da produção”. No ardil do patriotismo, Vargas volta a comparar o Primeiro de Maio estadonovista com o de outrora:

antes do atual regime, a aproximação do Primeiro de Maio era motivo de apreensões e sobressaltos. Reforçavam as patrulhas de polícia, recolhiam-se as tropas aos quartéis, na expectativa de desordens. Temia-se as tropas aos quartéis, na expectativa de desordens. Temia-se aproveitassem os trabalhadores o dia que lhes é consagrado para reivindicar direitos. O Estado Nacional atendeu-lhes as justas aspirações. A data passou, então, a ser comemorada com o júbilo e a fraternidade que emprestam esplendor a esta festa, na qual os soldados das forças armadas, cuja sagrada missão é manter a ordem e defender a integridade do solo pátrio, reúnem-se aos operários, soldados das forças construtivas do nosso progresso e grandeza²⁹⁰.

289 Discurso de Getúlio Vargas no Dia do Trabalho lido pelo Ministro do Trabalho, Marcondes Filho, no Estádio do Vasco da Gama, no Rio de Janeiro (1º de Maio 1942). in. AMARAL, Roberto & BONAVIDES, Paulo. op. cit. P 440

290 Discurso de Getúlio Vargas no Dia do Trabalho lido pelo Ministro do Trabalho, Marcondes Filho, no Estádio do Vasco da Gama, no Rio de Janeiro (1º de Maio 1942) in. AMARAL, Roberto & BONAVIDES, Paulo. op. cit. p. 443.

Em Fortaleza, a data fora escolhida para a inauguração da Escola Preparatória²⁹¹, com o objetivo de preparar os cadetes cearenses, ensaiando a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. note-se a importância do Primeiro de Maio para a propaganda estadonovista, já que existem datas simbolicamente pertinentes ao patriotismo, como 22 de abril ou 7 de Setembro. A Escolha do Primeiro de Maio demonstra a força desta como vitrine da propaganda varguista. Segundo o interventor Menezes Pimentel, o motivo da escolha do Ceará como sede da Escola foi a “tradição militar da cidade, “tantos anos o forno onde se retemperou o aço da nacionalidade”. A fala do coronel Mário Travassos complementa o raciocínio de Menezes Pimentel: “a Terra da Luz foi sempre celeiro de oficiais, à altura da missão dignificante do Exército, para a defesa das instituições”. De fato, o Ceará foi terra de apoiadores importantes do varguismo, como Juarez Távora, além de ter o território estrategicamente posicionado no confronto mundial, não à toa, ganhou bases militares no período da Segunda Guerra mundial. As atividades festivas do Primeiro de Maio se encerram com a tradicional:

Sessão solene no Teatro José de Alencar, as 20 horas, com a presença das autoridades locais e grande massa proletária. Falaram, entre outros, os senhores Minervino Fiusa Lima, Antenor Vale de Lima, dr. João da Rocha Moreira, procurador da justiça do trabalho, o escoteiro Lenio Fiusa Lima e Heliete Siqueira, pelo curso de enfermeiras de emergência.²⁹²

Interessante é a tentativa de tutela da reunião das categorias profissionais, a comunhão entre os trabalhadores e o Estado era a tônica do Estado Novo, que, ao organizar, por exemplo, o hasteamento da bandeira, no mesmo horário, na sede da DRT e em todos os sindicatos, denota a mecânica do governo no processo de disciplinarização do horário estabelecido, todos executando a mesma tarefa patriótica de erguer o símbolo nacional em homenagem ao trabalho. Ao se observar a trajetória do cortejo nesse ano, ao passar pelas Praças dos Mártires, da Bandeira e dos Voluntários da Pátria, torna-se o préstito dos trabalhadores, no fervor da participação brasileira na

291 Jornal O Nordeste, Fortaleza, 02/05/1942 p1

292 Jornal O Nordeste, Fortaleza, 02/05/1942 p1

Segunda Grande Guerra, ato patriótico, servindo inclusive de apoio popular ao Brasil na Guerra.

A retórica da colaboração entre as classes pode ser percebida nas diversas atividades realizadas pela DRT, em 1942, com “saraus dançantes”, na sede do Centro das Retalhistas, animados pela banda do Sindicato dos Músicos, demonstram o sentido de colaboração entre as categorias e o conagraçamento, na perspectiva de inversão ideológica. Por fim, a utilização de espaço maior, como o Teatro José de Alencar, para o encerramento da cerimônia, com os discursos de representantes da “grande massa proletária”, como foi o caso de Antenor Vale de Lima, presidente do Sindicato dos Empregados no Comércio; representantes do governo, o Procurador Regional da Justiça do Trabalho, João da Rocha Moreira; de um professor, senhor Minervino Fiúsa Filho, diretor do “Colégio Antônio Vieira”; de um estudante, o escoteiro Lênio Fiúsa Lima; e de uma mulher, Heliete Siqueira representando as enfermeiras.

Na cena, a simbologia do Estado Novo é vista como solenidade tripartite, ou seja, onde governo, sociedade e trabalhadores, e os sujeitos, homens, mulheres e crianças em harmonia e em espaços delimitados, participando da cerimônia sob a batuta dos órgãos de governo, voltados ao disciplinamento e controle dos trabalhadores.

Os anos de 1943 e 1944 não apresentaram alterações em relação à programação. As cerimônias iniciaram com a tradicional alvorada, sempre defronte ao busto do presidente Vargas, sessões solenes nas diversas sedes dos sindicatos, saraus dançantes nas sedes sindicais, aposição de retratos de Vargas, pronunciamentos dos líderes operários e de representantes governamentais, encerramentos no Teatro José de Alencar, além das consagradas inaugurações de obras públicas, como da Avenida Olavo Bilac, em 1943, do anúncio da criação da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT no mesmo ano, e da inauguração da pedra fundamental da sede do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil²⁹³.

Verificou-se pelo discurso de Vargas, pelo rádio, ao operariado, a necessidade da exploração da força de trabalho, devido a Guerra ainda estar

293 Jornal O Povo, Fortaleza, 30/04/1943 p.4.

longe do fim. Vargas se utilizou do slogan “Batalha da Produção”, tratando o operário como soldado, conforme noticiou *O Nordeste*: “produzir mais, produzir melhor nas fábricas, nos campos, é a palavra de ordem – disse s. Excia²⁹⁴”.

No ano seguinte, Vargas discute, de São Paulo, como forma de aproximação das camadas trabalhadoras, a fim de que estas produzam mais para o esforço de guerra:

pela primeira vez, neste 1º de maio, altero a praxe de falar-vos da capital da República. Vim a São Paulo e daqui vos dirijo a palavra, atendendo ao apelo de quase meio milhão de obreiros da riqueza e do progresso do país, representados por duzentos e setenta sindicatos e seis federações.

(...) para alcançarmos resultados satisfatórios, nestes dias difíceis e conturbados em que os obstáculos se multiplicam, a vossa colaboração foi decisiva e o governo reconhece tão patriótico devotamento.

(...) a vossa conduta tem sido exemplar. Nem greves, nem perturbações, nem desajustamentos. Haveis compreendido, com a mesma inteireza de ânimo posta no desempenho das tarefas cotidianas, as graves circunstâncias que atravessamos. Estais votando ao bem da pátria, junto às vossas máquinas, nas vossas oficinas, como estarão amanhã os nossos jovens e bravos soldados nos campos de batalha²⁹⁵.

Em 1945, as comemorações fogem ao padrão, pois, nesse ano, o Grêmio dos Estudantes Fenixtas, órgão dos alunos da escola de comércio da Fênix Caixeiral²⁹⁶, comemorara, ao empossar a nova diretoria, o décimo nono aniversário de fundação, em sessão solene na sede do grêmio. Há registro de reunião operária fora dos auspícios da DRT, na sede do Sindicato dos Gráficos, com a presença de diversos líderes sindicais. O tradicional comício no jardim Getúlio Vargas, na Praça dos Voluntários, cedeu lugar ao movimentado ato na Praça do Ferreira, que ocorrera às 16 horas, comício promovido pelo “núcleo regional da liga da defesa nacional, sociedade dos amigos da América e outras entidades anti-fascistas, sendo por esta ocasião feitas vibrantes exortações ao trabalho.”²⁹⁷

294 Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 03/05/1943 p.1.

295 Discurso de Getúlio Vargas no Dia do Trabalho (1º de maio de 1944). in. AMARAL, Roberto & BONAVIDES, Paulo. op. cit. p. 472.

296 Jornal *O Povo*, Fortaleza, 30/04/1945 p.3.

297 Jornal *O Povo*, Fortaleza, 02/05/1945 p.6.

Observa-se a não interferência da DRT na organização do comício, em virtude de os grupos políticos começarem a reivindicar maiores espaços, na organização social do país, evidenciando a fase crítica do Estado Novo. A cerimônia oficial, encabeçada pela Delegacia Regional do Trabalho, foi realizada no teatro José de Alencar, na noite do Primeiro de Maio de 1945, sem inovações em relação aos anos anteriores.

3.2. A memória do Primeiro de Maio nos Monumentos.

Tenta-se compreender, de maneira geral, a função de dois monumentos da cidade de Fortaleza, um em homenagem ao Ministro do Trabalho Valdemar Falcão e outro em louvor ao Presidente Vargas, inaugurados em Primeiro de Maio de 1939 e 1941, respectivamente. Os monumentos tinham como objetivo converterem-se em novos *lugares de memória* operária, com o intuito de direcionar os desfiles do Primeiro de Maio das praças do Ferreira e José de Alencar e se aglutinarem nas Praças dos Voluntários (com a aposição do monumento ficou conhecida como Praça Getúlio Vargas) e Praça Capistrano de Abreu (a partir do que foi chamada de Praça Valdemar Falcão), nota-se que os locais foram nomeados pelos monumentos ali existentes, tentando reconstruir a memória do local a partir de objeto externo ao lugar, imposto pela vontade de um grupo à coletividade.

Em 1939, o fato de um cearense ter elevado prestígio, por ser Ministro do Trabalho, foi o mote para homenagear Valdemar Falcão, em Primeiro de Maio. O busto do Ministro foi construído pelo escultor Humberto Cuzzo, segundo um dos oradores, o médico César Cals de Oliveira “com precisão e justeza de conceitos a personalidade do ministro Valdemar Falcão, dizendo do reconhecimento do povo cearense de que aquele monumento era atestado.”²⁹⁸ O jornal “O Unitário” reforça a idéia de que a homenagem não era estatal, mas do povo de Fortaleza em reconhecimento às ações do Ministro: “esse monumento foi erigido, como se sabe, mediante uma significativa subscrição pública”. O mesmo jornal diz que a subscrição:

298 Jornal O Nordeste, Fortaleza, 02/05/1939 p.1

Se elevou ao dobro do quanto necessário tendo o excedente, e na conformidade de louvável sugestão do homenageado, aplicado na aquisição de livros e material escolar para os jovens rebentos da família trabalhadora de nossa terra²⁹⁹

O jornalista Gilberto Câmara, delegado do IAPI encabeçou o movimento pela construção do busto do ministro³⁰⁰, talvez como retribuição ao cargo dado por ele. Waldemar Falcão, ao saber que a quantia para a confecção de seu busto somava o dobro do necessário, sugeriu que o restante fosse doado para aquisição de material escolar, enaltecendo, assim, a política do Estado Novo de promover a educação do proletariado brasileiro.

A cerimônia de inauguração do busto foi prestigiada pelo representante do Ministro do Trabalho, Marcial Pequeno; por diversas autoridades, como o Interventor Menezes Pimentel; representante do Comitê Central César Cals; presidente da Associação de Comércio e Indústria, Antônio Fiúza Pequeno, e dezenas de operários que entoaram o Hino a Valdemar Falcão, de autoria do maestro Edgar Nunes, tocado pela Banda de Música da Polícia Militar. Após vários discursos, entre os quais, o do próprio Valdemar Falcão, promovido pelo Departamento Nacional de Propaganda (DNP), futuro Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), a cerimônia inaugural do busto se encerrou com o Hino Nacional. No ano seguinte, foi inaugurado destaque ao busto do Ministro, no Jardim “Dr. Valdemar Falcão”, conforme noticiou *O Unitário*: o desfile das “classes conservadoras” culminaria na inauguração de um “artístico bronze representando o trabalhador³⁰¹”, conforme vê-se na fotografia atual do busto.

299 Jornal O Unitário, Fortaleza, 29/04/1939 p.5.

300 Jornal O Nordeste, Fortaleza, 28/04/1939 p.1

301 Jornal O Unitário”, Fortaleza, de 30/04/1940 p4.



Ilustração 7: Busto do Ministro Waldemar Falcão, criado por Humberto Cuzzo, inaugurado em 1939. Abaixo do busto há o detalhe em bronze incorporado ao monumento em 1940. Monumento a Waldemar Falcão, Fortaleza, fotografado por Lindericy Lins.

Não obstante a homenagem ao Ministro do Trabalho, era necessário cultivar para eternizar a memória do Presidente da República, em data simbólica para tal intento. O Primeiro de Maio de 1941 foi marcado pela inauguração do monumento em homenagem ao Presidente Vargas, erigido na Praça dos Voluntários da Pátria. Nesse ano, houve a tradicional missa celebrada pelo arcebispo Dom Manuel, na manhã do dia primeiro. À tarde, os operários saíram em passeata do edifício da Delegacia Regional do Trabalho, na Rua Barão do Rio Branco, até a Praça dos Voluntários. Após a passeata,

um grupo de vinte e duas moças, representando os Estados da nação, expuseram o monumento a todos os presentes, com a participação de diversas autoridades, bem como de representantes da classe trabalhadora:

Falaram nessa ocasião os srs Elpidio Gladstone, em nome das classes trabalhistas, Rui Guedis pela municipalidade cearense, Nelson Pitombo Cavalcante, representando o ministro Valdemar Falcão, Antenor Vale, pelo Sindicato dos Empregados do Comercio, e o proletario Francisco Forte e finalmente o coronel Dracon Barreto, representante do Presidente da Republica.³⁰²

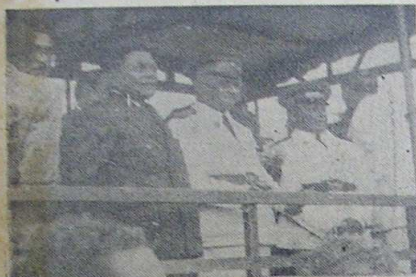
Em seguida, houve “retreta dançante”, sob ritmo da banda da policia militar, sempre “numa eloqüente demonstração de vitalidade e disciplina³⁰³” por parte dos trabalhadores. Na página seguinte, o Jornal *O Unitário*, destaca a solenidade de Primeiro de Maio, tendo, como momento marcante, a “incomputável marcha humana” rumo á inauguração do busto ao Presidente Getúlio Vargas. Nas páginas tem-se a imagem atual do monumento a Getúlio Vargas, onde cada detalhe tem sua intencionalidade e simbolismo, resultando na construção de *lugar de memória* operária.

302 Jornal O Povo, Fortaleza, 02/05/1941, p.1.

303 Jornal Unitário, Fortaleza, 01/05/1941 p. 7

Contentasmo e espontaneidade os operários cearenses comemoraram o Dia do Trabalho

Solenemente instalada a Justiça do Trabalho—Inaugurado o monumento do presidente Vargas na Praça dos Voluntários—As festividades de ontem



Do palanque oficial, na Praça dos Voluntários, as altas autoridades civis e militares do Estado assistiram às imponentes solenidades do Dia do Trabalho. (Foto e Gravura UNITÁRIO)

A cidade vibrou, ontem, de modo ardoroso, ao comemorar, entre as mais expressivas demonstrações de brasilidade, o Dia do Trabalho. Todo o povo, e não somente o operariado, acorreu à Praça dos Voluntários, onde se realizou a principal solenidade do dia, para festejar a grande data. Por outro lado, as diversas reuniões se revestiram de brilho não menos invulgar, notando-se no semblante de todos os que participaram das festas uma expressão viva de contentamento e de espontaneidade, acentuada nas comemorações. Também constitui um acontecimento de excepcional significação a homenagem ao presidente Getúlio Vargas, cujo busto foi inaugurado na presença de compacta massa humana e das altas autoridades locais. Sobretudo no seio da massa trabalhista, notava-se um entusiasmo contagiante demonstrando a naturalidade das suas manifestações de júbilo pela decorrência da magna efeméride.

MISSA NA IGREJA DO ROSÁRIO

Bom cedo a cidade começou a se movimentar para as grandes festividades e o boarado das ruas se tornou, de logo, um espetáculo admirável de diviso. Muita gente se dirigiu à Igreja do Rosário, calçada principal, onde foi celebrada, às 7.30 horas, missa em solo de graças. O oficiante, dom Manuel da Silva Gomes, arcebispo metropolitano, fez uma brilhante pregação a respeito do Dia do Trabalho, tendo a cerimônia religiosa assistida pelo interventor Menezes Pimentel, secretários do Estado, dr. Edison Pitombo Cavalcante, representante especial do ministro Valdemar Falcão, e por outras autoridades federais, estaduais e municipais.

NO GRÊMIO DOS ESTUDANTES PENISTAS

De acordo com o vasto programa previamente elaborado, realizou-se, às 8.30 horas, uma sessão solene na Penitência Calvarial, promovida pelo Grêmio dos Estudantes Penistas, cuja nova diretoria tomou posse por essa ocasião. Depois da solenidade, que foi também em comemoração do 15.º aniversário de fundação da associação estudantil na foz de, teve lugar uma missa solene, que decorreu em

DR. JAIR ABREU

CRUZEIRO DENTISTA
Edifício Pingo, 2.º andar
Fala 34

UNITÁRIO

Matutino dos
"Diários Associados"

que, no programa das comemorações trabalhistas em nova capital, ocupou lugar de destaque. A cerimônia, em Fortaleza, realizou-se no palacete da rua Guilherme Rocha, 498, onde ficara funcionando, definitivamente, o novo órgão judiciário. A solenidade começou às 15 horas e na mesa que presidiu aos trabalhos tomaram assento os ara. interventor Menezes Pimentel; coronel Dracon Barreto, representante do presidente Getúlio Vargas; desembargador José Leite de Albuquerque, presidente do Tribunal de Apelação deste Estado; Edison Pitombo Cavalcante, representante do ministro Valdemar Falcão; conego Joaquim Rosa, representante do arcebispo metropolitano dom Manuel da Silva Gomes; José Martins Rodrigues, secretário da Fazenda e da Agricultura; Andrade Furtado, secretário da Justiça; Raul Domingues Uchôa, delegado regional do Trabalho; Alencar Matos, procurador Geral da República; e o comandante Henrique Carneiro, capitão dos Portos. No recinto notava-se a presença de numerosos representantes de sindicatos e demais agremiações clas-



As representações dos diversos sindicatos conduziam grandes cartazes com desenhos exaltando a obra do presidente Vargas. (Foto e Gravura UNITÁRIO)

Albuquerque, salientando a significação do ato, congratulou-se com todos pela instalação do importante órgão. Em seguida, o dr. Adonias Lima deu posse aos seguintes funcionários da Justiça do Trabalho no Ceará: Raimundo Queiroz Ribeiro, suplente; Hermenegildo de Brito Pinna e José Pedro Soares Bulcão, vogais alheios aos interesses profissionais; Antonio Cirilo de Freitas e João Ribeiro Pessoa,

declinou da honra, conservando-se na direção dos trabalhos e desembargador Leite de Albuquerque.

Como orador oficial da ata se sou da palavra o dr. João da Rocha Moreira, recém-nomeado para o cargo de procurador regional da Justiça do Trabalho. Em seu discurso, o dr. João Moreira fez uma admirável síntese da obra social do presidente Getúlio Vargas, fazendo também considerações de ordem técnica acerca do instituto recém-criado. Também falaram os ara. Joaquim Alves, em nome do Instituto de Ciências Econômicas, e Vital Felix de Sousa, tendo esse expressado a satisfação do operariado cearense pela instalação da Justiça do Trabalho. Encerrada a solenidade, o dr. Adonias Lima recebeu muitos cumprimentos pela sua investidura no alto cargo de presidente do novo órgão judiciário.

CONCENTRAÇÃO POPULAR NA PRAÇA DOS VOLUNTÁRIOS

O ponto alto das comemorações do Dia do Trabalho foi a grande concentração popular da Praça dos Voluntários. Uma incomputável multidão, em que se mesclavam estudantes, operários, autoridades, empregadores, soldados, enfim gente de todas as classes sociais, compareceu para comemorar, da maneira mais entusiástica possível, a grande data e prestar, ao mesmo tempo, uma excessiva homenagem ao eminente brasileiro que há de lá à frente dos destinos do país e cuja obra, em todos os setores, tem sido das mais profusas. A Praça dos Voluntários foi pouco assim, para conter a enorme massa humana, que numa espontaneidade digna de nota se prestou o brilho de sua presença aos festejos dedicados aos trabalhadores de todo o mundo.

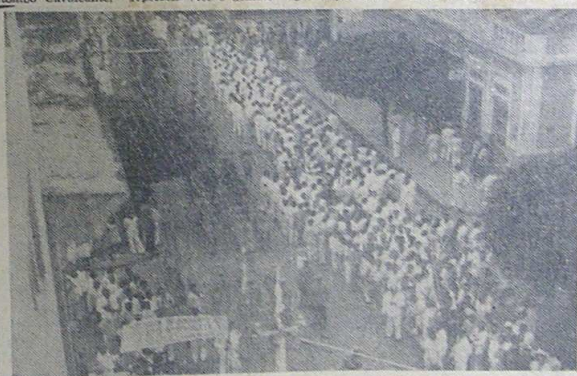
REUNIÃO EM PENITÊNCIA DE DELEGACIA DO TRABALHO

Antes da concentração na Praça dos Voluntários, que se realizou, às 17 horas, os manifestantes se aglomeraram na rua Barão do Rio Branco, em frente à sede da Delegacia Regional do Trabalho. Ali, em reunião, se

WAGNER BARREIRA

ADVOGADO

Exceção Hotel - Sala 204



Incomputável massa humana, composta, na sua maioria, de operários, desfilou pelas ruas da cidade na grande parada trabalhista de ontem. (Foto e Gravura UNITÁRIO)

tantos os funcionários do Trabalho. ORADORES NA P.R.E. — 9

Das 12 às 13 horas, como parte das comemorações, foi transmitido pela P.R.E. — 9, um programa especial. Por essa ocasião ocuparam o microfone da popular emissora vários oradores, representantes de organizações classicistas, os quais tiveram oportunidade de se referir à significação da data trabalhista e à personalidade do chefe da Nação, cujas realizações, no setor social, foram postas em evidência.

INSTALAÇÃO DA JUSTIÇA DO TRABALHO

Sem dúvida, o acontecimento mais importante do dia de ontem, foi festivo para os trabalhadores do mundo inteiro, foi a instalação, em todo o Brasil, da Justiça do Trabalho, fato

zistas, além dos funcionários do novo órgão da administração pública.

Aberto a sessão, o dr. Raul Domingues Uchôa, passou a presidência dos trabalhos ao desembargador Leite de Albuquerque, que, na qualidade de presidente do Tribunal de Apelação, declarou empessoado no cargo de presidente do Conselho Regional da Justiça do Trabalho, por nomeação do chefe do governo brasileiro, o dr. Adonias Lima. Depois, o desembargador Leite de

Calçados!

Últimas novidades para homens, senhoras e crianças

Na CASA VENEZA

suplentes: José Edgar do Rêgo Falcão, vogal dos empregadores; Antenor do Vale Lima, suplente; Milton Costa Freire, vogal dos empregadores; e Sebastião Coelho Pinho, suplente. Presidente da Junta de Conciliação: José

Juarez Bastos; suplente: Arnaldo Ferreira Baltazar; vogal dos empregadores: Mesari Solon; suplente: José Peliciano da Costa; vogal dos empregadores: José de Oliveira Albuquerque; suplente: Francisco Eugênio de Sousa. Convidado pelo dr. Adonias Lima para ocupar a presidência da solenidade, o coronel Dracon Barreto, representante pessoal do presidente Getúlio Vargas,

Dr. CARLOS POMPEU GURGEL

Alfama da Lavoura Gurgel, diariamente das 14 às 16 horas

Ilustração 8: O UNITÁRIO, 2 DE MAIO DE 1941, PÁGINA 8

À esquerda, o palanque com diversas autoridades prestigiando as solenidades de Primeiro de Maio. À direita, representantes dos trabalhadores portando placas e homenagem ao Presidente Vargas. Ao centro, a foto da "incomputável marcha humana" no desfile de Primeiro de Maio de 1941.

Jornal Unitário, Fortaleza, 02/05/1941, p.8, disponível na hemeroteca da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel.



Ilustração 9:

Parte central do monumento, onde é visto o mapa do Ceará com a homenagem ao Presidente Vargas e logo abaixo, a placa em bronze simbolizando o trabalhador do Ceará, com os dizeres: “ À Getúlio Vargas, as classes trabalhistas do Ceará – 1º de maio de 1941.

Monumento em homenagem ao Presidente Getúlio Vargas, Fortaleza, fotografado por Lindercy Lins.



Ilustração 10:

Visão da parte traseira do monumento, onde é visto a primeira placa, de cima para baixo, intitulada: Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio Dr. Waldemar Falcão – Delegado Regional do Trabalho, Dr. Raul Rodrigues Uchôa; abaixo, a placa em bronze simbolizando o trabalhador do Ceará. Na terceira placa, são registrados os membros da Comissão do monumento: Francisco do Rego Falcão, Antenor Vale lima, Francisco Roquet, Elpídio Galustone Gomes, Minervino de Castro, José Maria Porto. Na placa rente ao chão, a autoria do monumento: Prof. Agostinho B. Odísio, escultor da firma Odísio & Cia LTDA.

Monumento em homenagem ao Presidente Getúlio Vargas, Fortaleza, fotografado por Lindercy Lins.

O monumento a Vargas carrega forte simbologia. O escultor Agostinho Balmes Odísio, discípulo de Rodin³⁰⁴, “*utilizou rocha granítica das pedreiras de São José, perto de Iguatu, pedra duríssima, quase impossível de ser trabalhada*”, demonstrando a valorização e dedicação do trabalho do artista, num ato quase heróico de esculpir em rocha tão dura, sacrificando-se para homenagear Getúlio. O busto, segundo o jornal Unitário, “*era uma verdadeira obra de arte, na qual os traços fisionômicos não só apresentam semelhança perfeita, mas retratam a psicologia austera e inteligente do nosso presidente*”³⁰⁵. Um obelisco sustenta o busto do presidente Vargas. Abaixo, placa de bronze com o contorno do mapa do Ceará dedica a obra “*A Getúlio Vargas, às classes trabalhistas do Ceará – 1º de maio de 1941*”.

O obelisco é composto por quatro vértices, cujos lados exibem placas de bronze com referências aos “presentes” ofertados pelo presidente Vargas aos trabalhadores, o monumento era a retribuição dos operários ao presidente, cujos símbolos são pedagogicamente eficazes no trabalho de incorporação à memória do Primeiro de Maio das conquistas outorgadas pelo varguismo. Ao Norte, é estampada a placa “dignificação do trabalho.”

304 O italiano Agostinho Balmes Odísio nasceu em 1881, em Turim. Formou-se pela Escola de Belas Artes daquela cidade. Em 1912, conquistou o primeiro lugar na disputa por uma bolsa de estudos em Paris, ao esculpir um busto do Rei da Itália, Victor Emanuel II. Em Paris, foi discípulo de August Rodin. “Em 1913, resolveu emigrar para a Argentina, onde residia um irmão seu. Entretanto, por motivos ignorados, desembarcou no Porto de Santos, em São Paulo e permaneceu no Brasil até sua morte. Durante 20 anos, produziu dezenas de obras de arte nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Em 1934, devido a problemas de saúde, foi aconselhado a residir no Nordeste, por causa do clima quente da região. Por acaso, leu na Imprensa sobre a morte do Padre Cícero e, vislumbrando oportunidade de negócios – por conta da religiosidade da cidade – veio para Juazeiro do Norte, onde residiu até 1940. Agostinho Balmes foi também responsável pelo projeto do Palácio Episcopal de Crato, Coluna da Hora, na Praça Padre Cícero, e reforma do Santuário Diocesano Nossa Senhora das Dores, os dois últimos localizados em Juazeiro do Norte”. *Jornal Diário do Nordeste*, Fortaleza, 19/11/2006 p 4.

305 *Jornal O Unitário*, Fortaleza, 01/05/1941, p. 8



Ilustração 11: placa “dignificação do trabalho”

Observa-se o trabalhador saudando a aurora das leis trabalhistas ³⁰⁶, que aparece como Sol nascente, evocando aspectos da natureza como o Mar e o Sol. Ao fundo, a praia, com o contorno do Mucuripe e da jangada, representando a pesca, tradicional atividade econômica cearense. É digno de registro o fato de que, em setembro do mesmo ano, o grupo de jangadeiros, liderados por Jacaré, fez viagem ao Rio de Janeiro em busca de audiência com o presidente Vargas a fim de reivindicarem direitos trabalhistas e denunciar as condições de trabalho dos jangadeiros. ³⁰⁷

Interessante é a abordagem da imagem do destaque em bronze. A figura central do monumento inspira-se nos símbolos utilizados pelos trabalhadores, agora ressignificados pelo Estado. A imagem principal esculpida por Agostinho Odísio parece com ícones operários do século XIX e início do século XX, longamente utilizados na imprensa operária brasileira e outros países.

³⁰⁶ Jornal O Unitário, Fortaleza, 01/05/1941, p. 8

³⁰⁷ ABREU, Berenice. Odisséia numa jangada. In Revista Nossa História, ano 1, n 8, junho de 2004.

Se a inspiração da figura do monumento a Vargas for a iconografia operária, a intenção está longe de representar os desejos e significados do Primeiro de Maio dos trabalhadores, é que o símbolo da dignificação do trabalho do monumento não convida o trabalhador à reflexão sobre o Primeiro de Maio, mas sugere a saudação mecânica às Leis Trabalhistas, um presente do Estado, levando a crer que a aurora do Primeiro de Maio fundava-se no reconhecimento e gratidão ao Estado pelos direitos obtidos.

A alegoria feminina da liberdade pode ser vista na placa ao Sul: “organização e trabalho”.



Ilustração 12: placa “organização e trabalho”.

Uma jovem, no primeiro, plano representando a alegoria da glória, oferece um ramo de louro, com dístico em letras garrafais: “*homenagem da terra redimida ao grande presidente Getúlio Vargas.*”³⁰⁸, ao fundo, barragem de açude com grande volume d’água, item precioso na região árida do Ceará, como benfeitorias do Estado Novo no interior do Estado, como se a fartura fosse consequência direta do varguismo. A imagem idílica do sertão tornava-se efeito de propaganda, pois a seca ainda era uma constante, sobretudo no “mau

308 Jornal Unitário, Fortaleza, 01/05/1941 p.7

inverno” de 1941 e conseqüente decretação de seca no Ceará, no ano seguinte.³⁰⁹

Outro símbolo operário universal, o apertar de mãos, é a temática da placa ao Leste: “confraternização das classes”.



Ilustração 13: placa “confraternização das classes”.

A placa marca a união dos trabalhadores do campo e cidade, abraçados, à direita, um

caboclo com a enxada na mão, simbolizando a agricultura; à esquerda, um vigoroso operário com a marreta ao ombro e uma roda dentada ao lado, simboliza a indústria e, à direita, o vulto de um esbelto mancebo, alçando ao ombro um “caduceu”, representa o comércio³¹⁰.

Todos em comunhão rumando ao progresso da nação. Ao fundo, “*um campo e bois atrelados ao arado, perspectiva de fábricas e chaminés fumegantes.*” A placa reflete o ideal do varguismo da comunhão de classes, sobretudo a imagem do operário e agricultor, abraçados, enquanto o

309 NEVES, Frederico de Castro. Getúlio e a seca: políticas emergenciais na era Vargas. In *Revista Brasileira de História*, 2001, vol.21, no.40, p.115

310 Jornal Unitário, Fortaleza, 01/05/1941 p.7

comerciário aperta a mão do agricultor, demonstrando uma sociedade corporativa, em que cada grupo, como uma engrenagem funcionando sincronicamente, para o progresso econômico e social do Estado corporativo brasileiro. A fábrica e o campo são produtores, e o comércio receptor dos bens produzidos, nas representações de Primeiro de Maio do varguismo. o trabalho como riqueza moral do país, único meio de superar a pobreza material.

Interessante observar a carga idealizada dos trabalhadores, figuras com semblante límpido, no ideal da honestidade do trabalhador do Estado Novo, como um ser singelo que aguarda as ações do governo. Note-se que quase todos apresentam-se descalços, com vestimentas humildes, com exceção da figura que representa o comércio, vestida por completo, como símbolo da civilização e urbanidade, o “progresso” da cidade moderna, que não faz parte do campo, mas que depende dele para o sustentáculo do Estado. E por último, não menos importante, a Oeste, encontra-se a placa “Assistência ao Trabalhador”, que simboliza o programa do Estado Novo no pacto trabalhista.



Ilustração 14: placa “Assistência ao Trabalhador”.

O detalhe refere-se à representação dos diversos órgãos assistenciais criados no Estado novo, com a intenção de socorrer o trabalhador. O jornal *O Unitário* explica a intenção da placa :

Entre a visão de fábricas, um prédio em construção que ruiu; no primeiro plano aparece a figura de um trabalhador sinistrado, estendido no solo, com semblante sofrido, amparado por uma figura de mulher que, carinhosamente ajoelhada, o acode, simbolizando a assistência.³¹¹

O ideário de um Estado paternalista é expresso na escultura, não se referindo somente aos órgãos assistenciais, como DRT ou Justiça do Trabalho, mas ao conjunto de medidas estadonovistas dirigidas aos trabalhadores, como as leis trabalhistas e a Previdência Social como auxílio aos operários. A imagem retrata o cotidiano da classe trabalhadora brasileira, já que, mesmo com rede de assistência, havia muitos acidentes de trabalho, denunciados exaustivamente pelos jornais operários. Entretanto, para o varguismo, os acidentes de trabalho não eram mais que fatalidade, já que, a partir de 1930, havia, no discurso governamental, ampla cadeia assistencial, que garantia a plena recuperação do operário ou sua aposentadoria, questões que fizeram parte das reivindicações mais elementares do movimento operário brasileiro.

Ainda em 1941, houve outra homenagem a Vargas com conteúdo semelhante à manifestação de apreço dos cearenses. Ao invés de busto de bronze, o Sindicato dos Confeiteiros do Rio de Janeiro, conforme noticiou *O Nordeste*³¹², prestou “originalíssima oferta” ao presidente. Durante a visita de Getúlio Vargas ao restaurante popular, o referido Sindicato confeccionou um bolo gigante, representando um monumento ao Presidente Vargas. O bolo-gigante com dois metros de comprimento, um metro de largura, e um obelisco de um metro e vinte centímetros de altura, pesando cerca de cem quilos, ao centro, a foto de Getúlio Vargas e a frase: “*oferecido pelo sindicato dos operários confeiteiros em 01/05/1941*”; do lado oposto, as benfeitorias do Estado Novo:

311 Jornal *O Unitário*, Fortaleza, 01/05/1941, p. 8

312 Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 03/05/1941 p.1

Criação do Ministério do Trabalho, Instituto de Aposentadorias e Pensões; Nacionalização do Trabalho; Trabalho Feminino; Trabalho de Menores; Lei de 8 horas; Lei de Férias; Salário Mínimo; Lei 26; Justiça do Trabalho³¹³

As formas de homenagem ao Presidente Vargas têm em comum a ampla divulgação na imprensa, que atua como propaganda e reconhecimento das conquistas obtidas. Enquanto em Fortaleza, os quatro vértices do monumento propagandeiam as políticas trabalhistas, no Rio de Janeiro, os lados do bolo cumprem função idêntica.

A intencionalidade do monumento e do bolo destaca o êxito do varguismo na construção da memória operária dos anos 1930 e 1940, entretanto não é mero efeito da propaganda o sucesso do Estado Novo, por mais sistemática fosse a propaganda estadonovista, implementada nos primeiros anos de Vargas, por si mesma, não garantiria a elevação do “mito Vargas”, sem realizações importantes na vida material das pessoas. De acordo com Jorge Ferreira:

O reconhecimento político e a valorização simbólica que os trabalhadores dedicaram a Getúlio Vargas, bem como a permanência de seus feitos e realizações na memória popular por tanto tempo, não podem ser apenas reduzidos a uma eficiente máquina de fabricar mitos³¹⁴

O monumento estampando as conquistas trabalhistas não pode ser compreendido apenas como homenagem ao detentor do poder, mas do ponto de vista dos trabalhadores, ao esculpirem os direitos trabalhistas, como forma de assegurar-lhes a eternidade. Recorro à “noção de teatro,³¹⁵” em Thompson, para explicar os monumentos, o governo, ritualisticamente, representando seu teatro de poder, inaugura os monumentos na tentativa de reconstruir um espaço de celebração do rito operário e os trabalhadores, também de forma ritual contra-teatralizada, comparecem às cerimônias, dando a entender que aceitam a celebração, não como aceitação plena da nova ressignificação, mas como forma de manutenção das conquistas. Mesmo com severas restrições ao raio de ação dos trabalhadores, e a hegemonização do ideário da cooperação

313 Jornal O Nordeste, Fortaleza, 03/05/1941 p.1

314 FERREIRA, Jorge. op. cit. p.16

315 THOMPSON, E.P. Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos p 239

de classes na ditadura como o Estado Novo, não impede aos trabalhadores de buscarem alternativas, mediante brechas nos regulamentos para escaparem do controle do Estado.

A evidência de que o projeto de readequação do Primeiro de Maio ao Estado Vargas somente logrou êxito dentro do próprio regime estadonovista, visto que, após a queda do Estado Novo, as lideranças operárias tornaram a reavivar as manifestações de uma maneira autônoma do Estado, sob direção do Partido Comunista, como eram comumente organizadas até 1937.

3.3 As Estratégias Vargasistas na Ressignificação do Primeiro de Maio.

Alguns elementos se tornam recorrentes às comemorações de Primeiro de Maio no Estado Novo e nos anos subseqüentes, o que servirá de modelo de comemoração, largamente utilizado por outros governantes brasileiros.

Primeiro, a intensa utilização de estratégias de convencimento, cujos elementos semióticos, alguns já empregados pelo movimento operário³¹⁶, outros novos, como rádio, cinema, jornais, cartazes, aposições de retratos, monumentos erigidos, ao lado da criação e ampliação de torneios esportivos, sobretudo, o popular futebol. Tais instrumentos têm como finalidade primordial a transformação dos atos de protesto em festa despolitizada, além da intenção em socializar as populações interioranas, quanto aos imigrantes, na tentativa de integralização dos trabalhadores³¹⁷.

Depois, ao lado dos instrumentos de propaganda, temos a tática das inaugurações de obras e assinatura de Decretos, isto é, o Primeiro de Maio como anúncio e concretização da boa nova. Vargas inaugurava a pedra fundamental de alguma obra, no Primeiro de Maio do ano, e, após um ou dois anos, inaugurava a obra finalizada, assim a Justiça do Trabalho, cuja cerimônia de assinatura do decreto de criação foi em 1939, diante de milhares de pessoas, no Rio de Janeiro; dois anos depois, efetivava-se a inauguração, em todo o país, das sedes do Tribunal.

É o esforço em direcionar as inaugurações para Primeiro de Maio, por exemplo, do prédio da DRT, da Justiça do Trabalho, de pedras fundamentais

316 PERROT, Michelle. Op cit p. 141

317 OLIVEIRA, Lúcia. Op cit p. 329

de sedes dos sindicatos, tem-se o exemplo do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil, bem como da própria troca de diretoria dos sindicatos, monumentos de dirigentes públicos, (Vargas e Valdemar Falcão), aposição de retratos de políticos, de avenidas (Olavo Bilac), ou seja, era necessário aproveitar o ensejo da data e ressignificá-la como dia de prestação de contas do Estado aos cidadãos.

Note-se, pois, que a estratégia de inaugurações é amplamente apropriada pelos governantes no decorrer dos anos. Vargas era o realizador, a aurora e o crepúsculo das comemorações de Primeiro de Maio no Estado Novo, a fala presidencial, apresentando os “presentes” concedidos aos operários. Os “presentes” tiveram o significado do Estado e do trabalhador, pois o “ato de doar” deve ser simultaneamente visto como o “ato de ganhar.”³¹⁸

Um terceiro apontamento importante do operariado cearense, dá-se pela apropriação das cerimônias do operariado pré-1930, eram as missas nas alvoradas, o elemento católico é muito freqüente no seio da classe trabalhadora. Retorno à discussão da força religiosa nas comemorações de Primeiro de Maio. As autoridades sabiam da influência católica no operariado, tornando, assim, a missa, elemento unificador da tradicional família cristã fortalezense, além do fato de as organizações católicas deterem bastante força política, pela LCT e das diversas associações católicas que acompanhavam os COC, que acabaram por apoiar as diretrizes do Estado Novo. Servia, assim, de impulso inicial para a aglutinação das “massas ordeiras” em torno do Primeiro de Maio. O que se perceber, por exemplo, é que a lembrança dos Mártires do Primeiro de Maio, na época de Vargas, é substituída pelo culto aos vivos, ao governante, ao Estado.

Ao invés das alvoradas, com préstitos aos cemitérios, carregando estandartes das associações e fotos homenageando os Mártires de Chicago ou destacado líder operário local, as manifestações se remontarão às praças, no caso cearense, reorientadas à Praça do Ferreira ou Visconde de Pelotas, ao Jardim Valdemar Facão ou Praça dos Voluntários da Pátria (Getúlio Vargas), tendo as homenagens aos “Mártires de Chicago” substituídas por estandartes e

318 THOMPSON, E.P. op. cit. p. 252

fotos, pelo culto à personalidade de Getúlio, o “pai dos pobres”, e/ou ao ministro do Trabalho, Valdemar Falcão, por isso, no Primeiro de Maio varguista,

os trabalhadores não estavam nas ruas, nem faziam reivindicações como antes, mas recebiam o anúncio de novas leis, o que efetivamente causava impacto, não sendo apenas efeito retórico. Para se entender o fato, é preciso integrar esse acontecimento a uma série de medidas acionadas anteriormente no campo do direito do trabalho, e que tiveram início logo após o movimento de 1930, com a própria criação de um ministério do Trabalho, Indústria e Comércio³¹⁹

De fato, o novo “Moisés”, nas palavras de Perrot, o operário tão cultuado como alicerce da revolução, como novo homem que salvaria o país, desaparece, no Estado Novo, isto é, o operário como figura ativa do processo de construção de nova sociedade é substituído por outro “Moisés”, os dirigentes políticos do Estado Novo, Getúlio Vargas e Valdemar Falcão, que, ao apresentarem instrumentos de melhoria das condições sociais dos operários, Consolidação das Leis do Trabalho - CLT e Justiça do Trabalho desviam os intuitos originais do Primeiro de Maio, fazendo-o, dia do trabalho, do labor.

O relativo sucesso do varguismo, no tocante ao Primeiro de Maio, foi uma reconstrução de memória, em que a inauguração dos bustos de Valdemar Falcão e de Getúlio Vargas tinha como objetivo a criação de novos “*lugares de memória*”, com conteúdo simbólico distinto. Com a reorientação do rito operário no campo simbólico o projeto do Estado corporativo ganhou, fazendo concessões e distribuindo benefícios, aliados à repressão aos elementos subversivos, popularidade e apoio das massas, tornando a figura de Vargas mitificada e ainda hoje lembrada pelos trabalhadores.

Após o fim do Estado Novo, às novas direções sindicais, ficou a tarefa de ressignificação do rito operário como instrumento político de contestação da ordem e de luta por direitos, como originalmente se configurou o Primeiro de Maio. Era necessário, a partir do período de redemocratização política, os trabalhadores reagirem e se (re)apropriarem de sua magna data e reconstruí-la sob o signo da luta.

319 GOMES, Ângela de Castro. Op cit. internet (...)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordar a sequência, nem sempre homogênea, dos cinquenta e cinco primeiros anos das comemorações de Primeiro de Maio, em Fortaleza pude perceber a luta e a experiência de uma classe tentando se formar, sair do anonimato para exigir melhores condições de trabalho.

Nesta dissertação, narrei a trajetória do Primeiro de Maio, tentando articular a política como pano de fundo das relações de trabalho, a exemplo do capitalismo do século XIX e a luta operária pela melhoria das condições de trabalho, organizada em torno das concepções políticas do marxismo e anarquismo. Dentre as lutas em torno dessa bandeira, destacando os protestos de Chicago como definidores, no campo conjuntural, das comemorações de Primeiro de Maio. Enfatizei o caráter internacionalista do rito operário, ligando as lutas do movimento dos trabalhadores dos Estados Unidos, às deliberações do Congresso Operário de Paris na definição do Primeiro de Maio como data de mobilização das melhorias das condições de trabalho. O internacionalismo da classe se expressou no Brasil republicano da época, sob o qual o movimento operário se solidarizava às lutas internacionais. A convocação do Primeiro de Maio superou as expectativas dos líderes sindicais, transformando o que devia ser apenas um dia de protestos, na tradição repetida anualmente, sob o prisma da emancipação humana.

A classe, por seu rito de Primeiro de Maio, conseguia fazer ecoar o lamento pelas mortes, nos embates contra o capital e, ao mesmo tempo, emergir um fio de esperança ao protestar e reivindicar espaço político, nos fins dos séculos XIX e início do XX. O movimento operário, ao perceber o papel importante da imprensa, fazia ressoar, pelos jornais operários e até mesmo empresariais, os programas e plataformas políticas das sessões de Primeiro de

Maio no Brasil da Primeira República, tornando corriqueira a utilização desse instrumento de propaganda política.

O Primeiro de Maio a medida que o tempo transcorria, se fortalecia e ganhava sentido das lutas históricas, data escolhida para a mobilização, transformando-se em ritual cada vez mais repetido ao longo dos tempos. Pela relevância da data, os mais diversos grupos trabalhistas e patronais tornam a apropriá-la e tentam, ao seu modo, ressignificar o rito com os marcos ideológicos, iniciado pelo confronto entre as visões de luto/luta e de festa, defendidas pelos anarquistas e socialistas, respectivamente, na maneira da organização e sentido político do rito.

Entretanto, não se podem resumir apenas ao aspecto de luto/luta ou festa o significado mais relevante do Primeiro de Maio. Elementos cívico-cristãos apareciam também nas celebrações dos trabalhadores, conforme estratégia de grupos operários socialistas, na tentativa de popularização do rito, ao se utilizar de missas, ida à cemitérios, desfiles pelos locais de poder, e referências aos ritos camponeses de primavera, como as flores, o Sol e vultos a Instrução Operária apareciam por diversas ocasiões.

O Estado e a Igreja não se abstiveram da reapropriação do Primeiro de Maio. Cada um reconstrói o significado da data a partir de pressupostos cívico-religiosos, como a adoção do feriado, ou concepção de Primeiro de Maio como mês de Maria, com a intenção de apagar a memória operária e vencer a disputa com o movimento operário revolucionário, que reprovava o sentido de seu principal rito a um viés exclusivamente cristão ou patriótico, a exemplo ocorrido no varguismo, em que Igreja e Estado andavam de mãos dadas, rumo ao apagamento da memória militante do Primeiro de Maio.

Tentei analisar, a partir da imprensa e da aposição dos monumentos o rito, sob o prisma do varguismo em nome do projeto de Estado Corporativista, tentando reconstruir a memória do Primeiro de Maio, em direção ao Estado Novo. Contudo não deixo de mencionar as estratégias do movimento operário, cujo objetivo era disputar a memória do Primeiro de Maio, mesmo em desvantagem em relação às perseguições políticas do varguismo. Particularmente importantes, foram os novos lugares de memória recriados a partir do varguismo, cuja pesquisa procurou estudar, a partir dos monumentos,

a ideologia do Estado Novo, expressada em agradecimentos aos políticos pelas conquistas trabalhistas.

O Primeiro de Maio, como principal símbolo operário, tem sido utilizado, na atual conjuntura, como mero feriado, em que algumas direções operárias velam o sentido político do rito e reorienta-o a um dia de descanso, fazendo os trabalhadores comparecerem a espetáculos com artistas famosos e ao sorteio de prêmios, comprados com verbas sindicais e patronais, a exemplo do que a Força Sindical realiza no ABC Paulista. Isso demonstra a fragilidade por que passa a classe trabalhadora mundial frente aos severos ataques do capital.

Nesta pesquisa, foi visto que, na conjuntura de ascenso do movimento operário, o rito do Primeiro de Maio era massivamente comemorando, tornando-o dia em que a burguesia devia ficar temerosa com o cortejo vitorioso do “exército da classe operária”, como os militantes costumavam lembrar. Hoje em dia, a própria burguesia homenageia o operário com torneios e shows patrocinados.

Como qualquer pesquisa de Mestrado, esta não conseguiu, tampouco se atreveu a descortinar todas as nuances do Primeiro de Maio. Algumas questões não foram analisadas com a profundidade que mereciam, sobretudo, o diálogo com a imprensa operária, além das particularidades do Primeiro de Maio, no varguismo. A temática me interessou bastante, espero poder debruçar análises futuras a respeito da importância e significações deste rito no varguismo, tentando perceber as imagens republicanas transmitidas e a tentativa de se criar, a partir de um modelo único de celebração, a nova memória coletiva. Esta pesquisa tentou contribuir com mais uma peça do mosaico que é a história dos trabalhadores no Ceará.

A reconstrução da memória do rito de Primeiro de Maio teve como objetivo não somente preencher um espaço historiográfico, mas também chamar atenção aos destinos das tradições operárias, evocando a relevância do Primeiro de Maio como importante símbolo de luta, tendo, como afirmei no título deste trabalho: “Um dia, muitas histórias”, uma infinidade de problemáticas acerca desse rito. Nesta dissertação, contei apenas algumas delas. Há ainda tantas outras histórias a serem contadas, o percurso foi

iniciado, resta esmiuçar os arquivos e continuar a narrar o Primeiro de Maio no Ceará.

ARQUIVOS E BIBLIOTECAS

- Biblioteca da Universidade Federal do Ceará.
- Biblioteca da Universidade Estadual do Ceará.
- Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário – IMO (UECE).
- Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel, setor de microfilmagem e hemeroteca.
- Arquivo pessoal de Adelaide Gonçalves.
- Núcleo de Documentação Cultural – NUDOC- UFC.
- Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Gráfica do Ceará.
- Central Única dos Trabalhadores.
- Sindicato dos Trabalhadores em Telefonia.
- Sindicato dos Jornalistas do Estado do Ceará.
- Associação Cearense de Imprensa.
- Sindicato dos Bancários do Ceará.
- Biblioteca da Arquidiocese de Fortaleza - Seminário da Prainha.
- Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Construção Civil da Região Metropolitana de Fortaleza.
- Sindicato dos Petroleiros do Estado do Ceará

FONTES

● Entrevista

Entrevista do sr. Nilo Cordeiro da Silva, concedida à Carlos Augusto Santos, em Camocim-Ceará, em 16/03/1997. Apud. SANTOS, Carlos Augusto. *Cidade Vermelha – a militância comunista em Camocim – CE 1927-1950*. Dissertação. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

● Carta

Correspondência de Jules Humbert-Droz à esposa. “Extraits de la Correspondence de Jules Humbert-Droz à sa femme” (AJHD); também publicadas em Jules Humbert-Droz, “Instantanés de mon voyage et de ma maison em Amérique Latine”, chapitre 27, p 382-399, De Lénine à Staline, Neuchâtel, La Baconnière, 1971. In: PINHEIRO, Paulo Sérgio & HALL, Michael. *A Classe operária no Brasil 1889-1930 – documentos*. Vol 1 – o movimento operário. São Paulo: Alfa e Ômega, 1979.

● Discursos

Discurso de Getúlio Vargas, pronunciado no Palácio da Guanabara, no Dia do Trabalho (1º de Maio 1938). in VARGAS, Getúlio. *A Nova Política do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1938.

Discurso de Getúlio Vargas no Dia do Trabalho (1º de Maio 1939). In AMARAL, Roberto & BONAVIDES, Paulo. *Textos políticos da história do Brasil*. Brasília: Senado Federal-Conselho Editorial, 2002.

Discurso de Getúlio Vargas no Dia do Trabalho pronunciado no Estádio do Vasco da Gama, no Rio de Janeiro (1º de Maio 1940) In. AMARAL, Roberto & BONAVIDES, Paulo. *Textos políticos da história do Brasil*.

Brasília: Senado Federal-Conselho Editorial, 2002.

Discurso de Getúlio Vargas no Dia do Trabalho lido pelo Ministro do Trabalho, Marcondes Filho, no Estádio do Vasco da Gama, no Rio de Janeiro (1º de Maio 1942). in. AMARAL, Roberto & BONAVIDES, Paulo. Textos políticos da história do Brasil. Brasília: Senado Federal-Conselho Editorial, 2002.

Discurso de Getúlio Vargas no Dia do Trabalho (1º de maio de 1944). in. AMARAL, Roberto & BONAVIDES, Paulo. Textos políticos da história do Brasil. Brasília: Senado Federal-Conselho Editorial, 2002.

Documentos

- Carta Encíclica *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII sobre a condição dos operários. In: LEÃO XIII. Carta Encíclica “Rerum Novarum” sobre a condição dos operários. GEORGE, Henry, George & LEÃO XIII. A doutrina social da igreja. Rio de Janeiro: Laemmert, 1968.

- Resoluções do Primeiro Congresso Operário Brasileiro realizado de 15 a 20 de Maio de 1906, no Rio de Janeiro. In: RODRIGUES, Edgar. Alvorada Operária: os congressos operários no Brasil. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1979; PINHEIRO, Paulo Sérgio & HALL, Michael. *A Classe operária no Brasil 1889-1930 – documentos*. Vol 1 – o movimento operário. São Paulo: Alfa e Ômega, 1979.

- Relatório da Confederação Operária Brasileira, contendo as resoluções do Segundo Congresso Operário Brasileiro reunido no Rio de Janeiro nos dias 8,9,10,11,12 e 13 de setembro de 1913. Rio, 1914. 64p. In: RODRIGUES, Edgar. Alvorada Operária: os congressos operários no Brasil. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1979; PINHEIRO, Paulo Sérgio & HALL, Michael. *A Classe operária no Brasil 1889-1930 – documentos*. Vol 1 – o movimento operário. São Paulo: Alfa e Ômega, 1979.

Jornais

- O Operário, Fortaleza, 1892. Disponível na biblioteca de Adelaide Gonçalves.
- O Estado de São Paulo, São Paulo, 1893. Apud PETERSEN, Sílvia. "Proletários subversivos", in Revista Nossa História. Rio de Janeiro, Ed Vera Cruz, Maio de 2004. e apud MOURA, E. Um sólido anzol de aço. Estado e ação operária na República Velha. In Revista Adusp, nº10, junho de 1997.
- A Democracia, Porto Alegre, 7 de Maio de 1905 . Apud PETERSEN, Sílvia. "Proletários subversivos", in Revista Nossa História. Rio de Janeiro, Ed Vera Cruz, Maio de 2004.
- Correio do Povo, Porto Alegre, 2 de Maio de 1913. Apud PETERSEN, S. "Proletários subversivos", in Revista Nossa História. Rio de Janeiro, Ed Vera Cruz, Maio de 2004.
- Jornal do Commercio (PRC), Fortaleza, 1930. Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Pública Menezes Pimentel.
- Diário do Ceará, Fortaleza, diversas edições. Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Pública Menezes Pimentel.
- O Povo, Fortaleza, diversas edições. Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Pública Menezes Pimentel.
- Diário do Estado, Fortaleza, diversas edições. Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Pública Menezes Pimentel.
- O Trabalhador Gráfico, Fortaleza, ano 1, 3º num. 1 de maio de 1930. Disponível em edição fac-similar in. GONÇALVES, A. & BRUNO, A. (orgs) O trabalhador gráfico edição fac-similar, Fortaleza, ED. UFC, 2002.
- Gazeta de Notícias, Fortaleza, 04/05/1938. Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Pública Menezes Pimentel.
- Unitário, Fortaleza, diversas edições. Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Pública Menezes Pimentel.
- O Nordeste, Fortaleza, diversas edições. Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Pública Menezes Pimentel

- O Democrata, Fortaleza, 15 de maio de 1946 apud SANTOS, Carlos Augusto. Cidade Vermelha: a militância comunista em Camocim – CE 1927-1950. Dissertação. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.
- A Greve, Rio de Janeiro, 01/05/1903. In: KOCHER, Bernardo. Luto-Luta: o primeiro de maio no Rio de Janeiro. 1890-1940. Niterói: dissertação de mestrado – UFF, 1987
- O Imparcial, Rio de Janeiro, 02/05/1915. In: KOCHER, Bernardo. Luto-Luta: o primeiro de maio no Rio de Janeiro. 1890-1940. Niterói: dissertação de mestrado – UFF, 1987
- O Legionário, Fortaleza, 1933. Apud CORDEIRO JR, Raimundo. A Legião Cearense do Trabalho. In .SOUZA, Simone (org) Uma nova História do Ceará, Fortaleza, Ed. Demócrito Rocha, 2002.
- A Manhã, Rio de Janeiro, In. KOCHER, Bernardo. Luto-Luta: O Primeiro de Maio no Rio de Janeiro. 1890-1940. Niterói: dissertação de mestrado – UFF, 1987
- A Rua, Fortaleza, 03/05/1935. Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Pública Menezes Pimentel.
- A Voz do Trabalhador, Rio de Janeiro, COB. Diversas edições, Jornal A Voz do Trabalhador, Rio de Janeiro, 1/5/1913 p.1. Coleção Fac Símilar (1908-1915). São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, Centro de Memória Sindical, 1985. Disponível em edição fac-similar no Núcleo de Documentação Cultural – NUDOC, UFC.
- O Rebate, Maceió, 01/05/1915, Apud GONÇALVES, Adelaide. Imprensa dos Trabalhadores no Ceará: 1862 aos anos 1920. Tese. Florianópolis: UFSC, 2000
- Correio do Ceará, Fortaleza, diversas edições. Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Pública Menezes Pimentel.
- Ceará Socialista, órgão do Partido Socialista Cearense, Fortaleza, 14/07/1919 in. GONÇALVES, Adelaide. O Ceará Socialista, anno 1919, edição fac-similar, Fortaleza: Ed. UFC, 2001.

- O Ceará, Fortaleza, 07/06/1928. Apud GONÇALVES, Adelaide. Imprensa dos Trabalhadores no Ceará: 1862 aos anos 1920. Tese. Florianópolis: UFSC, 2000
- Diário do Nordeste, Fortaleza, diversas edições. Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Pública Menezes Pimentel.
- Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 02/05/1902 e 01/05/1940. In: KOCHER, Bernardo. Luto-Luta: o primeiro de maio no Rio de Janeiro. 1890-1940. Niterói: dissertação de mestrado – UFF, 1987.

Imagens

- Fotografia do Monumento a Getúlio Vargas, localizado na Praça dos Voluntários, fotografado por Lindericy Lins.
- Fotografia do Busto a Valdemar Falcão, localizado na Praça Valdemar Falcão, fotografado por Lindericy Lins.
- Fotografia de parte da coluna do Cristo Redentor, fotografada por Lindericy Lins.
- Fotografia dos Mártires de Chicago, [August Spies; Samuel Fielden; Oscar Neebe; George Engel; Adolph Fischer; Louis Lingg; Michael Schwab; A. R. Parsons].1887. Foto de Robinson e Roe.1 impressão fotográfica: col.; 6 1/2 x 4 1/2 in. CHS Accession no. 1988.83 (CHS ICHi 31334) disponível na Sociedade Histórica de Chicago, digitalizada para o acervo digital Haymarket Affair Digital Collection. The Chicago Historical Society
- Fotografia do jornal “O Unitário”, de 2 de maio de 1941, página 8, fotografado por Lindericy Lins, disponível na hemeroteca da Biblioteca Pública Menezes Pimentel.
- Fotografia do jornal “O Unitário”, de 1 de maio de 1938, página 1, fotografado por Lindericy Lins, disponível na hemeroteca da Biblioteca Pública Menezes Pimentel.
- Fotografia aérea do Centro de Fortaleza – Imagem de satélite, disponibilizada pelo programa “Google Earth”, montagem de Lindericy Lins.

- Ilustrações em solidariedade à luta operária: “Ogni Anno un Maggio Nuovo”; e alusiva aos Mártires de Chicago, de Walter Crane (Columbia University Library). 1890 – 1990. Cem Vezes Primeiro de Maio. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, Secretaria Municipal da Cultura, Prefeitura Municipal de São Paulo, 1990. p 30-32

- **Imagens de capa do Primeiro Capítulo:**

(Seqüência dos episódios do “Massacre de Chicago”: comício do dia 3 de maio; manifestações na praça Haymarket; explosão da bomba; batalha campal após o “atentado”; civis e policiais socorrendo os feridos; julgamento de Albert Parsons. Disponíveis na Biblioteca do Congresso dos EUA e na galeria virtual da Sociedade Histórica de Chicago - “The Dramas of Haymarket”, no endereço : <http://www.chicagohistory.org/hadc/visuals/phototoc.htm>. Montagem feita por Lindericy Lins)

Riot at McCormick's reaper works: Chicago, May 3, 1886. [1887] Morand, Paul J. 1 photographic print: b&w; 7 x 9 in. Gift of Dr. Joseph L. Baer (CHS ICHi 03659)

Meeting at the Haymarket Square, before the explosion of the bomb: Chicago, May 4, 1886.[1887] Morand, Paul J.1 photographic print: b&w; 7 x 9 in. Gift of Dr. Joseph L. Baer (CHS ICHi 03669).

Explosion of the bomb at Haymarket Square: Chicago, May 4, 1886. [1887] Morand, Paul J. 1 photographic print: b&w; 7 x 9 in. Gift of Dr. Joseph L. Baer (CHS ICHi 03670).

Battle after the explosion of bomb at Haymarket Square: Chicago, May 4, 1886.[1887] Morand, Paul J.1 photographic print: b&w; 7 x 9 in. Gift of Dr. Joseph L. Baer (CHS ICHi 03680).

Desplaines Street police station after riot at Haymarket Square: Chicago, May 4, 1886. [1887] Morand, Paul J. Photographic print: b&w; 7x9 in. Gift of Dr. Joseph L. Baer (CHS ICHi 03682).

Surrender of Parsons: Chicago, June 21, 1886. [1887] Morand, Paul J. 1 photographic print: b&w; 7 x 9 in. Gift of Dr. Joseph L. Baer. (CHS ICHi 03673).

- **Imagem de capa do Segundo Capítulo:**

Charge do Trabalhador, ilustrando crônica de Raquel de Queiroz, desenhada por Carlus. In: Jornal *O Povo*, Fortaleza, 01/05/1999 p 8 B.

- **Imagens de capa do Terceiro Capítulo:**

(fotografias do Primeiro de Maio no Estado Novo e homenagem à Getúlio Vargas. Disponíveis na galeria virtual do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas - FGV. <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/>. Montagem feita por Lindercy Lins)

Manifestação cívica, no Dia do Trabalho, em homenagem a Vargas no estádio do Vasco da Gama, 1941. Rio de Janeiro (RJ). (CPDOC/ CDA Vargas).

Aspecto da concentração trabalhista de 1º de maio, no estádio municipal do Pacaembú, 1944. São Paulo (SP). (CPDOC/ CDA Vargas).

Vargas desfilando em carro aberto na concentração trabalhista de 1º de maio, no estádio municipal do Pacaembú, 1944. São Paulo (SP). (CPDOC/ AMF foto 008/7)

Trabalhadores homenageiam Vargas na Esplanada do Castelo, 1940. Rio de Janeiro (RJ). (CPDOC/ CDA Vargas)

BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, Roberto & BONAVIDES, Paulo. *Textos políticos da história do Brasil*. Brasília: Senado Federal-Conselho Editorial, 2002.
- BATALHA, Cláudio; FORTES, Alexandre; SILVA, Fernando. (orgs.), *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas, Ed. da Unicamp, 2004.
- BOITO JR, Armando, *Política Neoliberal e sindicalismo no Brasil*. São Paulo, Xamã, 1999.
- BOUTIER, Jean. e JULIA, Dominique. (org.) *Passados re-compostos*. Campos e canteiros da história. Rio de Janeiro. Ed. UFRJ e Getúlio Vargas, 1998.
- BRANDÃO, José. *Chicago 1886 Lisboa 1986: 100 anos por 1 dia*. Lisboa, Editorial Inquérito Limitada, 1987.
- CARDOSO, Alcina & ARAÚJO, Sílvia. *1º de Maio*. Cem anos de solidariedade e luta. Curitiba: Ed. Beija Flor, 1986. p 17.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A Experiência do movimento operário*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CATOGRÁ, Fernando. *O Céu da Memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal (1756-1911)*. Coimbra: Ed. Minerva, 1999.
- DUARTE, Adriano. *Cidadania e exclusão 1937 -1945*, Florianópolis, EDUFSC, 1999.
- FERREIRA, Jorge. *O Movimento Operário Norte-Americano*. Coleção Princípios. São Paulo: Ática, 1995.
-
- _____. *Trabalhadores do Brasil: o imaginário popular (1930-1945)*. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

& DELGADO, Lucília (orgs). *O Brasil Republicano vol.1: o tempo do liberalismo excludente da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

O Brasil Republicano vol. 2 :o Tempo do Nacional-Estatismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

O Brasil Republicano vol.3: o tempo da experiência democrática. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FONSECA, Carlos da. *O 1º de Maio em Portugal 1890-1990 - crônica de um século*. Lisboa: Edições Antígona, 1990.

GEORGE, Henry, & LEÃO XIII. *A doutrina social da igreja*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1968.

GOMES, Angela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

O Primeiro de Maio. Disponível em:
http://www.cpdoc.fgv.br/nav_fatos_imagens/htm/fatos/PrimeiroMaio.asp,
 acessado em 16 de outubro de 2005.

; OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta (orgs) *Estado Novo: ideologia poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GONÇALVES, Adelaide. *Ceará socialista anno 1919*. Edição fac-similar, Fortaleza: Ed. UFC, 2001.

& BRUNO, Allysson. (orgs) *O Trabalhador Gráfico*. Edição fac-similar, Fortaleza, ED. UFC, 2002.

HAHNER, June. *Pobreza e Política: os pobres urbanos no Brasil – 1870/ 1920*. tradução Cecy Ramires Maduro. Brasília: Ed. UNB, 1993.

HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão! memória operária, cultura e literatura no Brasil*, São Paulo: Ed.UNESP, 2002.

HOBSBAWM, Eric. *Pessoas Extraordinárias*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

Mundos do Trabalho: novos estudos sobre história operária. vol.2, São Paulo: Paz e Terra, 1987.

Sobre História. 2 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1998

-
- & RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- KHRAMTSOV, A. *Tradições do Primeiro de Maio*. Moscou: Ed Progresso, 1986
- LE GOFF, Jacques. *Memória*. In: Enciclopédia Einaudi, vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1984.
- LIMA, Maria. *A construção discursiva do povo brasileiro: os discursos de 1º de maio de Getúlio Vargas*. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.
- LOPES, José Sérgio Leite. *Cultura e Identidade operária: aspectos da cultura da classe trabalhadora*. Rio de Janeiro: UFRJ-PROED.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Moscou: Ed. Progresso, 1987.
- MOTA, Aroldo. *História Política do Ceará – 1930-1945*. Fortaleza: ABC, 2000.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia (org.). *As muitas faces da história - nove entrevistas*. São Paulo: Unesp, 2000.
- PANACCIONE, Andrea. (org) *I Luogji e i Soggetti del 1º Maggio*. Veneza: Marsilio Editori, 1990.
- PANDOLFI, Dulce (org) *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- PERROT, Michelle. - *Os Excluídos da História*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- PETERSEN, Sílvia. *Que a União Operária Seja Nossa Pátria! História das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações*. Santa Maria: Editora UFSM: Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2001.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio & HALL, Michael. *A Classe operária no Brasil 1889-1930 – documentos*. Vol 1 – o movimento operário. São Paulo: Alfa e Ômega, 1979.
- RIOS, Alceo. *Primo Maggio. Le origini di una festa*. Storia Dossier. Florença: Giunti gruppo editoriale, 1990.
- RODRIGUES, Edgar. *Alvorada Operária: os congressos operários no Brasil*. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1979.
- ROIO, José Luis del. *1º de Maio, cem anos de luta 1886-1986*. São Paulo: Global, 1986.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA, PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO - DPH. *1890 – 1990. Cem Vezes Primeiro de Maio*. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, Secretaria Municipal da Cultura, Prefeitura Municipal de São Paulo, 1990.

_____. *O Direito à memória – patrimônio histórico*. São Paulo: DPH, 1992.

SEGATTO, José. *PCB: Memória Fotográfica 1922 1982*. São Paulo: Ed Brasiliense, 1982.

SELLERS, Charles. *Uma Reavaliação da História dos EUA*. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1990.

SOUZA, Simone (org) *Uma nova História do Ceará*. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2002.

THOMPSON, Edward Palmer. *As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2001.

_____. *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros*. Uma crítica ao pensamento de Althusser. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

_____. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

TOLEDO, Edilene. *Anarquismo e Sindicalismo Revolucionário: trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. *Travessias Revolucionárias: idéias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890 -1945)*. Campinas: Ed Unicamp, 2004.

VARGAS, Getúlio. *A Nova política do Brasil*. Vol. 6 Realizações do Estado Novo 1 de agosto de 1938 a 7 de setembro de 1939. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1938.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

ZINN, Howard. *A People's History of the United States 1492-present*. Nova Iorque: Harper Collins publishers, 2003.

Artigos

- ABREU, Berenice. Odisséia numa jangada. In: *Revista Nossa História*. Rio de Janeiro: Vera Cruz. ano 1. n° 8 junho de 2004.
- ARÊAS, Luciana. As comemorações do Primeiro de Maio no Rio de Janeiro (1890-1930). In: *Revista História Social*. Campinas: Ed. Unicamp, 1998.
- ARENDT, Hanna. O conceito de história – antigo e moderno. In: *Entre o Passado e o Futuro*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- MOURA, Esmeralda. Um sólido anzol de aço. Estado e ação operária na República Velha. In *Revista Adusp*, n°10, junho de 1997. disponível em: <http://www.adusp.org.br/revista/10/r10a07.pdf>
- NEVES, Frederico de Castro. Getúlio e a seca: políticas emergenciais na era Vargas. In *Revista Brasileira de História*. vol.21, n°40. ANPUH, 2001,
- QUEIROZ, Raquel de. Primeiro de Maio. Jornal *O Povo*, Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha. 01/05/1992.
- GONÇALVES, Adelaide. O Primeiro de Maio: memória, símbolo e rito da vida operária, Fortaleza, UFC, 2001.
- PERICÁS, Luiz Bernardo. Considerações sobre o movimento operário dos Estados Unidos (1870-1914). In: *Revista Entre Passado & Futuro* n° 3 - *Revista de História Contemporânea*. Publicação quadrimestral do GT - Grupo de pesquisa História e Economia Mundial Contemporâneas do CNPq. São Paulo: Xamã VM Editora e Gráfica Ltda., 2002.
- PETERSEN, Sílvia. Proletários subversivos, in: *Revista Nossa História*. Rio de Janeiro: Ed Vera Cruz, Maio de 2004.
- PINTO, Surama Conde. O Partido Democrático do Distrito Federal: Bases e limites de um projeto democrático nos anos vinte. In: *Anais XI Encontro Regional de História / ANPUH*, 2004. Rio de Janeiro: Simpósio diferenças e desigualdades - XI Encontro Regional de História da ANPUH, 2004.

Capítulos em livros

- BATALHA, Cláudio. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. In: *Brasil Republicano volume 1*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- _____. Cultura associativa no Rio de Janeiro. In: *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.
- BOREJSZA, Jerzy. Primo Maggio all'est. Due storie differenti: URSS e Polônia. In: *Primo Maggio. Le origini di una festa*. Florença: Storia Dossier, Giunti, 1990.
- CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- D'ARAÚJO, Maria Celina. Estado, classe trabalhadora e políticas sociais. In: *O Brasil Republicano. Vol.2*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- OLIVEIRA, Lúcia. Sinais da modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In *Brasil Republicano vol. 2*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FORTES, Alexandre. Miríades por toda a eternidade in. *Revista Tempo Social*, revista de sociologia da USP. V 18 nº1, junho de 2006.
- CORDEIRO JR, Raimundo. A Legião Cearense do Trabalho. In: *Uma nova História do Ceará*, Fortaleza, Ed. Demócrito Rocha, 2002.
- GARCIA, Marco Aurélio. Tradição, Memória e história dos Trabalhadores. In: *O Direito à memória – patrimônio histórico*. São Paulo: DPH, 1992.
- GOMES, Ângela de Castro. Ideologia e trabalho no Estado Novo. In: *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- _____. Construção do homem novo: o trabalhador brasileiro in: *Estado Novo: ideologia poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GONÇALVES, Adelaide. Imprensa dos Trabalhadores no Ceará: histórias e memórias. In: *Uma nova História do Ceará*, Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2002.
- SOUZA, Simone. Da Revolução de 30 ao Estado Novo. In *Uma nova História do Ceará*, Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 2002.

- SEGATTO, José. PCB: a questão nacional e a democracia. In: *O Brasil Republicano*, vol 3, Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.
- NEVES, Margarida. Os Cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: *O Brasil Republicano vol. 1*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- OLIVEIRA, Lúcia. Sinais da modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In *Brasil Republicano vol. 2*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.
- PAOLI, Maria Célia. Memória, história e cidadania: o direito ao passado. In: *O direito a memória – Patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: DPH, 1992.
- PANDOLFI, Dulce. Os anos 30 e as incertezas do regime. *O Brasil Republicano*, vol 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- RÈBÉRIOUX, Madeleine. Lugares de memória operária. In: *O direito à memória – patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: DPH, 1992.
- RESENDE, Maria Efigênia. O Processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico. In: *O Brasil Republicano vol. 1*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Dissertações e teses

- SANTOS, Jovelina. *Do Circulo Operário ao Sindicato: a Igreja católica e a organização dos trabalhadores no Ceará -1915-1963*. Dissertação. Fortaleza: UFC, 2004.
- SANTOS, Carlos Augusto. *Cidade Vermelha: a militância comunista em Camocim – CE 1927-1950*. Dissertação. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.
- GONÇALVES, Adelaide. *Imprensa dos Trabalhadores no Ceará: 1862 aos anos 1920*. Tese. Florianópolis: UFSC, 2000
- KOCHER, Bernardo. *Luto-Luta: o Primeiro de Maio no Rio de Janeiro. 1890-1940*. Dissertação. Niterói: UFF, 1987.

FICHA CATALOGRÁFICA**L731u**

Lins, Lindericy Francisco Tomé de Souza.

Um dia, muitas histórias... Trajetória e concepções do Primeiro de Maio em Fortaleza, da Primeira República ao Estado Novo/ Lindericy Francisco Tomé de Souza Lins. – 2006. 165p. : il.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) em História Social. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2006. Adelaide Maria Gonçalves Pereira (orientadora).

1. Dia do Trabalho– História – Fortaleza (CE) – 1892 -1945.
2. Movimento Operário – História – Fortaleza (CE) – 1892-1945. I. Universidade Federal do Ceará. Mestrado em História Social II. Pereira, Adelaide Maria Gonçalves. III. Título.